

ANA AMÉLIA MENEGASSO DA SILVEIRA

**AS VOGAIS PRETÔNICAS NA FALA CULTA DO NOROESTE  
PAULISTA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística)

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto  
2008

Silveira, Ana Amélia Menegasso da.  
Estudos lingüísticos : análise lingüística / Ana Amélia Menegasso da  
Silveira. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2008.

142 f. ; 30 cm.

Orientador: Luciani Tenani  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de  
Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Vogais médias pretônicas. 3. Variação  
(Lingüística). I. Tenani, Luciani. II. Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. T.

CDU - 81'34

**ANA AMÉLIA MENEGASSO DA SILVEIRA**

As Vogais Pretônicas na Fala Culta do Noroeste Paulista

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, área de Análise Lingüística junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciani Ester Tenani  
Professora Doutora  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Ruth Moresco Miranda  
Professora Doutora  
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves  
Professor Doutor  
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 17 de abril de 2008

*A Deus, que me capacitou na  
realização desta pesquisa.*

*Aos meus pais, Rubens e Vera, que  
sempre me incentivaram aos  
estudos e não mediram esforços  
para que eu chegasse até aqui.*

*À minha irmã Kamila, que mesmo  
na distância se fez presente.*

*E ao Renato, pelo amor, paciência,  
confiança e compreensão, sempre...*

Dedico esta dissertação.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Luciani Tenani, por ter me dado a oportunidade de crescer intelectualmente, por aconselhar-me sempre que preciso e conduzir-me, confiantemente, até o final deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP, pela bolsa concedida durante os dois anos da pesquisa.

Aos professores do DELL (Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários), de modo especial, ao professor Sebastião Carlos que me ajudou, pacientemente, a lidar com o Programa Estatístico VARBRUL.

Ao professor Roberto Camacho, pelos valiosos comentários durante a qualificação.

Ao professor Lourenço Chacon, que, já no finalzinho de tudo, esclareceu-me dúvidas de modo que sua contribuição foi imprescindível ao desenvolvimento do trabalho.

Ao professor Peter Harris, pelo auxílio na redação do abstract.

A toda minha família, tios, primos e avós, pelo carinho e confiança.

Às queridas Adriana, Carla e Maura, amigas que, após a graduação, seguiram caminhos diferentes aos meus, mas continuaram muito presentes em minha vida. Agradeço pelos conselhos valiosos e pelo incentivo constante.

A todos os meus amigos de Tanabi, por compartilharem comigo a espera ansiosa da conclusão do trabalho.

Aos informantes do Banco de Dados IBORUNA, sem os quais seria impossível a coleta dos dados utilizados na pesquisa.

E, finalmente, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – ALÇAMENTO VOCÁLICO NO PORTUGUÊS.....</b>	<b>18</b>
1.1. Algumas Pesquisas Históricas.....	19
1.2. A Teoria da Variação Lingüística.....	22
1.2.1. O Tratamento Estatístico.....	24
1.2.2. Os Modelos Neogramático e de Difusão Lexical.....	26
1.3. Os Fenômenos de Harmonização e de Redução Vocálicas.....	29
1.4. Vogais Pretônicas no Brasil: Estudos Revisitados.....	30
1.4.1. Dados da Região Sul.....	35
1.4.2. Dados da Região Sudeste.....	38
1.4.3. Dados da Região Norte.....	42
1.4.4. Dados da Região Nordeste.....	44
1.5. Resumo.....	49
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....</b>	<b>51</b>
2.1. A Comunidade de Fala.....	52
2.1.1. Um Pouco de História.....	54
2.1.2. Panorama Atual.....	55
2.2. O Banco de Dado IBORUNA.....	57
2.3. Critérios de Constituição do <i>Corpus</i> .....	60
2.3.1. As Variáveis Sociais.....	60
2.3.2. As Variáveis Estruturais.....	63
2.3.2.1. Vogal da Sílabas Tônica.....	64
2.3.2.2. Posição da Vogal Pretônica em Relação à Sílabas Tônica.....	65
2.3.2.3. Vogal Átona Seguinte.....	66
2.3.2.4. Segmento Precedente.....	67
2.3.2.5. Segmento Seguinte.....	68
2.3.2.6. Tipo de Sílabas.....	69
2.3.2.7. Nasalidade.....	70
2.3.2.8. Grau de Atonicidade da Vogal Pretônica.....	72
2.3.3. Delimitação da Variável Dependente.....	74
2.3.3.1. Vogal Inicial.....	76
2.3.3.2. Hiato.....	77
2.3.3.3. Prefixo.....	78
2.4. Resumo.....	79
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>81</b>
3.1. A alçamento vocálico no dialeto riopretano: resultados.....	82
3.1.1. Vogal da Sílabas Tônica e Posição da Vogal Pretônica em Relação à Sílabas Tônica.....	85
3.1.2. Vogal Átona Seguinte.....	91
3.1.3. Segmento Precedente.....	95
3.1.4. Segmento Seguinte.....	100

3.1.5. Tipo de Sílabas e Nasalidade.....	104
3.1.6. Grau de Atonicidade da Vogal Pretônica.....	112
3.2. Discussão dos Resultados.....	114
3.3. Resumo.....	119
<b>CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>140</b>



## LISTA DE DIAGRAMAS

<b>Diagrama 1</b> – Sistema Vocálico do Português (Posição Tônica) .....	30
<b>Diagrama 2</b> – Sistema Vocálico do Português (Posição Pretônica).....	31
<b>Diagrama 3</b> – Diagrama de Daniel Jones.....	87

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> – Localização do município de São José do Rio Preto.....	52
<b>Mapa 2</b> – Região Administrativa de São José do Rio Preto.....	53

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Itens com vogal inicial /e/ seguida de /S/ ou /N/.....	77
<b>Quadro 2</b> – Categorização dos prefixos do PB.....	78

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Alçamento das pretônicas /e/ e /o/ com relação à faixa etária.....	60
<b>Tabela 2</b> – Aplicação da regra de alçamento na variedade culta de São José do Rio Preto....	82
<b>Tabela 3</b> - Aplicação da regra de alçamento nos dialetos considerados.....	84
<b>Tabela 4</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal tônica.....	86
<b>Tabela 5</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação à posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica.....	90
<b>Tabela 6</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal átona seguinte.....	92
<b>Tabela 7</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento precedente.....	96
<b>Tabela 8</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento posterior.....	101

<b>Tabela 9</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao tipo de sílaba.....	106
<b>Tabela 10</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação à nasalidade.....	109
<b>Tabela 11</b> – Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao grau de atonicidade da vogal pretônica.....	112

## RESUMO

Este trabalho apresenta o comportamento das vogais médias pretônicas no português culto falado na região de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo. Nessa localidade, é comum observarmos, na pauta pretônica, a variação lingüística que envolve as vogais médias [e, o] e as altas [i, u], respectivamente, fato que gera formas alternantes como *al[e]gria ~ al[i]gria* e *n[o]tícia ~ n[u]tícia*. Denominado na literatura como Alçamento Vocálico, esse fenômeno fonológico é aqui abordado segundo o modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Quantitativa. Assim, os fatores estruturais considerados foram: i) vogal da sílaba tônica, ii) posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica, iii) vogal átona seguinte, iv) consoantes precedentes, v) consoantes seguintes, vi) tipo de sílaba, vii) nasalidade, e viii) grau de atonicidade da vogal pretônica. Quanto aos fatores sociais, observamos a faixa etária do indivíduo do qual foram extraídos os dados. O *corpus* utilizado compreendeu 2246 contextos de vogal pretônica /e/ e 1590 contextos de vogal pretônica /o/, a partir da observação da fala de 16 informantes do sexo feminino, com nível superior de ensino, inseridos em quatro faixas etárias (16 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 55 anos; mais de 55 anos). Para a realização da análise, os dados foram submetidos ao Programa Estatístico VARBRUL e, com base nos resultados gerados pelo programa, interpretamos que a elevação das vogais, no dialeto do noroeste paulista, é resultado, sobretudo, da redução da diferença articulatória da pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes. Também atribuímos à vogal contígua à pretônica importante papel na implementação da regra do alçamento, ao acreditarmos que a presença de vogal tônica contígua, em muitos casos, reforçou a manifestação da regra que eleva o traço de altura das vogais pretônicas.

**Palavras-chave:** variação, vogais pretônicas, processos fonológicos.

## ABSTRACT

This study presents the behaviour of the medium vowels, in pretonic position, based on data obtained from the dialects of the north-west of the State of São Paulo. In this region, pretonic mid vowels can change between mid-realizations [e, o] and high [i, u], in words like *al[e]gria* ~ *al[i]gria* and *n[o]tícia* ~ *n[u]tícia*. Referred to in the literature as Vowel Raising, this phonological phenomenon is in accordance with the theoretical model of Quantitative Sociolinguistics. The structural factors considered are: i) tonic vowel, ii) position of pretonic vowel in relation to tonic syllable, iii) subsequent vowel, iv) preceding consonant, v) subsequent consonant, vi) syllable structure, vii) nasality, and viii) grade of atonicity of the pretonic vowel. With regard to the social factor, the speaker's age is taken into consideration. The data utilised was composed of 2246 realisations of the pretonic vowel /e/ and 1590 realisations of the pretonic vowel /o/, observed in the speech of 16 university-educated female speakers, in four age-bands (16 to 25; 26 to 35; 36 to 55 and over 55 years of age). The data was submitted to the VARBRUL statistical model. and the results showed that vowel raising occurs as a means of reducing articulatory difference between pretonic vowels and adjacent consonants. The subsequent and tonic vowels also exert an important influence on the vowel raising, confirming the application of the rule in many cases.

**Key-words:** variation, pretonic vowels, phonological process.

## INTRODUÇÃO

O estudo da variação e da mudança lingüística, nos mais diversos níveis do sistema, tem encantado muitos lingüistas. A observação e a descrição da língua utilizada em situações concretas de interação social, particularmente na modalidade falada, embasam um grande número de indagações, e, em consequência disso, uma produção científica crescente.

A variação lingüística existente hoje no Português do Brasil, daqui em diante PB, é, segundo Leite e Callou (2002), fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos de nossa história. São fatos dessa natureza que levam os pesquisadores a observar que, para cada variedade do país, nos diferentes registros da modalidade de fala, há uma norma e variantes, o que, por sua vez, não anula a diversidade.

Embora na década de 60 tenham começado a surgir alguns estudos sobre a linguagem popular em algumas poucas áreas do país, registrados por meio dos denominados *Atlas Lingüísticos*, foi somente a partir da década de 70 que tiveram início, no Brasil, trabalhos com metodologia quantitativa rigorosa, com a utilização de programas computacionais de análise variacionista.

No que diz respeito à investigação do português falado no estado de São Paulo, ou mais especificamente, na região do noroeste paulista, começou a se desenvolver em 2003, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (Unesp) o Projeto Alip (Amostra Lingüística do Interior Paulista). Juntamente com o desenvolvimento desse

projeto, cujo objetivo principal foi a realização de um censo lingüístico no município de São José do Rio Preto e mais seis cidades circunvizinhas a ele, surgiu também uma série de investigações sobre a língua falada nessa região.<sup>1</sup>

Atualmente, esses trabalhos abrangem as mais diversas áreas da Lingüística (semântica, fonologia, sintaxe, etc),<sup>2</sup> o que significa dizer que o português do noroeste paulista vem sendo estudado em seus diferentes aspectos e a pesquisa que ora apresentamos pretende contribuir, de forma significativa, para a descrição de seu sistema fonológico.

Indubitavelmente, uma das riquezas do PB é a gama de variações de realização do sistema vocálico, dentre as quais destacamos o diferenciado comportamento das vogais átonas. Nos estudos sobre a modalidade falada do PB, as vogais átonas têm sido consideradas um fator de diferenciação não só entre os diversos dialetos do país, mas também entre o PB e o Português Europeu.

Como já havia sido abordado por Nascentes (1953), no PB, a variação observada para as vogais átonas /e, o/, em posição pretônica, estabelece a linha divisória entre os falares do norte, que em geral optam pela realização das médias [e, o] e médio-baixas [ɛ, ɔ], e os falares do sul, nos quais percebemos a realização das médias [e, o] ou médio-altas [i, u]. A opção por cada uma dessas vogais obedece a condicionamentos estruturais e, algumas vezes, sociais, caracterizando sutilezas que passam, muitas vezes, despercebidas dos falantes e ouvintes.

Na região de São José do Rio Preto, localizada na parte sul conforme divisão de Nascentes, é comum percebermos, portanto, a concorrência, na posição pretônica, entre vogais altas [i, u] e médias [e, o], fato que reflete a manifestação de um fenômeno fonológico

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que, anteriormente à constituição desse Banco de Dados, já haviam sido realizadas algumas pesquisas acerca do português falado na região de São José do Rio Preto, por exemplo, Castro (2002) e Prando (2000), as quais investigaram os usos da variante retroflexa, e Vettorazzo (2002), que estudou os possessivos “seu” e “dele”.

<sup>2</sup> No nível sintático, citamos Rúbio (2008), sobre a concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural.

denominado na literatura como Alçamento<sup>3</sup> Vocálico, por elevar o traço de altura das vogais médias e gerar formas alternantes como como *m[e]dida ~ m[i]dida* e *d[o]mingo ~ d[u]mingo*.

O estudo do alçamento vocálico no noroeste paulista é o objeto deste trabalho. Nossa meta, portanto, é realizar uma análise descritiva do que acontece com as vogais em posição **pretônica**, considerando a influência de fatores estruturais.. Assumimos, com base na literatura sobre o tema e no modelo teórico-metodológico adotado, a hipótese de que o fenômeno de que tratamos é um caso de variação no nível fonológico e pode ser descrito tanto pela estrutura interna da língua (fatores estruturais), quanto por características intrínsecas ao indivíduo ou à sociedade ao qual ele pertence (fatores extralingüísticos).

Apesar desse fato, a análise que aqui realizamos será preponderantemente estrutural, tendo em vista que os grupos de fatores sociais foram desconsiderados. Sabemos que incluir a análise das variáveis sociais é fato extremamente relevante, em um estudo de cunho sociolingüístico, entretanto, pela complexidade do fenômeno abordado e por fatores mais adiante explicitados, restringimos, neste momento, nosso olhar aos fatores estruturais que influenciam a aplicação da regra do alçamento, neste dialeto. Sob essa perspectiva, nossa análise parte da discussão existente na literatura entre os fenômenos de harmonização vocálica (BISOL, 1981) e de redução vocálica (ABAURRE-GNERRE, 1981), no que diz respeito aos fatores estruturais envolvidos no alçamento<sup>4</sup>.

Embora pretendêssemos, de início, realizar também uma análise formal, embasada pelo modelo de Traços da Teoria Autossegmental, ou ainda pelos pressupostos da Teoria da Otimalidade, muito utilizada nos estudos contemporâneos da Fonologia, ressaltamos o caráter exclusivamente descritivo de nossa pesquisa. Por questões como o tempo de exequibilidade

---

<sup>3</sup> Utilizamos os termos alçamento, elevação, levantamento e alteamento para fazer referência ao mesmo fenômeno fonológico.

<sup>4</sup> As questões que envolvem a discussão entre esses fenômenos fonológicos serão detalhadas no capítulo próximo.

para cumprir os objetivos inicialmente propostos, decidimos por realizar, o que já caracteriza um trabalho bastante exaustivo, uma observação explanatória dos efeitos prováveis dos grupos de fatores na regra variável do alçamento, sem nos atermos a uma discussão formal dessa regra.

Com isso, visamos, dentre outros aspectos, (i) contribuir de maneira relevante com a caracterização da variedade falada no noroeste paulista, e (ii) oferecer elementos para melhor compreensão da diversidade lingüística no Brasil, e assim, da nossa identidade como falantes da variante brasileira do Português.

Tendo em vista cumprir os objetivos acima determinados, apontaremos, no capítulo 1, algumas pesquisas sobre as vogais pretônicas, destacando os primeiros estudos observados para o PB. Ainda nesse capítulo, apresentaremos as noções fundamentais do modelo-teórico metodológico utilizado (Sociolingüística Quantitativa), bem como introduziremos a discussão sobre o papel do léxico nas mudanças sonoras, notadamente a partir de perspectivas de inclinação neogramática e difusionista. Também será pauta desse capítulo a problemática que envolve os fenômenos de harmonização vocálica e redução vocálica, como possíveis desencadeadores do alçamento da vogal. Por fim, destacaremos alguns trabalhos mais recentes sobre o comportamento das pretônicas em diversas regiões do país.

No capítulo 2, trataremos, em primeiro lugar, da comunidade de fala de onde foram retirados os dados, ressaltando-se as características históricas e socioeconômicas da região de São José do Rio Preto. Nas seções seguintes, apresentaremos informações referentes à constituição da amostra, quando incluiremos a descrição do Banco de Dados utilizado, a exclusão das variáveis sociais, a seleção das variáveis estruturais, bem como a delimitação da variável dependente.



A análise e a descrição dos resultados gerados pela análise estatística serão realizadas no capítulo 3, a partir de tabelas que contêm os pesos relativos e as frequências referentes à aplicação da regra do alçamento para cada variável selecionada. A partir disso, retomaremos a discussão introduzida no primeiro capítulo, acerca dos processos fonológicos de harmonização vocálica (BISOL, 1981) e de redução vocálica (ABAURRE-GNERRE, 1981) como possíveis desencadeadores da regra do alçamento na fala culta do dialeto riopretano.

No quarto e último capítulo, apresentaremos as conclusões gerais da elevação em /e/ e em /o/ nos dados aqui analisados.

## CAPÍTULO 1

# ALÇAMENTO VOCÁLICO NO PORTUGUÊS

Neste capítulo, realizamos uma breve descrição de pesquisas sobre a variação das vogais pretônicas, destacando-se alguns estudos pioneiros no Português. Além disso, tratamos de trabalhos mais recentes sobre o assunto, particularmente daqueles que envolvem o comportamento das pretônicas em diversas regiões do país. Visamos traçar um panorama do alçamento quer no que tange às suas características fonológicas, quer no que pode contribuir com a caracterização sociolingüística das variedades já estudadas.

Neste capítulo, além de apresentarmos a discussão de fenômenos fonológicos como harmonização e redução vocálica, elencamos os conceitos fundamentais do modelo teórico-metodológico Sociolingüística Quantitativa de Labov (1972). No momento em que tratamos desse modelo, introduzimos a problemática sociolingüística a respeito do papel do léxico nas mudanças sonoras, tendo em vista as perspectivas teóricas neogramática e difusionista.

Para tanto, retratamos, na seção (1.1.) alguns trabalhos iniciais acerca das vogais átonas do português, ressaltando-se algumas diferenças estruturais entre o português brasileiro e o lusitano. Em (1.2.) trabalhamos as noções centrais da Sociolingüística Quantitativa e apresentamos a discussão existente entre os modelos sociolingüísticos para tratar da mudança sonora. Na seção (1.3.), abordamos a discussão em torno do fenômeno de alçamento como resultado de um processo de harmonização vocálica, conforme Bisol (1981) ou de redução vocálica, segundo Aburre-Gnerre (1981).

Finalmente, na seção seguinte (1.4.), descrevemos alguns trabalhos sobre a variação da pretônica em diferentes regiões brasileiras, a partir dos estudos de Bisol (1981), Célia (2004), Freitas (2001), Pereira (2004), Schwindt (2002), Silva (1991) e Viegas (1987).

### **1.1. Algumas Pesquisas Históricas**

De acordo com estudiosos como Bisol (1981, 1983), a variação das vogais médias, em posição pretônica, reflete uma regra muito antiga, oriunda do latim do século IV d.C.. Para ela,

Os fatos indicam a persistência ininterrupta das variáveis e~i, o~u. Elas começaram a sua história no latim dos fins do Império Romano, titubearam no português arcaico entre várias alternativas e sistematizaram-se no português quinhentista, ficando também documentadas em registros de pronúncia do séc. XVIII. (BISOL, 1983. p. 255).

Naro (1973), ao investigar a natureza fonética dos segmentos vocálicos em português, observa que, nos séculos XVI, XVII e XVIII muitos gramáticos falam da distinção entre [e] e [i] em termos de altura da língua, mas distinguem [o] e [u] somente pelo arredondamento dos lábios. Pela semelhança fonética dos pares [e, i] e [o, u], esses estudiosos da língua discorrem, com frequência, da relação estreita entre essas vogais.

É muito difícil, contudo, obter evidências fonéticas da variação pretônica dos períodos anteriores aos referidos séculos, sendo a escrita ortográfica a única fonte existente, conforme registra Naro (1973). Para o autor, a ortografia anterior ao século XVI precisa ser dividida em, pelo menos, dois períodos, embora seja comum usar o rótulo enganador de “período fonético”

para toda a ortografia pré-clássica. Ele ressalta que a escrita dos primeiros documentos em prosa que apareceram em português é muito diferente daquela que se desenvolveu mais tarde.

Um fato interessante citado pelo autor é o de que em certos documentos anteriores a meados do século XIV é possível encontrar uma ocorrência essencialmente acidental das letras “i” e “u” onde se esperaria encontrar “e” e “o”, respectivamente. Exemplos que ilustram a troca de “o” por “u” seriam: *furum* por *foram*, *duze* por *doze*, *amur* por *amor*, *fur* por *for*, *sumus* por *somos*, *priuereza* por *prioreza*, ‘*mus*’ por ‘*mos*’ (desinência verbal de 1ª pessoa, como em *damus* por *damos*). Já para a letra “e”, o autor cita as alternâncias: *aquiles* por *aqueles*, *sanguĩ* por *sangue*, *comeram-si-lo* por *comeram-se-lo*.

Ainda segundo Naro (1973), em alguns desses exemplos, a ortografia é influenciada pelo latim, como em *sumus* e ‘*mus*’. Existem casos, no entanto, que não podem ser assim explicados. Estes sugerem ou que as vogais médias tornam-se vogais altas em todas as posições, incluindo a tônica, ou que os pares “e, i”, “o, u” eram suficientemente semelhantes para causar confusão. A primeira possibilidade é excluída, porque as vogais médias e altas, quando tônicas, são distintas em quase todos os dialetos.

O que devemos, de fato, enfatizar em nossa pesquisa é que o comportamento variável das vogais átonas /e/ e /o/, especialmente das que se encontram em posição pretônica, é um fenômeno observável na Língua Portuguesa desde o século XVI, momento em que já é possível encontrarmos documentos que tratam da variação das átonas, como as gramáticas desse período, conforme admite Naro (1973).

Para além da escrita, que não é o foco de nosso estudo, é possível, atualmente, comprovar a variação da vogal pretônica na fala, por meio do registro dessa modalidade da língua, i.e, a partir da observação de dados de fala. Mais do que perceber a alternância que

existe entre essas vogais no português, é necessário pontuar que a variação da pretônica determina um dos principais aspectos que diferencia o português brasileiro do europeu<sup>5</sup>, tendo em vista que, no Brasil, a herança desse fenômeno tomou rumos diversos daqueles tomados pelas vogais átonas em Portugal.

Em seu estudo sobre a história da Língua Portuguesa, Teyssier (1982) comenta que a instalação dos portugueses no Brasil aconteceu em meados do século XVI, ou seja, no momento em que as primeiras mudanças do PE já haviam se realizado. O PB, por sua vez, evoluiu, durante parte do período colonial, conforme as transformações do PE. Chegou um momento, no entanto, em que o português aqui falado não mais seguiu, ou seguiu apenas parcialmente, as inovações européias, o que resultou, por exemplo, na pronúncia diferenciada das médias pretônicas do PB e do PE. Enquanto no Brasil [e] e [o] alternam suas pronúncias com as altas [i] e [u], respectivamente, em Portugal, a vogal /e/ realiza-se como [ə] ou reduz-se a zero e a vogal /o/ torna-se [u], na maioria das vezes.

A partir dessas informações, concluímos que as variações das pretônicas tiveram origem na mudança do latim para o português, passando pela transformação das médias em altas, no português arcaico. Destacamos, contudo, que, no Brasil, essas variações não coincidem exatamente com o que ocorre no PE. Em nosso país, segundo o que considera Viegas (1987) em sua dissertação, a variação entre as vogais médias e altas pretônicas foi reintroduzida, tanto para as vogais anteriores, quanto para as posteriores. Já em Portugal, tal fato se deu somente para as anteriores, no português moderno.

Como conseqüência disso, no PE, atualmente, as vogais pretônicas posteriores são altas, ou seja, pronunciadas como [u], e as pretônicas anteriores correspondem a um [e] “mudo”. De modo diferente, no Brasil, a variação observada entre as pretônicas [e, o] e [i, u],

---

<sup>5</sup> Daqui em diante, usaremos PE para referência ao Português Europeu.

respectivamente, resulta, por vezes, em diferenças dialetais, o que permite uma divisão que se estabelece entre as regiões Norte e Sul do país, de acordo com Teyssier (1982):

Há, hoje, na língua do Brasil, uma certa diversidade geográfica. Os lingüistas vêm tentando elaborar o mapa dos dialetos brasileiros (...). Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até a cidade de Mato Grosso, no estado de mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. (TEYSSIER, 1982: p. 79-80).

A fim de identificarmos essas diversidades, ou ao menos parte delas, consideramos, nas seções seguintes, alguns trabalhos sobre a variação da pretônica em diferentes regiões do Brasil. É nosso objetivo, portanto, compararmos nossos resultados com aqueles encontrados nos referidos estudos. Antes, porém, na seção (1.2.), abordamos os principais conceitos do modelo teórico-metodológico utilizado nas análises.

## **1.2. A Teoria da Variação Lingüística**

O modelo de análise empregado nesta e nas pesquisas a que faremos referência foi proposto por Labov (1972) e apresenta-se, segundo Tarallo (2004), como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados, convencionou-se nomear esse modelo de “teoria da variação lingüística” ou “sociolingüística quantitativa”.

Nesse modelo, Labov (1972) caracteriza o vernáculo como o material básico de análise, insistindo na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se

sistematizar a variação existente na língua falada. Conforme Tarallo, o vernáculo pode ser entendido como as partes do discurso falado, ou seja, “o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. (TARALLO, 2004, p. 19),

Assim, a sociolingüística laboviana toma como objeto de estudo a diversidade lingüística observada na fala. Em outros termos, esse modelo trata das formas lingüísticas em variação, isto é, das diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, a que se dá o nome de variantes lingüísticas. O conjunto de variantes, por sua vez, configura um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável lingüística dependente.

A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável lingüística dependente (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância. (MOLLICA, 2004, p. 11).

Dizemos que o fenômeno em variação constitui uma variável dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores, comumente denominados de variáveis lingüísticas independentes. Esses grupos de fatores podem ser de natureza interna (estrutural) ou externa (social) à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo a frequência dos mesmos.

Os primeiros, de natureza interna, incluem os fatores fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais e indicam o tratamento da variação lingüística em seus mais diferentes níveis de análise. O fenômeno variável que analisamos nesta dissertação, o

alçamento vocálico no noroeste paulista, constitui uma investigação no nível fonológico, em que se observam duas variantes lingüísticas: a aplicação (*p[i]queno*) ou a não-aplicação (*p[e]queno*) da regra que eleva o traço de altura das vogais pretônicas /e, o/.

No que diz respeito aos grupos de fatores de natureza externa que podem estar influenciando um determinado fenômeno, destacamos as características inerentes ao indivíduo (sexo, idade e etnia), fatores sócio-geográficos (região, escolaridade, renda, profissão e classe social) e fatores contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva). Voltamos a enfatizar, contudo, que, nesta pesquisa, realizamos uma descrição somente dos fatores internos, ou mais especificamente, dos fatores fonológicos<sup>6</sup> envolvidos no comportamento variável das vogais pretônicas da fala culta do noroeste paulista.

Passemos, na seção (1.2.1), a outra questão que caracteriza a metodologia quantitativa adotada.

### **1.2.1. O Tratamento Estatístico**

Uma das questões centrais da metodologia variacionista, de acordo com Oliveira e Silva & Scherre (1998), consiste em desenvolver ou definir modelos matemáticos que sejam capazes de associar adequadamente pesos relativos ou probabilidades aos diversos fatores de cada variável independente ou grupo de fatores. Nesse sentido, é possível medir tanto a influência que cada um destes fatores exerce sobre a presença de uma ou outra variante de um determinado fenômeno lingüístico, quanto a força de atuação conjunta das categorias presentes num dado contexto.

---

<sup>6</sup> Os grupos de fatores internos considerados serão demonstrados no capítulo 2.



Em 1974, o subsídio estatístico da Sociolinguística Quantitativa teve seus fundamentos lançados por Cedergren e Sankoff. O modelo matemático desenvolvido por eles resultou na criação de um programa computacional denominado VARBRUL. Os subprogramas desse pacote estatístico geram como produto final resultados numéricos que medem o efeito relativo de cada grupo de fator no fenômeno variável sob análise. Além dos valores projetados, denominados pesos relativos, os subprogramas apresentam também valores percentuais e medidas estatísticas diversas, que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico. (SCHERRE & NARO apud MOLLICA, 2003).

Tendo em vista que em um estudo variacionista não é possível determinar categoricamente que um fator específico é o responsável pela distribuição das variantes, a análise estatística procura revelar, portanto, os efeitos probabilísticos dos fatores sociais e lingüísticos na distribuição das variantes.

Assim sendo, submetemos nossos dados ao programa estatístico VARBRUL, com o intuito de garantir o desempenho de cada grupo de fator, interno e externo à língua. Os resultados gerados serão interpretados a partir das seguintes informações:

- **Frequência:** corresponde ao valor indicativo da frequência de ocorrência do alçamento em percentuais.
- **Peso Relativo:** o peso relativo dos fatores vai de 0 a 1. Para efeito de análise, consideramos os valores mais próximos de 1 os mais favoráveis à elevação da vogal e,

de modo contrário, os mais próximos a 0 são interpretados como os menos favoráveis à aplicação da regra do alçamento.

### **1.2.2. Os Modelos Neogramático e de Difusão Lexical**

Como dito, cabe à Sociolinguística Quantitativa investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação observada na língua falada (o vernáculo), diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. (MOLLICA, 2003).

No que diz respeito às propostas teóricas desse tipo de análise, Oliveira (1995) comenta que, na Sociolinguística, ao contrário do que observamos na Gramática Gerativa,

[...] os avanços se dão do empírico para o teórico, i.e., os pesquisadores passam um grande tempo examinando os fatos encontrados para poder classificá-los e submetê-los a uma análise quantitativa, à qual se segue um enunciado qualitativo que irá, este sim, esclarecer um pouco mais algum aspecto teórico. (OLIVEIRA, 1995, p. 76).

Isso significa dizer que, nas pesquisas sociolinguísticas, a formulação de uma teoria parte da observação do dado, das evidências empíricas encontradas nas línguas. É dessa maneira que se caracteriza a discussão estabelecida na literatura entre os modelos Neogramático e Difusionista acerca dos fatores envolvidos em uma mudança sonora, ou mais especificamente, em torno do papel do léxico nessa mudança.

Conforme pontua Oliveira (1995), a problemática abordada por esses modelos não gira em torno de o léxico contar ou não na mudança sonora, ou de haver ou não alguma influência do contexto fonético na mudança sonora, mas reside na escolha do controlador principal e do controlador secundário de uma mudança. Desse modo, para o modelo neogramático, as mudanças sonoras são lexicalmente abruptas e foneticamente graduais, ou seja, o fator que conduz a mudança é o fonético (1º Fonético > 2º Lexical). De maneira inversa, no modelo difusionista, a mudança é vista como lexicalmente gradual e foneticamente abrupta, sendo o léxico o fator predominante (1º Lexical > 2º Fonético). Observemos alguns aspectos particulares de cada modelo.

Na perspectiva neogramática de análise, a mudança sonora, além de lexicalmente abrupta e foneticamente gradual, é caracterizada como (a) sem exceção e (b) condicionada unicamente por fatores fonéticos. Os contra-exemplos são sempre tratados como casos de analogia ou de empréstimo. Assim, supõe-se que, para uma mudança do tipo: A → B/C \_\_\_\_ D, onde C e D são condicionantes fonéticas, todas as palavras que contenham a seqüência sonora CAD sejam simultaneamente atingidas pela mudança.

No modelo de Difusão Lexical, contudo, é o léxico que controla as mudanças sonoras, permitindo/acelerando ou restringindo/retardando a implementação das mesmas. O léxico é, nesse sentido, caracterizado como um conjunto de traços que são construídos caso a caso, nas situações concretas de interação verbal, e não como algo previamente determinado, que não pode ser alterado.

Dentro dessa abordagem, muitas têm sido as propostas encontradas na literatura, visando responder à questão de quais são as palavras mais expostas (ou menos expostas) à mudança sonora. Uma delas é aquela que se utiliza da noção de frequência para caracterizar

os itens mais expostos a uma mudança. No geral, podemos dizer que essas propostas apontam os itens mais freqüentes como sendo os mais expostos.

As relações entre Formal/Informal, Erudito/Coloquial, Comum/Próprio também são tomadas como parâmetros propostos nas análises difusionistas. Os autores cujos trabalhos utilizam-se desses parâmetros vêm defendendo, de modo geral, que os primeiros itens submetidos à mudança são os mais informais, coloquiais e comuns, ou seja, aqueles mais familiares, usados no dia a dia.

Viegas (2001), por exemplo, ao estudar o processo de alçamento de vogais médias pretônicas no português falado na região metropolitana de Belo Horizonte, observa que a seletividade lexical foi evidenciada em várias etapas do processo. De acordo com ela, os primeiros itens atingidos foram os mais comuns, transmitidos no cotidiano. Posteriormente, o processo adquiriu estigma e o alçamento foi usado para indicar desprestígio, atingindo valor pejorativo, fato observado ainda hoje, em itens como *P[o]rtuguês* (disciplina) e *p[u]rtuguês* (“piada de português”), segundo a autora.

Na análise que realizamos em nossa pesquisa, entretanto, partimos da hipótese neogramática, no sentido de que consideramos a estrutura interna do vocábulo o fator que melhor explica o comportamento variável das médias pretônicas. Dessa maneira, as variáveis internas (estruturais) à língua, selecionadas com base na literatura sobre o assunto, são tomadas como elementos centrais para o entendimento da regra que eleva o traço de altura das vogais.

Apesar disso, não descartamos a possibilidade de haver certos itens, cujo alçamento da pretônica seja melhor compreendido pela noção de seletividade lexical, do modo como pontua Viegas (2001) em seu trabalho. Por esse motivo, retomaremos a discussão que envolve

os modelos Neogramático e de Difusão Lexical no decorrer do capítulo 3, quando da análise e descrição dos dados, ou mais especificamente, quando da observação de algumas ocorrências cuja aplicação ou bloqueio da regra do alçamento não podem ser relacionados à influência de fatores internos, e, portanto, não podem ser explicados com base no que se considera no modelo Neogramático.

### 1.3. Os Fenômenos de Harmonização e de Redução Vocálicas

A partir do levantamento bibliográfico realizado no desenrolar desta pesquisa, foi possível encontrarmos duas propostas de regra com relação ao alçamento da pretônica. Uma delas é definida pelo fenômeno de harmonização vocálica, segundo estudiosos como Lemle (1974), Câmara Jr. (1970) e Bisol (1981). Já a outra pode ser caracterizada por outro fenômeno fonológico, o de redução da vogal, conforme exposto em Abaurre-Gnerre (1981). A descrição desses processos é fundamental, por serem relevantes para a análise dos dados que realizaremos mais adiante, no capítulo 3.

De acordo com a primeira proposta, a elevação do traço de altura da vogal média resulta de um processo de caráter assimilatório que muda a qualidade de uma ou mais vogais do vocábulo para harmonizar-se com outra vogal presente no mesmo vocábulo. Assim, para haver harmonização vocálica é necessário que haja uma vogal alta na sílaba contígua à que contém a pretônica candidata à elevação. Nos trabalhos que tratam da harmonização, contudo, existem divergências quanto à tonicidade da vogal alta, gatilho do processo.

Câmara Jr. (1970) afirma que a tendência à harmonização da vogal ocorre na presença de uma vogal **tônica** alta. Para fundamentar sua argumentação, apresenta o sistema vocálico

do português brasileiro, para as posições tônicas e átonas. Vejamos a figura 1 (CÂMARA JR. 1970, p. 33).

**Diagrama 1 – Sistema Vocálico do Português – Posição Tônica**

	<b>Não-arredondadas</b>	<b>Arredondadas</b>
<b>Altas</b>	/i/	/u/
<b>Médias (1º grau)</b>	/e/	/o/
<b>Médias (2º grau)</b>	/ɛ/	/ɔ/
<b>Baixa</b>	/a/	
	<b>Posteriores</b>	<b>Anteriores</b>

Notamos que, quando acentuadas, as vogais que caracterizam o sistema do português totalizam sete possibilidades de ocorrência, no entanto, esse número é reduzido para cinco, quando as vogais não são acentuadas, segundo Câmara Jr. (1970, p. 34), na figura 2.

**Diagrama 2 – Sistema Vocálico do Português – Posição Pretônica**

	Não-arredondadas		Arredondadas	
<b>Altas</b>	/i/		/u/	
<b>Médias (1º grau)</b>	/e/		/o/	
<b>Baixa</b>	/a/			
	<b>Posteriores</b>	<b>Central</b>	<b>Anteriores</b>	

Para o autor, as médias de 1º e 2º grau neutralizam-se em posição pretônica, conservando-se as médias de 1º grau /e/ e /o/, ou seja, há perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica, como em *b[ɛ]lo – b[e]leza, m[ɔ]da – m[o]derno*.

Além da neutralização, Câmara Jr. (1970) comenta a atuação do fenômeno de harmonização vocálica sobre as médias pretônicas, o que, de fato, interessa-nos observar nesse momento. Segundo ele, a elevação dessas vogais acontece em virtude da assimilação do traço de altura da vogal **alta tônica**, resultando em variantes do tipo *p[e]rigo ~ p[i]rigo, c[o]zinha ~ c[u]zinha*, ou seja, em sua análise, considera não só a contigüidade da vogal alta como condição para a regra, mas também sua tonicidade.

A necessidade de a vogal ser tônica não é confirmada, por exemplo, na pesquisa realizada por Bisol (1981). Para ela, mais do que a tonicidade, é a contigüidade o fator fundamental à regra, já que

a tonicidade por si mesma é inoperante, pois a vogal alta não atua fora do âmbito da contigüidade. Com acento ou não, ela empresta variavelmente sua articulação alta à vogal média da sílaba imediatamente precedente, abrangendo, por vezes, outras vogais da palavra à medida que se vão criando contextos apropriados. (BISOL, 1981, p. 111).

Em concordância com essa autora estão Viegas (1987), Freitas (1991), Silva (1991), Schwindt (2002) e Celia (2004). Cabe a nós, portanto, observar o que acontece para os dados da região noroeste de São Paulo, no que diz respeito a essa questão. Passemos agora à apresentação da proposta de Abaurre-Gnerre (1981) para os casos de alteamento da vogal.

No artigo “Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil”, Abaurre-Gnerre (1981) relaciona a ocorrência de levantamento da vogal a um fenômeno de redução vocálica, sugerindo, assim, uma outra motivação para o processo de alçamento e propondo uma redefinição do conceito de harmonia vocálica.

O levantamento da vogal, para essa autora, é visto, como um processo que torna os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos consonantais adjacentes. Esse processo possui, portanto, uma teleologia eminentemente articulatória e, geralmente, leva ao desaparecimento das vogais em questão nas pronúncias mais rápidas. Diferentemente do conceito observado até o momento, Abaurre-Gnerre define a harmonia vocálica como um



processo de base perceptual que propicia o abaixamento das pretônicas e confere considerável saliência prosódica à vogal.<sup>7</sup>

Com vistas nessas definições e retomando desde o início a problematização que se vem formulando acerca dos fenômenos que envolvem a elevação das pretônicas lançamos as seguintes questões sobre os dados de nosso dialeto: estaria o alçamento da pretônica relacionado à um fenômeno de harmonização, desencadeado pela assimilação do traço de altura da vogal alta seguinte, conforme defende Bisol (1981) para os dados do dialeto gaúcho? Ou o alteamento da vogal poderia ser explicado com base na diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos consonantais adjacentes, da maneira definida por Abaurre-Gnerre (1981)? Haveria, ainda, a possibilidade de considerarmos os dois processos, redução e de harmonia, igualmente relevantes para explicar o comportamento variável das pretônicas, ou seja, seria possível recorrermos à explicação pela redução i) para os itens em que não se observa contexto favorável à regra de harmonia, nos termos de Bisol, como em *b[i]zerro* e *alm[u]fada* e ii) para os itens em que, mesmo com a presença de tal contexto favorável, a regra de harmonia não se aplica, como em *b[e]liche* e *d[o]mínio*?

Viegas (1987), em sua pesquisa, considera esses aspectos e também propõe uma discussão dos processos fonológicos envolvidos. Ao final de sua análise, relaciona o fenômeno de harmonização vocálica somente aos casos de elevação da pretônica /e/ e, sobre o alçamento em /o/, argumenta: “não confirmo a hipótese de harmonização tal como proposta por Bisol (1981) [...] já que a vogal alta seguinte contínua ou não, tônica ou não, não exerce influência significativa sobre a regra do alçamento”. (VIEGAS, 1987, p. 100).

---

<sup>7</sup> Em Abaurre-Gnerre (1981), a ocorrência de harmonia vocálica é interpretada como pista de implementação de um padrão rítmico do tipo mais silábico. De modo contrário, o levantamento da vogal é visto como uma evidência de ritmo predominantemente acentual.

Desse modo, enquanto utiliza-se da harmonização vocálica para analisar grande parte dos casos de elevação da vogal anterior, caracteriza o processo de redução como o principal desencadeador do alteamento da posterior, propondo, inclusive, duas regras diferentes, expostas mais adiante, para o alçamento conforme a vogal em jogo.

É com base na discussão que se vem apresentando até agora que será desenvolvida, no capítulo 3, a análise de nossos dados. Pretendemos, ao final do presente estudo, caracterizar, pelo menos em parte, os fatores e processos fonológicos centrais à ocorrência do alçamento da pretônica em nossa região.

#### **1.4. Vogais Pretônicas no Brasil: Estudos Revisitados**

Como já destacado nas páginas iniciais do presente estudo, hoje em dia, são muitas as pesquisas que tratam dos falares do Brasil, ou mais especificamente, do comportamento, na fala, das vogais átonas nas diferentes regiões do país. A maioria desses estudos é de natureza variacionista e retrata as peculiaridades dos dialetos no que diz respeito às pretônicas /e, o/, dentre as quais incluímos, no caso, aquela que nos interessa observar, o processo de alçamento que essas vogais podem ou não sofrer.

Tendo em vista a impossibilidade de se considerar todos os estudos existentes sobre o assunto, fato que tornaria nosso trabalho inexecutável, optamos por apreciar em nossa investigação pelo menos uma pesquisa representativa de cada região do país. Decidimos, assim, fazer referência a pesquisas cujos autores realizam, assim como nós, uma análise de cunho variacionista e, portanto, utilizam-se dos mesmos critérios sociolinguísticos para efetuar a descrição do alçamento da pretônica. Na maioria desses trabalhos, a análise do

alçamento vocálico gira em torno da influência de fatores sociais e estruturais, como poderemos observar nas próximas seções deste capítulo. Entretanto, enfocaremos somente as informações referentes aos fatores estruturais, tendo em vista que, nesta investigação, são esses os fatores observados.

Desse modo, fazemos referência aos estudos de: Bisol (1981) e Schwindt (2002), representantes da região sul do Brasil, por tratarem de dados do Rio Grande do Sul; Viegas (1987) e Célia (2004), que descrevem as vogais átonas de parte da região sudeste, ou melhor dizendo, daquelas observadas nas cidades de Belo Horizonte (MG) e Nova Venécia (ES), respectivamente. Também consideramos a pesquisa de Freitas (2001), que descreve os dados do dialeto da cidade de Bragança (PA), norte do Brasil; Pereira (2004), cujo trabalho trata das vogais átonas da cidade de João Pessoa (PB) e Silva (1991), que investiga as pretônicas de Salvador, ambas, portanto, pesquisadoras do nordeste do Brasil<sup>8</sup>. A região centro-oeste do país não será mencionada, dada a dificuldade de acesso aos trabalhos sobre essa região.

#### **1.4.1. Dados da Região Sul**

Leda Bisol (1981) foi a primeira pesquisadora a analisar a regra de harmonização vocálica na variedade do português falado no Rio Grande do Sul. A amostra de seu trabalho constituiu-se de oito informantes de cada um dos quatro grupos étnicos que compõe o dialeto dessa região: i) monolíngues da zona de colonização açoriana (Porto Alegre), ii) bilíngües da zona de colonização alemã (de Taquara), iii) bilíngües da zona de colonização italiana (de Veranópolis, especificamente Monte Bérico) e iv) monolíngües da zona fronteiriça (de

---

<sup>8</sup> Nos trabalhos da região nordeste, aos quais fazemos referência, são apresentados somente os resultados relevantes encontrados na análise dos dados de João Pessoa e Salvador. Não foi possível a leitura das pesquisas, na íntegra, em virtude da dificuldade de acesso às mesmas.

Sanatana do Livramento). Juntamente com esses informantes, que possuíam apenas o nível primário incompleto, a pesquisa contou com uma amostra suplementar de 12 indivíduos, com nível superior, do Projeto NURC, somando um total de 44 informantes.

O trabalho dessa autora pode ser considerado uma referência nos estudos sobre o comportamento das vogais átonas pretônicas, ou mais especificamente, nas pesquisas que abordam o processo de alçamento sofrido por essas vogais, pois, além de confirmar a hipótese de que a presença de vogal alta é o principal condicionador da aplicação da regra de harmonização, Bisol encontra nos dados que analisa outros fatores co-responsáveis pelo fenômeno do alçamento.

Utilizando a metodologia laboviana, ela caracteriza como os mais favoráveis à aplicação da regra do alçamento os seguintes fatores, em ordem decrescente de importância: vogal alta contígua, o caráter de atonicidade da pretônica e a consoante vizinha. Já os fatores que se mostraram mais adversos à regra foram: o segmento palatal precedente, sobretudo no caso da pretônica /o/, alveolar precedente e seguinte e o acento subjacente da pretônica candidata à elevação, ou seja, o fator atonicidade casual. Bisol também destaca os formadores de grau e outros sufixos que, como esses, ressaltam o conteúdo significativo da “forma base” da palavra e, portanto, influenciam de modo a não permitir a aplicação da regra nesses contextos.

Nesse trabalho, além de abordar os contextos estruturais mais e menos propensos à aplicação da regra, ou seja, os aspectos sincrônicos, a autora trata do fenômeno na história do português. Por meio dessa abordagem diacrônica, conclui, então, que “a realidade da regra de harmonização vocálica no sistema do português falado no Brasil é incontestável. Sua existência testemunhada por todas as fases do português antigo, dos primórdios ao século XVIII, parecer ter suas origens no séc. IV d.c.” (BISOL, 1981, p. 262).

O trabalho de Schwindt (2002) recupera o estudo de Bisol (1981) e apresenta a análise da harmonização vocálica no dialeto gaúcho, para dados mais atuais, extraídos do projeto VARSUL. A amostra de sua pesquisa foi composta de dados de 64 informantes, sendo 16 de cada cidade (Flores da Cunha – colonização italiana; Panambi – alemães; São Borja – fronteiriços e Porto Alegre – metropolitanos) do Rio Grande do Sul que compõem o Banco de Dados.

Um dos fatores que diferencia seu trabalho do realizado por Bisol foi a delimitação da variável lingüística dependente. Schwindt (2002) considera somente os contextos de pretônica seguida de vogal alta [i] ou [u] em sílaba subsequente, presente até a sílaba tônica da palavra, ao passo que Bisol leva em conta todas as vogais médias em pauta pretônica, incluindo-se aquelas em que não havia vogal alta na sílaba subsequente.

Assim, ao analisar somente os contextos favoráveis à regra de harmonização vocálica, o autor observa que essa regra apresentou crescimento no dialeto gaúcho nas duas últimas décadas, embora esse fato não possa refletir, segundo ele, um caso de mudança em progresso, em virtude da irrelevância dos fatores sociais e dos baixos índices de ocorrência das vogais altas [i] e [u].

Além da presença de vogal alta contígua, Schwindt (2002) determina como condicionadores da regra de harmonização vocálica outros fatores que, associados à presença de vogal alta, podem desencadear a elevação da pretônica como contigüidade, tonicidade, nasalidade e contextos fonológicos adjacentes.

Em consonância com Bisol (1981), o autor sinaliza para a existência de uma outra regra, de natureza fonética, articulatória ou mesmo acústica, quando da análise da variável consoantes adjacentes. Para ele, essa outra regra “atua combinada à harmonia, mas pode atuar

sozinha, tendo em vista que também atinge vocábulos sem vogal alta (*c[u]mpadre, b[u]lacha, etc*)” (SCHWINDT, 2002, p. 175). Apesar desse fato, admite que no dialeto gaúcho o fenômeno vocálico que melhor explica o alçamento é a harmonização vocálica.

Passemos, na seção (1.4.2.), aos dados da região sudeste.

#### **1.4.2. Dados da Região Sudeste**

As pretônicas da região sudeste são aqui retratadas a partir de pesquisas como a de Viegas (1987), que trabalhou a variedade de Belo Horizonte (MG), e a de Célia (2004), que tratou de dados de Nova Venécia (ES).

O estudo de Viegas (1987) contou com uma amostra de 16 informantes, sendo oito (quatro homens e quatro mulheres) de cada grupo social diferente, todos residentes na região metropolitana de Belo Horizonte por, pelo menos, 20 anos. Assim como as pesquisas até agora apresentadas, a autora utiliza o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana, considerando, portanto, a influência de fatores internos e externos na aplicação da regra do alçamento.

Das conclusões à que chegou, destacamos as diferenças observadas para o alçamento das pretônicas /e/ e /o/. Como já ressaltado na seção (1.3.), quando da discussão dos fenômenos de harmonização e redução vocálica, Viegas (1987) argumenta que a regra de harmonização, como proposta por Bisol (1981), parece aplicar-se mais ao alçamento de /e/, enquanto que a diminuição da diferença articulatória entre vogal pretônica e consoantes adjacentes parece ser a melhor explicação para o alçamento, no caso de /o/. Assim, o modo de

articulação das consoantes precedentes e seguintes foi caracterizado como o fator que mais favorece o alçamento de /o/, enquanto a vogal imediatamente seguinte foi a variante de maior importância para a elevação de /e/.

A autora estabelece, portanto, duas regras diferentes, uma para /e/ e outra para /o/, para tratar do alçamento da pretônica em seu dialeto, vejamos:

**Regra para /e/:** A vogal (e) pretônica, preferencialmente em sílaba travada por fricativa surda, torna-se variavelmente [i] em início de palavra ou em sílaba inicial, ou em sílaba CV, seguida por consoante sonorante, ou quando seguida imediatamente por vogal alta tônica. (VIEGAS, 1987, p. 126).

**Regra para /o/:** A vogal (o) pretônica, não alternante com [ɔ] no paradigma, torna-se variavelmente [u] se for precedida por consoante obstruinte, ou por alveolar ou consoante sonora e seguida por consoante obstruinte ou nasal, ou por palatal, ou por consoante sonora. Esta vogal dista no máximo duas sílabas do início da palavra e no máximo três da sílaba tônica. Preferencialmente deve ser seguida imediatamente por vogal [-baixa], para se ter um favorecimento maior de sua elevação. (VIEGAS, 1987, p.98).

Além de considerar na análise dos dados a influência dos fatores estruturais, assim como as outras pesquisas aqui comentadas, Viegas (1987) diferencia seu trabalho dos demais ao introduzir uma questão bastante interessante, a da restrição lexical. As principais indagações da autora acerca desse aspecto são

Por que em palavras como *perícia*, onde existe contexto para a harmonização, a regra não se aplica? Que restrições o léxico impõe (ou impôs) quando da aplicação da regra? Que palavras são (ou foram) atingidas primeiro? Da mesma forma, por que palavras sem contexto para a regra alçam sempre, como *s[i]mestre* e *p[i]queno*? (VIEGAS, 1987, p. 133).

Uma primeira explicação dada é a de que alguns itens já mudaram, houve uma reestruturação e tais itens têm /i/ ou /e/ em sua forma subjacente, conforme sejam sempre alçadas ou nunca alçadas.

Ainda sobre esse ponto, ela admite que o processo de alçamento não é abrupto, mas gradual, pois parte do léxico é atingida pela regra e parte não e que a variação da pretônica traz em si reflexos da sociedade, no dialeto que analisa. Nesse sentido, mais do que a frequência e a história do item lexical, a autora considera o prestígio ou não de seu conteúdo semântico (*p[i]ru* x *P[e]ru*), como fatores que propiciam o alçamento em umas palavras e a manutenção das médias em outras.

Ao utilizar, portanto, os subsídios fornecidos pela teoria de Difusão Lexical, com a noção de frequência e do componente semântico, chega à conclusão que, na variedade de Belo Horizonte: i) os itens mais frequentes, com ambientes favorecedores, alçam mais do que aqueles menos frequentes, também com ambientes favorecedores, em qualquer estilo e ii) as palavras menos prestigiadas socialmente, às vezes com sentido pejorativo, também alçam com mais frequência. Embora um estudo mais detalhado acerca desses aspectos seja realizado somente em sua tese de doutorado, em 2001, Viegas (1987) já introduz as questões que envolvem o componente lexical na regra do alçamento em sua dissertação de mestrado.

Célia (2004), por sua vez, não trata de questões como essas em sua pesquisa. Com uma amostra constituída de dados de fala de nove informantes do sexo feminino do município de Nova Venécia (ES), a autora realiza apenas uma descrição dos grupos de fatores internos e externos relacionados à atuação de dois processos fonológicos, o alçamento e o abaixamento<sup>9</sup> vocálicos, sem se ater a indagações de cunho formal, ou seja, a discussões teóricas.

---

<sup>9</sup> Embora seja ressaltado o estudo do abaixamento nas pesquisas, os resultados aqui mencionados sobre cada trabalho serão, predominantemente, acerca do alçamento da vogal, fenômeno que nos interessa aqui descrever.



Com os subsídios fornecidos pelo modelo-teórico metodológico da Sociolinguística Quantitativa, investiga o comportamento das vogais médias pretônicas, tendo em vista que elas podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [ɛ, ɔ] e, desse modo, divide sua análise em fatores que influenciam a elevação do traço de altura das vogais (Alçamento) e fatores que favorecem o abaixamento.

De maneira semelhante às pesquisas aqui consideradas, os resultados encontrados por Célia revelam a predominância das formas [e, o], sobre as altas [i, u] e, no caso de seu dialeto, também sobre as baixas [ɛ, ɔ]. Quando comparadas as ocorrências de alteamentos e abaixamentos, o dialeto capixaba apresenta preferência ao segundo, conforme pontua a autora, em casos do tipo *c[ɔ]lega*, *m[ɔ]derno*, *m[ɛ]lhor*, *d[ɛ]talhe*, etc.

Ainda de acordo com sua análise, para ambos os processos, o fator predominantemente relevante para a variação das pretônicas foi o traço de altura da vogal seguinte, ou seja, a presença de vogal alta [i, u] contígua favoreceu os casos de alçamento, da mesma forma que as vogais baixas [a, ɛ, ɔ], na sílaba seguinte, motivaram as ocorrências de abaixamento. Além da vogal seguinte, mostraram-se favorecedoras ao alteamento as variáveis: nasalidade, atonicidade, estrutura da sílaba em que se encontram as pretônicas e as consoantes a essas adjacentes.

Com relação à nasalidade, Célia verificou que, no caso da pretônica /e/, a nasalização apresentou-se de modo favorável ao alçamento, por exemplo, em *apr[i]ndi*. Quando a pretônica era /o/, entretanto, o mesmo não pôde ser observado, uma vez que a nasalização desfavoreceu a elevação da vogal.

No que diz respeito à tonicidade, a autora comenta que tanto nos contextos de /e/ quanto nos de /o/, a atonicidade permanente (*f[e]liz > f[e]licidade, c[o]lega > c[o]leguismo*) apresentou-se como a estrutura mais propensa à aplicação da regra de elevação. De modo semelhante, a estrutura CV (*pedir, comer*) foi a mais recorrente nos casos em que houve elevação do traço de altura das pretônicas anterior e posterior.

Com relação às consoantes precedentes, as palatais (*chegar*), seguidas pelas bilabiais (*melhor*), foram as mais favoráveis ao alteamento de /e/, enquanto às velares (*cobertor*) foi atribuída a maior recorrência, na elevação da pretônica /o/. Na posição seguinte, o alçamento de /e/ foi favorecido pelas velares (*alegria*) e o de /o/ pelas labiodentais (*novidade*).

### 1.4.3. Dados da Região Norte

Os dados da região norte a que temos acesso são aqueles oriundos da cidade de Bragança (PA), tratados no trabalho de Freitas (2001). Orientada pela Sociolinguística Quantitativa, a autora descreve a manifestação das vogais pretônicas de seu dialeto, a partir de dois fenômenos: o alçamento e abaixamento vocálicos.

De modo semelhante à Célia (2004), realiza um estudo puramente descritivo, com o objetivo de observar o comportamento dos fatores envolvidos na análise, destacando o efeito de cada um nos fenômenos variáveis em questão, sem preocupar-se com a caracterização formal dessas regras. O *corpus* de sua investigação é composto de dados extraídos da fala de 32 informantes distribuídos por sexo, faixa etária, escolaridade e renda<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Na análise propriamente dita dos dados, a autora considera somente as variáveis sociais escolaridade (baixa, fundamental e média) e o tipo de atividade (rural ou urbana).

Na abordagem quantitativa dos dados, a autora aponta como aspecto relevante a predominância das variantes médias [e, o] sobre as baixas e altas. Esse fato também foi observado em todas as pesquisas aqui consideradas, o que fortalece, portanto, a hipótese de que o alçamento, embora pouco recorrente no Brasil, é um fenômeno bastante característico do sistema vocálico do português. No que diz respeito à incidência de baixas e altas, os resultados de Freitas coincidem, novamente, com os de Célia (2004): no dialeto de Bragança (PA), assim como no de Nova Venécia (ES), as variantes baixas [ɛ, ɔ] são mais recorrentes que as altas [i, u].

Com relação ao contexto vocálico que provoca o alçamento das vogais, a autora destaca o papel das vogais altas em posição contígua, sejam tônicas ou átonas, como condição primeira para a elevação. Apesar de admitir que a tonicidade dessa vogal contígua fortalece a ocorrência do alçamento, afirma que o fator contigüidade sobrepõe-se ao fator tonicidade, em termos de relevância.

Sobre o contexto consonantal da regra, Freitas (2001) comenta o importante papel da consoante labial precedente no alçamento da vogal posterior /o/ e da consoante palatal precedente no caso da anterior /e/. Na posição seguinte, enfoca os índices relevantes de aplicação quando há consoante palatal e velar na elevação de /e/. Já nos casos em que a pretônica é /o/, destaca o favorecimento da labial e, sobretudo, das sibilantes.

Ao analisar a variável tonicidade da pretônica no paradigma, os resultados apontam a importância do status permanentemente átono para que aconteça o alçamento em /e/, e o papel da variante átona casual relacionada à tônica de altura variável incluindo alta nos contextos de pretônica /o/.

A seguir, na seção (1.4.4), descrevemos duas pesquisas do nordeste do Brasil.

#### 1.4.4. Dados da Região Nordeste

No artigo “Um traço regional na fala culta de Salvador”, Silva (1991) fornece os resultados principais da pesquisa que realizou em sua tese, em 1989. A amostra de seu trabalho foi composta de dados de fala de 24 informantes entrevistados no Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e selecionados de acordo com a procedência social, o sexo e a faixa etária.

Silva utilizou a metodologia sociolinguística e, ao aplicar a seus dados o tratamento estatístico, observou que as variantes mais frequentes, em posição pretônica, foram as vogais médio-baixas [ɛ, ɔ], as quais apareceram em cerca de 60% das ocorrências. Além desse fato, o exame dos dados das pretônicas separadas por uma ou mais sílabas da vogal acentuada (como o [i] de *r[ɔ]tativo*) permitiu que a autora verificasse que, na fala culta de Salvador, a interferência da vogal tônica, tradicionalmente utilizada para explicitar a regra de harmonização vocálica, não atuava nessas condições, sendo a vogal átona subsequente a que exercia influência sobre a sílaba anterior a ela.

Ainda no que diz respeito ao contexto vocálico seguinte, a autora constatou que as médias fechadas [e] e [o] ocorreram apenas antes de vogais orais da mesma altura, e que, por outro lado, as médias abertas [ɛ] e [ɔ] apareceram nos demais contextos. Verificou também que a alternância entre [u, o, ɔ] e [i, e, ɛ] acontece apenas antes de vogal alta na sílaba seguinte. Nos outros contextos, segundo Silva (1989), a variação é binária, entre a vogal alta e uma das variantes não-altas (médias e baixas), que se excluem mutuamente, numa relação de complementaridade.

Com base nessas informações, a autora afirma que não foi possível admitir, para o dialeto de Salvador, a existência de uma única regra variável que daria conta das pretônicas médias, altas e baixas, visto que a realização das mesmas é favorecida, principalmente, pela vogal da sílaba subsequente, assim como por outros fatores estruturais e sociais. Desse modo, formula três regras principais para explicar o comportamento variável das médias pretônicas na fala culta de Salvador:

**1) Regra Categórica de Timbre:** de acordo com a autora, essa regra torna média as vogais que estiverem no contexto de mesma altura, ou seja, antes de [e] e [o]. Além disso, promove o abaixamento das vogais que estiverem nos demais contextos: antes de [a, ɔ, ε, u, i] orais e [a, o, e, i, u] nasais. Exemplos:

[-baixo] *c[e]rveja, c[o]rreio, [e]feito,[o]relha.*

[+baixo] *esp[ɔ]rtivo, pr[ɔ]ibido, [ε]clipse, ap[ε]lar, id[ε]al.*

**2) Regra Variável de Elevação:** por meio da atuação dessa regra, segundo Silva (1989), as vogais pretônicas assumem o traço [+alto] diante de vogais com o mesmo traço ou ainda diante de certas consoantes e sob certas condições. Exemplos: *br[u]chura, c[u]rtina, g[u]verno, p[i]rigoso.*

**3) Regra Variável de Timbre:** ao atuar, essa regra transforma as vogais em médias, especialmente no contexto de vogais altas e também antes de outras vogais [+ nasal] num determinado contexto social. Conforme a autora, a ocorrência de médias fechadas [e] e [o] antes de vogais altas está restrita à fala culta e se deve à interferência da fala sulista no falar

baiano, de maior prestígio nos meios de irradiação cultural. Exemplos: *p[e]squisa*, *p[e]rdido*, *t[o]rtura*, *c[o]rrupto*.

Sobre essas regras, Silva (1989) atribui à segunda um caráter supradialetal, apesar da diferença em alguns aspectos conforme a variedade a que se aplica. Restringe a atuação da regra variável de timbre ao dialeto baiano e atribui à primeira, regra categórica de timbre, o papel de caracterizar o dialeto baiano como pertencente à região norte, conforme proposta de divisão dialetal entre os falares do norte e do sul, de Nascentes (1953).

Além do contexto vocálico que envolve as formas variantes das pretônicas de Salvador, a autora também destaca a influência das consoantes adjacentes. Segundo o que aponta, o alçamento da pretônica /e/ é favorecido pelas consoantes precedentes labial, velar e alveolar não-lateral (*trav[i]sseiro*, *aqu[i]cido*, *s[i]mestre*), além das consoantes seguintes palatal e velar (*sem[i]lhante*, *s[i]guro*). A elevação da pretônica /o/, por sua vez, é motivada pelas consoantes velar, palatal e labial em posição precedente (*c[u]stela*, *ch[u]calho*, *b[u]tão*), bem como pelas consoantes palatal, labial e alveolar, em posição subsequente (*t[u]lhidas*, *d[u]mingo*, *diret[u]ria*).

Sobre a variável tonicidade, a autora divide a variante atonicidade casual em i) média (*cab[e]lo/cab[e]leira*) e ii) variável (*div[ε]rsol/div[ε]rsão*). Assim, observa que a vogal átona casual média e a casual variável favorecem a realização alteada de /e/, enquanto a vogal átona casual variável e a átona permanente favorecem o alteamento de /o/.

O outro trabalho da região nordeste que consideramos foi o de Pereira (2004). No artigo “A Harmonização Vocálica e a Variação das Médias Pretônicas”, a autora efetua um recorte de sua dissertação, em que analisou os fenômenos de abertura (abaixamento), fechamento

(manutenção) e alçamento das vogais médias pretônicas, na fala de moradores da zona urbana de João Pessoa.

O *corpus* de sua pesquisa foi extraído do projeto VALPB (Variação Lingüística no Estado da Paraíba), por meio do qual foi coletada a fala de 60 informantes estratificados de acordo com sexo, idade e anos de escolarização. Utilizando o modelo teórico-metodológico da Sociolingüística Quantitativa, Pereira (2004) observou, além do papel dos grupos de fatores sociais no comportamento da vogal, a influência das variáveis estruturais i) vogal da sílaba seguinte; ii) classificação morfológica e iii) contexto fonológico precedente e seguinte.

No artigo ao qual fazemos referência, contudo, a autora expõe somente os resultados gerados pela análise estatística acerca do desempenho da vogal da sílaba seguinte, não levando em conta as outras variáveis. Tal fato se justifica, uma vez que, no dialeto pessoense, a harmonização vocálica é, segundo ela, o princípio que rege a variação da pauta pretônica.

Como um dos primeiros resultados apresentados sobre a variável contexto vocálico seguinte, Pereira (2004) destacou o importante papel da vogal alta anterior [i] e [ĩ] na elevação da pretônica /e/, como em *r[i]vista* e *s[i]guinte*, e na elevação da pretônica /o/, como em *p[u]licial* e *f[u]cinho*. De acordo com ela, os índices mais altos de elevação ocorreram diante dessa vogal.

Por outro lado, quando houve [u] no contexto vocálico seguinte, a tendência inverteu-se. A alta posterior oral [u] não favoreceu a elevação nem de /e/ nem de /o/ e os valores percentuais revelaram, ao contrário, a ocorrência majoritária das realizações abertas como em *d[ɛ]putado* e *s[ɔ]lução*.

De modo semelhante a Silva (1989), a qual descreveu as alternâncias da pauta pretônica baiana, Pereira (2004) constatou que [i] e [u] orais, na sílaba seguinte apresentaram-se como os maiores favorecedores da realização variável nos três níveis de abertura da vogal – abertura, fechamento e elevação das médias. Vejamos alguns exemplos: *pr[ɛ]sidente – pr[e]sidente – pr[i]sidente; f[ɛ]liz – f[e]liz – f[i]liz; t[ɔ]rcida – t[o]rcida – t[u]rcida; s[ɔ]frimento – s[o]frimento – s[u]frimento .*

Com relação às ocorrências de variantes abertas [ɛ] e [ɔ], a autora observou maior frequência em contexto de mesma altura, ou seja, no dialeto de João Pessoa, o abaixamento tende a acontecer diante de vogais não altas, por exemplo em *v[ɛ]getais e n[ɔ]vela*.

Essa tendência de a vogal pretônica manter a mesma altura da vogal subsequente também foi observada, pela autora, quando da análise da manutenção das vogais médias. Segundo ela, as variantes fechadas [e] e [o] só predominaram nos contextos de mesma altura. Alguns exemplos representativos foram: *c[e]reja, n[e]rvoso, g[o]verno e g[o]stoso*.

Esses resultados fizeram com que Pereira concluísse, do mesmo modo que Silva (1989) para os dados de Salvador, que a alternância das variantes [i, ɛ, e] e [u, ɔ, o] só se configura diante de vogais altas orais. Nos outros casos, ocorre uma relação de complementaridade entre essas vogais médias, o que faz as vogais médias [e] e [o] se manterem fechadas antes de vogais fechadas [e] e [o] e as vogais médias abertas [a, ɛ, ɔ] se manterem abertas antes de vogais baixas [a, ɛ, ɔ].

Com o objetivo de estabelecer um paralelo entre o comportamento das pretônicas na fala pessoense e na fala de Salvador e, desse modo, demonstrar, a semelhança dos processos nos dois dialetos, Pereira (2004) apresenta os percentuais referentes à ocorrência de cada variante:



**Salvador:** [i]: 20% [ɛ]: 60% [e]: 19% [u]: 25% [ɔ]: 58% [o]: 17% e **João Pessoa:** [i]: 34% [ɛ]: 44% [e]: 21% [u]: 35% [ɔ]: 42% [o]: 22%.

Com base nesses resultados e nos resultados anteriormente expostos, a autora reconhece que as três regras básicas sugeridas por Silva (1989), para descrever a variação das pretônicas em Salvador, podem perfeitamente se aplicar ao dialeto pessoense, com pequena alteração na regra variável de elevação, em virtude da diferença de comportamento de [ĩ] e [ũ] seguintes. Nos dados do dialeto pessoense, enquanto a vogal [ĩ] favoreceu a elevação categórica de /e/ e de /o/, a vogal [ũ] favoreceu o abaixamento de /o/ e a elevação de /e/.

As informações colhidas nas pesquisas que acabamos de resenhar, sobretudo as que se referem às variáveis utilizadas e a sua relevância no processo de análise, orientaram a elaboração de nossas hipóteses, bem como a seleção, acréscimo ou exclusão de variáveis consideradas desde o início do tratamento dos dados. As escolhas efetuadas em nosso trabalho, contudo, serão tratadas no próximo capítulo.

## 1.5. Resumo

No capítulo que acabamos de desenvolver, foi nosso propósito demonstrar ao leitor que o comportamento variável das vogais átonas vem sendo observado há tempos nos estudos do português e que o fenômeno do alçamento, pelo que indicam as pesquisas históricas, remonta ao século IV, embora os primeiros documentos sejam oriundos somente do século XVI.

Além desse fato, procuramos demonstrar as principais características do modelo-teórico da Sociolinguística Quantitativa, ressaltando-se as noções de variante, variável dependente e

independente, assim como os níveis de análise da variação lingüística. Essas considerações foram feitas com o propósito de explicitar ao leitor os conceitos partilhados pelos trabalhos em que nos embasamos. Ainda com relação aos pressupostos da Sociolingüística, apresentamos os modelos Neogramático e de Difusão Lexical, destacando-se, sobretudo, a problemática acerca dos fatores envolvidos na mudança lingüística, ou melhor dizendo, dos fatores que controlam uma mudança sonora.

Outro ponto de destaque no capítulo foi a discussão referente à elevação da vogal como o resultado dos fenômenos de harmonização (BISOL, 1981) e redução (ABAURRE-GNERRE, 1981) vocálicas. A partir dessa problemática, lançamos os questionamentos centrais de nossa pesquisa, a serem respondidos, ainda que de maneira introdutória, no decorrer do trabalho.

A apresentação das pesquisas cujos resultados serão aqui levados em conta, tendo em vista a comparação a que nos propusemos realizar, foi feita na parte final deste capítulo. Para tanto, dividimos os trabalhos conforme a região (norte, nordeste, sul e sudeste) da qual provém os dados a fim de traçarmos um quadro do comportamento das pretônicas /e, o/ no PB.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA

Nosso propósito, neste capítulo, é, inicialmente, apresentar algumas características históricas e socioeconômicas da comunidade de fala estudada, a fim de melhor conhecermos a região de São José do Rio Preto. Além disso, é nosso objetivo, neste momento, descrever os aspectos metodológicos da pesquisa, explicitando o material selecionado e o método de análise empregado. Tendo em vista que abordamos um fenômeno fonológico observável na fala espontânea, nosso *corpus* é constituído a partir de inquéritos de fala que compõem, como já anunciado anteriormente, um banco de dados elaborado de modo a constituir uma amostra lingüística do interior paulista.

Para alcançarmos nosso objetivo, tratamos, na seção (2.1.), da comunidade lingüística da qual provém os dados, ressaltando seu processo de formação, assim como seu panorama socioeconômico atual, possivelmente relevante para a manifestação do fenômeno lingüístico aqui abordado.

Na seção (2.2.), enfocamos o banco de dados IBORUNA, descrevendo, inclusive, os procedimentos utilizados na coleta dos inquéritos que compõem o referido banco, e as características desses dados de fala.

Também apresentamos, neste capítulo, seção (2.3.), os critérios de seleção da amostra utilizada para a análise do alçamento. Para tanto, tratamos, na seção (2.3.1), de aspectos que envolvem a exclusão dos grupos de fatores externos e, na seção seguinte (2.3.2.), dos grupos

de fatores internos à língua selecionados para a análise. Realizadas as considerações acerca dos fatores lingüísticos e sociais investigados, identificamos, na seção (2.3.3.), os contextos de variação definidos, ressaltando-se os recortes efetuados.

## 2.1. A Comunidade de Fala

A pesquisa que aqui apresentamos lida com amostras de fala dos moradores da região de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo. Com uma população de 402.770 habitantes, segundo contagem do IBGE, em 2007, a cidade de São José do Rio Preto possui uma área de 434,10 km<sup>2</sup> (sendo 83,46 km<sup>2</sup> de área urbana e 352,41 km<sup>2</sup> de área rural).<sup>11</sup> Localiza-se a 450 km da capital do estado, São Paulo, e a 700km de Brasília, capital federal<sup>12</sup>.

**Mapa 1:** Localização do município de São José do Rio Preto (SP)<sup>13</sup>.



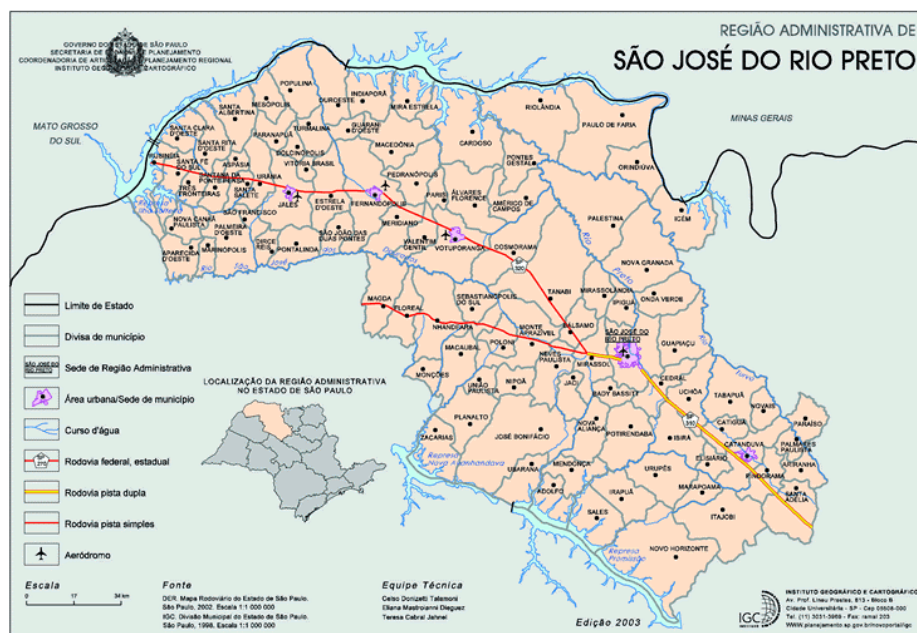
<sup>11</sup> HISTÓRIA de São José do Rio Preto. In: PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2007. Disponível em: <<http://www.riopreto.sp.gov.br/cpub/pt/historia/geografia/php>>. Acesso em: 19 nov. 2007.

<sup>12</sup> A região é cortada pelas rodovias Washington Luís (SP-310) — que permite o acesso à região centro-oeste do país e à capital, São Paulo – Transbrasiliana (BR-153) — que liga o norte ao sul do país – e Assis Chateaubriand (SP-425) — que vai do sul de Minas Gerais ao norte do Paraná. A região é servida ainda pela Ferromorte, antiga Ferrovia Alta-araraquense, que liga São Paulo à Santa Fé do Sul/SP.

<sup>13</sup> MAPA da Localização do Município de São José do Rio Preto. Brasília: Ministério da Saúde. Surto e Emergências em Saúde Pública. 2006. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=25043](http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar_texto.cfm?idtxt=25043)>. Acesso em: 20 nov. 2007.

A cidade abriga um contingente flutuante de, aproximadamente, 2 milhões de pessoas e é sede de Região Administrativa (RA). A RA é composta por 96 municípios, que ocupam 25.476 km<sup>2</sup>, ou 10,2% do território estadual. Aproximadamente a metade dessas cidades, 51%, possui população de até 5 mil habitantes e 24%, de 5 mil a 10 mil habitantes. É objetivo de nosso trabalho, entretanto, destacar somente as características gerais do município-sede da RA bem como dos seis municípios circunvizinhos, nos quais foram coletados inquéritos do Banco de Dados IBORUNA: Ipiruá e Onda Verde ao norte, Bady Bassitt e Cedral ao sul, Guapiaguá a leste e Mirassol a oeste. Vejamos o mapa da RA de São José do Rio Preto.

**Mapa 2:** Região Administrativa de São José do Rio Preto<sup>14</sup>.



<sup>14</sup> MAPA da Região Administrativa de São José do Rio Preto. São Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento. Levantamento de informações desenvolvido pela Coordenadoria de Planejamento e Avaliação (CPA) e pela Unidade de Assessoria Econômica (UAE), 2007. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <<http://www.planejamento.sp.gov.br/AssEco/textos/SJRioPreto.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

### 2.1.1. Um Pouco de História

Com a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense, em 1912, a cidade de São José do Rio Preto, fundada em 19 de março de 1852, transformou-se em pólo comercial, por onde passavam produtos agrícolas locais e as mercadorias vindas da Capital.

Conhecida, sobretudo, por sua sólida estrutura na agropecuária e no mercado de negócios, com fortes concentrações de comércio, a tradição riopretana para o setores agrícolas e de serviços foi introduzida pela leva de imigrantes, aqui instalados a partir do século XIX. Atraídos pelas oportunidades ligadas ao cultivo do café, à prática de comércio, à mascateação, fugindo da condição de colonos das zonas mais antigas da lavoura cafeeira, ou ocupando-se na construção da ferrovia Noroeste do Brasil, italianos, espanhóis, portugueses, sírio-libaneses e japoneses instalaram-se na região e participaram, ao lado de brasileiros dos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e de outras áreas do estado de São Paulo, da fundação e formação social, econômica e cultural de São José do Rio Preto.

De acordo com Tavares de Almeida,

[...] quando a cidade começa, alguns sírios já dominavam o comércio e uns poucos italianos praticavam, no artesanato, manufatura primária [...] foi o sírio, chamado entre nós de turco, o primeiro elemento estrangeiro a penetrar em Rio Preto”. (ALMEIDA, 1940 apud ENNES, 2006, p. 64).

Em 1894, de 12 estabelecimentos existentes na cidade, oito eram de propriedade de imigrantes.

Conforme Ennes (2006), a presença de estrangeiros à frente de negócios prósperos causava incômodo aos brasileiros (paulistas do noroeste), que se sentiam preteridos e desrespeitados quando presenciavam diálogos de donos e funcionários no idioma de origem. Essa desconfiança e incômodo foram traduzidos, em 1906, sob a forma de um projeto de lei do então vereador Porfírio Pimentel, que previa, dentre outros aspectos, uma multa a todos os imigrantes turcos que falassem sua língua perto de um brasileiro.

Apesar desse fato, destacamos, conforme o mencionado artigo, que a imigração e a conseqüente presença de estrangeiros não apareciam, de modo geral, como problema na região. Pelo contrário, Ennes (2006) ressalta a importância econômica dos imigrantes na agricultura, no comércio, além de terem sido responsáveis pela modernização da região, especialmente no caso dos japoneses.

Destacar os aspectos referentes à formação cultural e socioeconômica da região de São José do Rio Preto torna-se interessante na medida em que acreditamos que as influências exercidas por migrantes e estrangeiros estendem-se à constituição lingüística da população, ou seja, à variedade da Língua Portuguesa falada no noroeste de São Paulo e, conseqüentemente, aos fenômenos lingüísticos nela observados, dentre os quais ressaltamos o alçamento vocálico. No entanto, não temos elementos para fazer, neste trabalho, correlação entre as realizações vocálicas observadas e possíveis influências da fala de migrantes de outros dialetos, ainda hoje em, residentes na cidade.

### **2.1.2. Panorama Atual<sup>15</sup>**

---

<sup>15</sup> Cf. fonte <<http://www.planejamento.sp.gov.br/AssEco/textos/SJRioPreto.pdf>>.

São José do Rio Preto constitui-se, hoje, como um importante centro agrícola, comercial, industrial e médico-hospitalar, exercendo atração sobre ampla área geográfica, que ultrapassa os limites do Estado de São Paulo, atingindo municípios de Estados vizinhos, como os do sudeste de Minas Gerais, do sul de Goiás e do nordeste do Mato Grosso do Sul.<sup>16</sup>

A economia regional é baseada na produção agropecuária integrada às atividades agroindustriais. Essa atividade econômica ganhou impulso, nas últimas décadas, com o incremento da produção, que se diversificou com o cultivo de cítricos e seringueiras, além das culturas tradicionais de café, algodão e milho.

A principal atividade do setor primário, atualmente, é a produção de cana-de-açúcar. O cultivo da cana tem mantido sua expansão, em decorrência das oportunidades surgidas com o aumento dos preços internacionais do açúcar, a recuperação da demanda por álcool e a possibilidade da co-geração de energia. O crescente desenvolvimento dessa atividade agrícola e, conseqüentemente, a necessidade de mais trabalhadores rurais para o corte da cana, tem propiciado a migração de elevado contingente de nordestinos, fato que faz os moradores do noroeste paulista conviver, a todo instante, com culturas e variedades linguísticas divergentes.<sup>17</sup>

Além da agricultura, a cidade destaca-se nos setores industriais, sendo o têxtil, construção civil, metalúrgico e eletroeletrônico os de maior relevância. Entre os que se destinam à exportação, estão os agroindustriais, de confecções, móveis, equipamentos médico-hospitalares, alimentícios e eletroeletrônicos.

---

<sup>16</sup> Com uma renda *per capita* estimada de US\$ 7 mil, é o principal pólo comercial e de serviços do noroeste do Estado, recebendo, em seu terminal rodoviário, cerca de 4 mil pessoas por dia.

<sup>17</sup> É notável o impacto socioeconômico que o cultivo da cana-de-açúcar tem causado na região. Segundo Abreu (2006), das 91 usinas do Estado de São Paulo, 25 estão instaladas no noroeste paulista.



A estrutura do setor de serviços espelha suas funções regionais. São José do Rio Preto possui um comércio diversificado e modernos serviços pessoais e de apoio à produção, além de ser pólo educacional, com suas várias instituições de ensino superior, das quais ressaltamos o Ibilce (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Unesp) e a Faculdade de Medicina (Famerp).

No setor médico-hospitalar, o município é considerado centro de referência de transplante de fígado, tratamento de Aids, procedimentos cardiológicos e produção de equipamentos. O Hospital de Base, onde alunos da Famerp atuam, atrai pessoas de vários municípios da região noroeste do estado.

Cabe mencionar, também, que a região de São José do Rio Preto destaca-se no setor terciário regional, pelo turismo rural, esportes náuticos, de águas termais, além do turismo religioso e cultural (como, por exemplo, o Festival Internacional de Folclore, em Olímpia, e o Festival Internacional de Teatro, em São José do Rio Preto).

Com base nas informações apresentadas, notamos que, assim como o contingente de imigrantes aqui instalados a partir do século XIX, a notável circulação de pessoas de outras localidades do Brasil, nos dias de hoje, faz com que a diversidade cultural na região de São José do Rio Preto seja evidente, inclusive, no que diz respeito às características lingüísticas de seus moradores. Daí, a necessidade de ressaltarmos os aspectos socioculturais da região para a caracterização dessa comunidade lingüística.

## **2.2. O Banco de Dados IBORUNA**

Os inquéritos que compõem o *corpus* desta pesquisa foram extraídos do banco de dados anotado<sup>18</sup> IBORUNA, cuja elaboração é resultante do Projeto “O Português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo”.<sup>19</sup> O banco de dados IBORUNA é formado por dois tipos de amostras: uma amostra censo lingüístico e uma amostra de interação. Nesta dissertação, somente utilizaremos a amostra censo, porque, dentre outros aspectos, essa amostra possibilita caracterizar a variedade do Português falado no noroeste do Estado de São Paulo, ainda de pouco conhecimento de seus usuários e de lingüistas, uma vez que constitui em um *corpus* de fala sistematicamente controlado, particularmente quanto a fatores sociais.

A amostra censo é constituída de 152 inquéritos de fala de informantes provenientes de São José do Rio Preto e região – o que inclui as seis cidades circunvizinhas (Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde). Os informantes foram estratificados em (i) sexo/gênero (masculino/feminino), (ii) faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; mais de 55 anos), (iii) nível de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental; 2º Ciclo de Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior) e (iv) renda familiar (mais de 25 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; até 5 salários mínimos). Além do perfil social determinado pelo intercruzamento dessas variáveis, foi condição primordial para a seleção dos entrevistados ter nascido em uma das cidades supracitadas ou residir em uma delas, desde pelo menos os 5 anos de idade.

As variáveis sociais foram correlacionadas à manifestação de cinco tipos de textos, a saber: relato de experiência pessoal, relato de narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento

---

<sup>18</sup> Um banco de dados anotado implica disponibilizar os arquivos sonoros acompanhados de suas respectivas transcrições ortográficas e outras notações pertinentes para o entendimento dos arquivos sonoros.

<sup>19</sup> Cabe destacar minha participação nesse projeto como bolsista-membro da Equipe Técnica (FAPESP 04/02959-4), responsável pela realização de parte das entrevistas e das transcrições ortográficas das amostras de fala.

e relato de descrição. Nesta dissertação, esses tipos de textos não serão considerados como fatores relevantes na análise, por não acreditarmos que a aplicação do alçamento seja condicionada por eles, tal como foram coletados.

Vale também observar que o procedimento utilizado para a coleta dos dados do IBORUNA foi a entrevista sociolinguística, com o propósito de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados. Munidos com um gravador digital, os entrevistadores coletaram aproximadamente 1 hora de gravação, para cada informante, buscando motivar, por meio de perguntas, cada informante a produzir os cinco tipos de texto acima definidos, da maneira a mais natural possível.<sup>20</sup>

Por fim, é importante mencionar que além da gravação, existe, para cada inquérito, uma transcrição ortográfica (cf. anexo 1) que inclui notações específicas feitas com base em um Manual do Sistema de Transcrição (elaborado pelos coordenadores do projeto), que estabelece convenções semelhantes àsquelas propostas pelo projeto NURC. Observamos, entretanto, que a transcrição ortográfica não detalha, por exemplo, a realização de fenômenos fonológicos como o alçamento da vogal.

A gravação bem como a transcrição ortográfica dos inquéritos coletados estão disponíveis em meio eletrônico, na *homepage* [www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br). O corpus completo e os detalhes do banco IBORUNA podem ser encontrados na mesma página eletrônica.

---

<sup>20</sup> Nas Fichas Sociais e nos Diários de Campos, preenchidos pelos documentadores, foram registradas as informações detalhadas sobre o informante, assim como os procedimentos da coleta. Por meio desses documentos, também foi realizada uma auto-avaliação do documentador-pesquisador acerca do trabalho executado.

### 2.3. Critérios de Constituição do *Corpus*

A variabilidade lingüística do fenômeno fonológico abordado neste trabalho é analisada segundo os conceitos e pressupostos teóricos da Sociolingüística Quantitativa (LABOV,1972), tratados no capítulo 1 deste trabalho. Assumimos, a partir desse ponto de vista teórico, a postura de que a variação não é aleatória, mas sim, governada por restrições lingüísticas e não-lingüísticas. Nesse sentido, voltamos a atenção para um tipo de investigação que correlaciona fatores internos (estruturais) e externos (sociais) à língua, no sentido de que os usos das estruturas lingüísticas aqui tratados são motivados e as alternâncias configuram-se, por isso, de maneira sistemática e estatisticamente previsíveis. Sob essa perspectiva de análise, tratamos, nas seções que seguem, dos aspectos que nos levaram à exclusão dos fatores sociais, bem como à seleção dos fatores estruturais para a análise.

Cabe, antes disso, justificarmos que investigamos o alicamento vocálico somente dos substantivos e adjetivos. Esse recorte se faz necessário visto que as vogais dessas classes de palavras têm um comportamento distinto das vogais dos verbos, por exemplo.

#### 2.3.1. As Variáveis Sociais

Em nossa pesquisa, o *corpus* utilizado compreende um total de 16 amostras de fala extraídas de informantes com o seguinte perfil social: gênero feminino, com nível superior completo<sup>21</sup> ou em andamento; pertencentes a quatro faixas etárias – de 16 a 25 anos<sup>22</sup>; de 25 a 36 anos; de 36 a 55 anos e mais de 55 anos<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Lidamos, portanto, apenas com informantes que utilizam a fala culta. De acordo com Preti (2004), essa modalidade de fala é a que goza de maior prestígio social e que seria praticada por falantes denominados cultos,

Tendo em vista que assumimos como hipótese de trabalho que o alçamento vocálico, neste dialeto, não é um fenômeno estigmatizado socialmente, sendo observado, portanto, na fala de homens e mulheres de diferentes camadas sociais e níveis de escolaridade, optamos por considerar, de início, a idade do falante como único fator social. Excluímos da análise as variáveis gênero/sexo, renda e escolaridade. Lidávamos com a possibilidade de a faixa etária do indivíduo ser significativa para verificação de possíveis mudanças em tempo aparente, ou ainda para observarmos se a variação é apenas uma questão de gradação etária, como observa Celia (2004) para os dados de uma variedade capixaba.

Quando da análise estatística dos dados, o programa selecionou essa variável como relevante para a aplicação da regra em nossos dados, entretanto, não foi possível estabelecermos uma categorização acerca da elevação vocálica conforme a faixa de idade em que se encontra o falante, tanto no caso da pretônica /e/, quanto no da pretônica /o/. Tal fato levou-nos a interpretar que, na variedade estudada, a faixa etária do informante não exerce papel determinante na aplicação da regra do alçamento, ou ainda, entendemos que estamos diante de um quadro de variação estável, sem indicação de processo de mudança em curso<sup>24</sup>. Vejamos os resultados da análise estatística na tabela 1.

---

ou seja, que possuem maior grau de escolaridade. O autor ressalta, contudo, que um falante culto, apesar de seus conhecimentos lingüísticos, oriundos de sua escolaridade, de seu grupo social, não se torna, em qualquer situação de interação, um falante formal, preocupado com o rigor imposto pelas regras da gramática normativa.

<sup>22</sup> Para Naro (2003 apud MOLLICA & BRAGA 2003), o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade, a partir da qual a língua do indivíduo fica essencialmente estável. Dessa forma, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade, daí a exclusão da faixa etária de 7 a 15 anos.

<sup>23</sup> Esse recorte levou à seleção, por exclusão, de informantes oriundos de quadro dos sete seguintes municípios que integram o banco IBORUNA, assim distribuídos: treze de São José do Rio Preto, um de Bady Bassit, um de Guapiaçu e um de Mirassol.

<sup>24</sup> Lembramos que esses resultados são baseados na análise de 16 inquéritos do banco de dados IBORUNA.

**Tabela 1:** Alçamento das pretônicas /e/ e /o/ com relação à faixa etária

<i>FAIXA ETÁRIA</i>	<i>Pretônica /e/</i>		<i>Pretônica /o/</i>	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
<b>1</b> (16 a 25 anos)	13% (48/361)	.51	20% (61/300)	.64
<b>2</b> (26 a 35 anos)	15% (116/763)	.52	10% (48/471)	.36
<b>3</b> (36 a 55 anos)	7% (41/601)	.33	15% (68/455)	.52
<b>4</b> (mais de 55 anos)	13% (92/521)	.66	14% (51/364)	.54
Total	2246		1590	

Os dados da tabela revelam que os indivíduos da faixa 4 são os que apresentam a maior probabilidade de realizar a pretônica /e/ em sua forma alçada [i], com peso relativo (.66). Os da primeira faixa e os da faixa 2 apresentam valores próximos de aplicação da regra (.51 e .52, respectivamente), enquanto que os da faixa 3 são os que menos realizam [i], no lugar de [e].

Com relação à pretônica /o/, o alçamento foi mais recorrente na fala dos indivíduos da primeira faixa (.64). Os falantes da faixa 2, contudo, foram os que menos aplicaram a regra de elevação, enquanto que aqueles das faixas 3 (.52) e 4 (.54) ficam numa situação intermediária entre aqueles que mais e menos realizam a elevação da vogal.

A impossibilidade de se estabelecer uma relação entre alçamento da pretônica e idade do falante, juntamente com a exclusão das variáveis acima destacadas (sexo/gênero, renda e escolaridade) fez com que optássemos por desconsiderar, no tratamento estatístico do alçamento vocálico da fala culta do noroeste paulista, qualquer tipo de variável social, restando-nos verificar somente o papel dos grupos de fatores estruturais, internos à língua, na

aplicação da regra que faz as vogais médias [e, o] elevarem seus traços de altura para [i, u], respectivamente<sup>25</sup>. Portanto, neste trabalho, a análise dos dados, a ser desenvolvida no capítulo próximo, será circunscrita à investigação das variáveis estruturais, a seguir apresentadas, na seção, (2.3.2.).

### 2.3.2. As Variáveis Estruturais

Conforme discutido na seção (1.3.) do capítulo 1, o processo de alçamento da vogal pode estar relacionado a dois outros fenômenos fonológicos: harmonização vocálica e redução vocálica. Segundo autores como Bisol (1981), a elevação da pretônica se dá por harmonização quando existe na sílaba subsequente a ela uma vogal alta, como em *m[e]n[i]no ~ m[i]n[i]no*. Já em pesquisas como a de Abaurre-Gnerre (1981), a elevação da vogal é explicada com base na diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos adjacentes, fenômeno que a autora denomina redução vocálica.

Tendo em vista essas informações, bem como a noção de que um grupo de fatores é sempre postulado como hipótese a ser investigada por alguma correlação com o fenômeno variável, no caso o alçamento da vogal, apresentamos, em seguida, os grupos de fatores internos à língua que podem estar influenciando positiva ou negativamente a ocorrência da elevação e, mais do que isso, possam confirmar ou refutar as hipóteses de harmonização ou redução vocálicas. Ressaltamos que nas rodadas do Varbrul todas as variáveis estruturais, a

---

<sup>25</sup> Acreditamos que os resultados referentes à variável faixa etária podem ser explicados em virtude do reduzido número de inquiridos considerados, fato que, por sua vez, evidencia a necessidade de se ampliar a amostra para melhor compreensão desse grupo de fatores.

seguir expostas, foram selecionadas como relevantes para explicar o alçamento e, por esse motivo, todas elas serão analisadas e descritas igualmente no capítulo 3 do trabalho.

### 2.3.2.1. Vogal da Sílabla Tônica

Conforme já exposto, uma das hipóteses que consideramos em nossa análise é a de que o alçamento possa resultar de um fenômeno de harmonização vocálica. Esse fenômeno é desencadeado pela presença de vogal alta [i, u] na sílaba seguinte à que contém a média pretônica candidata à elevação e, na literatura, a influência dessa vogal alta tem sido tratada sob dois prismas: o da tonicidade e o da contigüidade. Assim, notamos que ora é a vogal alta acentuada, ora é a vogal alta contígua que figura como condicionante da harmonização. Isto significa dizer que é possível observarmos casos em que a tonicidade da vogal alta não é condição para a assimilação do traço de altura por parte da média, mas sim, a contigüidade da vogal alta.

Bisol (1981), por exemplo, observa em sua pesquisa que a regra de harmonização nos dados da região que estuda (Porto Alegre – RS) é mais freqüente quando a vogal alta é contígua e tônica, contudo, a tonicidade por si mesma é inoperante, pois a vogal alta não atua fora do âmbito da contigüidade. Para ela “sendo a harmonização vocálica um processo que não faz saltos, pois envolve articulações sucessivas, soam estranhas por serem inesperadas, variantes do tipo *n[o]stalgia ~ n[u]stalgia*, *l[o]comotiva ~ l[u]comotiva*, onde a ação do assimilador teria de passar sobre uma ou mais vogais para atingir terceiras” (BISOL, 1981, p. 112).

Por meio da análise desse grupo de fatores, é possível, portanto, percebermos em que medida a tonicidade da vogal alta pode agir em favor do alçamento, ou ainda se existe a



possibilidade de outro tipo de vogal tônica, que não a alta, motivar a aplicação da regra. Os fatores considerados são abaixo explicitados:

- Vogal **alta anterior** [i] – *ped[i]do, coz[i]nha*;
- Vogal **alta posterior** [u] – *seg[u]nda, gord[u]ra*
- Vogal **médio-alta** [e, o] – *pequ[e]no, gov[er]no*;
- Vogal **médio- baixa** [ɛ, ɔ] – *senh[or]ra, colh[er]r*;
- Vogal **baixa** [a] – *sem[an]a, molec[ul]a*.

Ressaltamos que a separação entre anterior e posterior, somente para as vogais altas, tem motivação articulatória e será tratada no capítulo 3 da dissertação.

### 2.3.2.2. Posição da Vogal Pretônica em Relação à Sílabas Tônica

Ao analisarmos essa variável, pretendemos, observar em que medida a adjacência ou não da sílaba tônica apresenta-se como relevante à elevação vocálica, pelos mesmos motivos acima expostos. Assim, determinamos que a contagem da distância entre sílabas parte da borda direita para a esquerda no domínio de palavra e tem como ponto inicial a sílaba que contém o acento, i. e., a sílaba tônica. Para constituir este grupo, selecionamos os seguintes fatores:

- **Distância 1:** a vogal pretônica, candidata ao acentamento, localiza-se na sílaba imediatamente anterior à tônica, ou seja, pretônica e tônica são adjacentes – *bendita*, *cortina*;
- **Distância 2:** quando a pretônica analisada e a tônica da palavra distam 2 sílabas – *americano*, *polegadas*;
- **Distância 3:** quando a pretônica candidata à elevação e a tônica distam 3 ou mais sílabas – *religião* (3 sílabas), *computador* (3 sílabas), *remuneração* (4 sílabas), *monitoramento* (4 sílabas).

### 2.3.2.3. Vogal Átona Seguinte

Essa variável está relacionada ao tipo de vogal átona imediata à pretônica candidata ao acentamento, ou seja, analisamos neste grupo de fatores relacionados à contigüidade da vogal átona, que não coincidem com a vogal tônica, como na variável anterior (**Posição da Vogal Pretônica em Relação à Sílaba Tônica**). Esta escolha justifica-se, assim como no caso da variável tipo de vogal tônica e distância, para constatar se, em nossos dados, a elevação, caso explicada por uma regra de harmonização vocálica, é propiciada por uma vogal alta tônica imediata, ou simplesmente alta imediata, sendo ou não tônica. Para tanto, propomos as variantes:

- Vogal alta anterior [i] – *per[i]quito*, *mon[i]toras*;
- Vogal alta posterior [u] – *cel[u]lar*, *cost[u]reira*;

- Vogal **médio-alta** [e, o] – *fed[e]ral, colh[e]rada*;
- Vogal **médio-baixa** [ɛ, ɔ] – *per[ɛ]reca, por[ɔ]roca*;
- Vogal **baixa** [a] – *deleg[a]cia, comport[a]mento*.

Como vemos, o fator vogal alta subdividiu-se em vogal alta anterior e vogal alta posterior por motivações articulatórias, assim como na classificação dos fatores da variável vogal tônica, como anteriormente explicitado.

#### 2.3.2.4. Segmento Precedente

O tipo de segmento precedente e seguinte à vogal média pretônica, ou mais especificamente o ponto de articulação<sup>26</sup> desses segmentos, foi apontado na literatura, em estudos como o de Bisol (1981), Celia (2004), Freitas (2001) e Viegas (1987), como um fator de influência na elevação vocálica. Sobre esse aspecto a pesquisa de Bisol (1981) pode ser tomada como ponto de referência. A autora admite que as consoantes, cuja articulação pode ser definida como sendo alta, velar e palatal, por exemplo, tendem a favorecer o processo de assimilação que caracteriza a harmonização vocálica e, conseqüentemente, o alteamento da vogal. Já consoantes como a alveolar, caracterizada pelo traço [- alto] , parecem desfavorecer o alçamento<sup>27</sup>. Tendo em vista esses aspectos, propusemos os seguintes fatores:

<sup>26</sup>Os segmentos considerados em cada grupo de fator, conforme o ponto de articulação, foram: alveolar [t, d, s, z, n, l, r]; palatal [ʃ, ʒ, ʎ, ɲ, ɲ]; velar [k, g, x] e labial [p, b, m, f, v]. No caso das consoantes precedentes, as palatalizadas [tʃ, dʃ] não são consideradas por razões mais adiante explicitadas (cap. 3, seção 3.1.3).

<sup>27</sup> Questões que abordam o papel dos segmentos adjacentes na elevação das médias pretônicas serão tratadas mais detalhadamente no capítulo 3 do trabalho.

- **Alveolar** – [d]elícia, [s]olução;
- **Palatal** – tan[ʒ]erina, [ʒ]ornalista
- **Velar** – [k]erido, a[g]onia;
- **Labial** – [f]erido, [b]onito.

### 2.3.2.5. Segmento Seguinte

Para autores como Schwindt (2002), que estudou as pretônicas da variedade gaúcha, o contexto que segue a pretônica é de especial relevância, uma vez que a harmonização vocálica é considerada por ele uma regra de assimilação regressiva e, portanto, é sobre o contexto seguinte que se dará a assimilação. Com base nessas e nas justificativas apresentadas anteriormente, definimos que os grupos de fatores considerados para a análise dos segmentos seguintes coincidem com aqueles definidos para esses segmentos em posição precedente:

- **Alveolar** – se[r]viço, mo[l]dura;
- **Palatal**<sup>28</sup> – je[ʒ]um, no[tʃ]ícia;
- **Velar** – se[g]uro, co[x]ida;
- **Labial** – ane[m]ia, no[v]idade.

---

<sup>28</sup> Embora saibamos da diferença articulatória que existe entre os segmentos palatais e palatalizados, tomamos por “palatal”, na posição seguinte à pretônica, o grupo que inclui os dois tipos de segmentos: palatal [ʃ, ʒ, ʎ, ɲ] e palatalizado [tʃ] e [dʃ].

### 2.3.2.6. Tipo de Sílabas

Na análise estatística dos dados, observamos também a relação entre o tipo silábico e elevação da vogal. De acordo com Câmara Jr. (1970), a sílaba é uma estrutura elementar que marca caracteristicamente as línguas. A constituição dessa estrutura, por sua vez, depende da vogal, considerada, por ele, o “centro da sílaba”<sup>29</sup>. Sob o ponto de vista fonético, o autor comenta que para a constituição da sílaba existe “um movimento de ascensão ou crescente, culminando num ápice (o centro silábico) e seguido de um movimento decrescente” (p. 43).

A presença de elemento com característica vocálica é obrigatória em toda e qualquer sílaba das línguas do mundo. Cabe-nos observar, para o PB, ou mais especificamente, para os dados do noroeste paulista, se existem relações que envolvem a vogal (centro da sílaba) e seus elementos marginais, no que diz respeito à elevação do traço de altura da vogal em posição pretônica.

Ainda segundo Câmara Jr. (1970), se chamarmos simbolicamente “V” o centro da sílaba e “C” um elemento marginal, teremos os seguintes tipos silábicos no português, conforme o número de constituintes da estrutura<sup>30</sup>: sílaba simples (V), sílaba complexa crescente (CV) e sílaba complexa decrescente (VC). Com relação ao preenchimento ou não da fase decrescente da sílaba, o autor classifica: sílaba aberta ou livre (V e CV), isto é, com fase decrescente não preenchida, e sílaba fechada ou travada (VC e CVC), com o preenchimento da fase decrescente. A partir dessas considerações, restringimos nosso olhar a quatro tipos de sílaba em que se encontra a vogal pretônica, candidata ao alçamento:

---

<sup>29</sup> Segundo Câmara Jr. (1970), em algumas línguas do mundo, as consoantes chamadas “sonorantes” (vibrantes, tepe, laterais e nasais) podem ser incluídas nessa posição, o que não é o caso do PB.

<sup>30</sup> Para o autor, a noção de sílaba simples e complexa relaciona-se ao número de elementos constitutivos da estrutura, ou seja, um elemento (sílabas simples) dois ou mais elementos (sílabas complexas).

- **Sílaba aberta (CV)** – sílabas formadas por uma consoante na fase crescente e uma vogal no centro silábico (*avenida, sobrinha*)
- **Sílaba aberta com dois elementos na fase crescente (CCV)** – sílabas cuja fase crescente constitui-se de dois elementos consonantais (*agressivo, professor*);
- **Sílaba travada por arquifonema nasal /N/<sup>31</sup> (CVN)** – tipo de sílaba em que a fase decrescente é preenchida por elemento nasal (*mentira, conduta*);
- **Sílaba travada por vibrante /R/, lateral /l/ ou fricativa /S/ (CVC)** – sílabas preenchidas, na fase decrescente, por um outro elemento: vibrante (*formatura*); lateral (*moldura*) ou fricativa (*festivais*).

### 2.3.2.7. Nasalidade

Com base no exposto sobre os elementos constitutivos da estrutura silábica, foi possível perceber que, além das sílabas travadas por /R/, /l/ e /S/, Câmara (1970) identifica para o português um tipo de estrutura de sílaba cuja vogal é travada por arquifonema nasal /N/. Ao tratar desse aspecto, o autor admite que

a nasalidade pura da vogal não existe, porque por meio dela não se cria oposição em português entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal posvocálica (...). Em face de tudo isso, é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como o fato estrutural básico, que

---

<sup>31</sup> O arquifonema /N/, na proposta de Câmara Jr. (1970), simboliza a neutralização dos pontos de articulação entre as consoantes nasais que, quando plenamente especificadas, correspondem a três consoantes nasais do sistema fonológico do português /n/ɲ/ e /m/.

acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal (CÂMARA JR., 1970, p. 49).

A partir dessa afirmação, o autor define dois processos distintos para tratar da nasalidade no português: um de natureza **fonológica** e outro de natureza **fonética**. O primeiro pode ser entendido como um tipo de nasalidade em que a vogal é travada por elemento nasal, ou seja, a nasal localiza-se na mesma sílaba que a vogal. No português, esse tipo de nasalidade tem função distintiva como em *junta/juta*. Já no outro tipo, de natureza puramente fonética, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte, fato que não resulta na mudança de sentido, como observado na pronúncia da palavra “banana”: [banana] ou [bãnana]. Desse modo, o autor estabelece uma oposição entre vogal nasal, porque fechada por consoante nasal como em *junta*, e vogal com emissão nasal, como acontece em [bãnana]. Para ele,

uma nasalidade como a de *junta*, oposto a *juta*, ou de *cinto* oposto a *cito* (...) não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira vogal de *ano*, ou de *cimo* (...) em que o falante tende a antecipar o abaixamento do véu palatino, necessário à emissão da consoante na sílaba seguinte, e emite já nasalada a vogal precedente. Aí, não há oposição entre vogal nasalada e a vogal, também possível sem qualquer nasalação (CÂMARA JR., 1969, p. 25).

Apesar de existirem, atualmente, divergentes perspectivas teóricas para se tratar do assunto, Abaurre e Pagotto (1996) afirmam que a nasalidade distintiva no PB caracteriza-se com um fenômeno categórico em todo o país, ao contrário da nasalidade fonética que, por ser fenômeno variável, manifesta-se de forma diferente nos variados dialetos do Brasil.

No que diz respeito à relação entre nasalidade da vogal e elevação de seu traço de altura, fazemos nossos os argumentos de Bisol (1981) e Schwindt (2002). Segundo esses autores, a análise da nasalidade vocálica é relevante, uma vez que as vogais, quando em contato com elemento nasal, mudam de timbre, o que, de certa forma, pode influenciar, ou não, a aplicação da regra do alçamento. Assim, as categorias consideradas para essa variável são:

- **Vogal nasalizada** – São consideradas nasalizadas as vogais que apresentarem, na sílaba pretônica, o travamento por elemento nasal, ou seja, aquelas que se caracterizam por uma nasalidade categórica, do modo como pontua Abaurre e Pagotto (1996). Ex: *dentista, conduta.*
- **Vogal passível de nasalização** – Nesse fator, incluímos as ocorrências de vogais que podem ou não estar sendo influenciadas pelo segmento nasal na sílaba seguinte, como em *cemitério e domínio.*
- **Vogal oral** – A vogal pretônica classifica-se como oral, caso não seja identificada a presença de segmento nasal seguinte. Ex: *beliche, posição.*

#### 2.3.2.8. Grau de Atonicidade da Vogal Pretônica

O caráter de tonicidade da pretônica tem sido um fator considerado em grande parte dos trabalhos que tratam da elevação vocálica do PB. Este grupo de fator corresponde à propriedade da vogal média pretônica, no processo derivacional, tornar-se tônica ou



permanecer átona durante toda a derivação paradigmática que possa levar à mudança na localização do acento.

Segundo autores como Bisol (1981), as vogais que preservam sua característica de átonas durante a derivação estão sujeitas a alterações. Já aquelas que adquirem o caráter de tônicas por deslocamento do acento, tendem a preservar-se, uma vez que, para ela, o falante guarda memória das regras subjacentes e, por isso, não eleva as médias [e, o] para [i, u], respectivamente. Com base nessas informações, definimos, portanto:

- **Atonicidade Permanente** – a sílaba em que se localiza a pretônica é permanentemente átona, isto é, não recebe o acento durante o processo derivacional (*polícia* > *policial*).
  
- **Atonicidade Secundária** – a pretônica é átona secundária, ou seja, a sílaba que contém a vogal candidata à manifestação do acento é originalmente tônica e, durante a derivação paradigmática, tornou-se átona (*dente* > *dentista*);

A seguir, na seção (2.3.3.), apresentamos os contextos de vogal média considerados na análise, ressaltando-se os recortes realizados com relação à variável dependente, a qual se define pela elevação ou não das pretônicas /e/ e /o/.

### 2.3.3. Delimitação da Variável Dependente

Selecionados os perfis sociais dos informantes que investigamos, foram extraídas as ocorrências de palavras com vogais pretônicas e determinadas as variáveis estruturais possivelmente envolvidas na elevação da vogal pretônica. Em seguida, procedemos à transcrição fonética dos inquiridos, de base perceptual, a fim de identificarmos as realizações das pretônicas /e/ e /o/.

Embora muitos estudos tratem da vogal média anterior /e/ e da média posterior /o/ como vogais pertencentes a um mesmo processo, em nossa pesquisa, a análise dessas vogais ocorreu separadamente. Assim como em outros trabalhos sobre o tema (BISOL, 1981; CÉLIA, 2004; FREITAS, 2001; SCHWINDT, 2002 e VIEGAS, 1987), observamos que os ambientes favorecedores ao alçamento da pretônica /e/ não coincidem exatamente com aqueles que propiciam o alçamento da pretônica /o/. Dessa forma, optamos por inicialmente analisar /e/ e /o/ separadamente, para depois, fazer uma análise comparativa entre o comportamento dessas duas vogais.

Outra delimitação efetuada em nosso estudo refere-se ao tipo de contexto considerado. Como já destacado, uma das hipóteses que consideramos em nosso trabalho é a de que o alçamento vocálico pode refletir um caso de harmonização vocálica, o qual se “caracteriza como um processo fonológico, de caráter assimilatório, que muda a qualidade de uma ou mais vogais do vocábulo para *harmonizar-se* com outra vogal presente no mesmo vocábulo” (SCHWINDT, 2002, p. 162). Tendo em vista poder tratar-se de um processo assimilatório, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ assimilam o traço de altura das vogais altas /i/ e /u/, respectivamente, iniciamos nossa análise com base na noção de contexto favorável à aplicação da regra, ou seja, consideramos a hipótese de que a presença de vogal alta /i/ ou /u/ na

sílaba seguinte é condição primeira para a ocorrência do alçamento. Nesse sentido, evidenciamos quatro contextos de observação.

1º) Contexto em que a pretônica é seguida de vogal alta /i/ ou /u/ e o processo de alçamento aplica-se, confirmando a hipótese de harmonização vocálica, como em: *v[e]s[i]cula ~ v[i]s[i]cula*, *p[o]l[i]cia ~ p[u]l[i]cia*;

2º) Contexto em que a pretônica é seguida de vogal alta /i/ ou /u/, entretanto, o processo não acontece, como em: *r[e]v[i]sta*, *s[o]rr[i]so*;

3º) Contexto em que a pretônica não é seguida de vogal alta /i/ ou /u/, mas, mesmo assim, observamos o alçamento da vogal, como em: *b[e]zerro ~ b[i]zerrol*, *g[o]v[e]rno ~ g[u]v[e]rno*, favorecendo a explicação pela redução da vogal.

4º) Contexto em que a pretônica não é seguida de vogal alta /i/ ou /u/ e a regra do alçamento vocálico não se aplica, como em: *s[e]m[a]na*, *s[o]/[a]*.

Além dos contextos acima destacados, ressaltamos ainda que nos casos em que a mesma palavra tem mais de uma vogal pretônica, como em *t[e]l[e]visão*, *c[o]/[o]rida*, consideramos, na análise, os dois contextos de pretônica, ou seja, as sílabas [te] e [le] do item *televisão* e as sílabas [ko] e [lo] de *colorida*.

Tendo em vista que nos propusemos a estudar a manifestação da vogal pretônica interna à palavra, destacamos também a exclusão de ocorrências cujas pretônicas se situam em início

de palavra, em hiato e em prefixo. Nas seções que seguem, explicitamos as razões para essa delimitação, a partir dos trabalhos de Naro (1973), Bisol (1981) e Schwindt (2001).

### 2.3.3.1. Vogal Inicial

As vogais médias /e/ e /o/ em posição inicial absoluta de palavras não serão analisadas nessa pesquisa, dado que seus princípios regentes não coincidem com os que elevam uma vogal média pretônica interna.

Com relação a /e/, admitimos que o silêncio à esquerda favorece a elevação, quando a vogal é seguida de /N/ ou /S/ em itens do tipo *empresa* e *escada*, fato que tem comprovação histórica, segundo Naro (1973).

Já para /o/ não encontramos na literatura nenhuma restrição quando ao seu comportamento em início de palavra, entretanto, percebemos que ocorrências como *ostra* e *ontem*, as quais possuem a mesma estrutura de *escada* e *empresa*, não elevam suas médias para \* [u]stra e [u]ntem. Dessa maneira, além de considerarmos que /e/ e /o/ iniciais possuem comportamento diferenciado de /e/ e /o/ no meio da palavra, entendemos que /e/, quando na posição inicial, tende a apresentar alçamento quase que categórico, ao contrário de /o/, para o qual isso não se observa. Apesar de considerarmos, portanto, que, na posição inicial de vocábulos, a pretônica /e/ alça mais que a pretônica /o/, não tratamos dessa diferenciação na análise estatística dos dados.

Com base no quadro 1, podemos observar as ocorrências de /e/ encontradas que representam o grupo de itens com vogal pretônica em início de palavra. Como dito, na grande maioria deles, o alçamento aconteceu de modo categórico.

**Quadro 1:** Itens com vogal inicial /e/ seguida de /S/ ou /N/

estudo	espírita	estrelato	estojo	expectativa	enxada
estômago	escândalo	estragada	extrema	expressão	enxerto
estranho	espaço	esquina	espinhozinho	expediente	empadão
espelho	esforçado	espécie	escrivantina	explosão	engenharia
estado	estante	estúpida	espiritual	exportador	entrevistado
esposa	extenso	estúpida	estéril	explicável	empregada
escola	esperta	escultural	estudante	externo	ensino
escolha	estrada	esperta	estadual	explicação	engraçado
espontânea	esquema	especial	estreita	empresa	engenheiro
estabanada	espelhinho	estágio	escolinha	ensinamento	endereço
esforço	estrelinha	estilo	estilete	entrosamento	empolgada
esperança	escumadeira	esquisita	esquerda	enxoval	embolorado
esporte	espírito	estudantil	estufa	enxovalzinho	entulho
estímulo	Espanha	estripulia	esquecimento	entrevista	emprego
estimação	espetáculo	estradinha	escritório	enxadada	enxada
escuro	estrutura	espátula			

### 2.3.3.2. Hiato

De acordo com Bisol (1981), a possibilidade de haver variação de uma vogal posta em contato com outra foi observada desde o século XVI, por Fernão de Oliveira (1536). Com o passar do tempo, seria de se esperar, portanto, que casos de variação como o alçamento se tornassem regras categóricas. Embora tenhamos encontrado ocorrências em variação como *t[e]atro ~ t[i]atro*, *d[o]ente ~ d[u]ente*, *d[o]ença ~ d[u]ença*, a maioria das vogais médias em hiato, apresentou alçamento categórico, como *j[u]elho*, *c[u]elho*, *cad[i]ado*, *t[u]alha*,

*camp[i]onato*, etc. Por essa razão, excluimos de nossa análise dados em que as vogais /e/ e /o/ estão em hiato.

### 2.3.3.3. Prefixo

Nesta investigação, apreciamos a noção de prefixo trabalhada por Schwindt (2001). Quanto ao seu *status* prosódico, o autor classifica os prefixos em dois grupos: prefixos composicionais (PCs) e prefixos legítimos (PLs). Os primeiros configuram-se como palavras fonológicas independentes e, portanto, acentuadas, enquanto os outros, os PLs, se estruturam como sílabas átonas afixadas à esquerda de uma base. A categorização dos prefixos do PB em composicionais e legítimos pode ser observada a partir do seguinte quadro (SCHWINDT, 2001, p.8).

**Quadro 2.:** Categorização dos prefixos do PB

<b><i>PREFIXOS COMPOSICIONAIS</i></b>	
<b>Dissilábicos</b>	<i>auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono-, neo-, pseudo-, recéN-, semi-, ultra-, vice-</i>
<b>Monossilábicos</b>	<i>beN-, bi-, es<sub>ant</sub>-, não-, paN-, póS-, pré-, pró-, tri-</i>
<b><i>PREFIXOS LEGÍTIMOS</i></b>	
<b><i>Monossilábicos</i></b>	<i>a-, ad-, aN-, com-, em-, deS-, diS-, eS<sub>fora</sub>-, iN<sub>dentro</sub>-, iN<sub>neg</sub>-, re-, sub-, tranS-</i>

Com base na diferenciação acima referida bem como no quadro exposto, decidimos que não serão consideradas as vogais pretônicas localizadas nos denominados PLs, ou mais especificamente, no prefixo **des-**, pois a aplicação da regra do alçamento acontece de forma

categorica nesse prefixo, como em *d[i]semrego*, *d[i]satenta*, *d[i]sigualdade*, *d[i]sgraça*, *d[i]spreocupado*, *d[i]scontraído*, entre outros itens.

Schwindt (2001) fez um estudo minucioso sobre o *status* lexical e prosódico dessas estruturas no Português do Brasil, entretanto, as informações aqui expostas sustentam o recorte efetuado em nossa pesquisa.

#### 2.4. Resumo

Ao longo deste capítulo, pretendemos explicitar as características socioeconômicas inerentes à comunidade de fala em estudo, do mesmo modo que buscamos identificar os procedimentos metodológicos que nortearam nossa investigação. Uma vez que lidamos com dados de fala espontânea, realizamos uma descrição do banco de dados do qual extraímos os inquéritos que compõem nosso *corpus*, detalhando como foram realizadas as etapas de coleta, processamento e armazenamento dos inquéritos do referido banco.

Além da procedência dos dados, apresentamos os critérios sociais que nortearam a seleção dos inquéritos que compõem nosso *corpus*, bem como os fatores estruturais que analisamos, a fim de verificar como eles poderão influenciar na elevação da vogal no dialeto do noroeste paulista.

Demonstramos, ainda, o modo como a variável dependente de nosso trabalho foi analisada, momento em que consideramos a noção de contexto favorável, ou seja, a presença de vogal alta /i/ ou /u/ na sílaba seguinte à que contém a pretônica, como ponto de partida da análise. Além do conceito de harmonização vocálica, trabalhamos também a noção de redução vocálica, a fim de demonstrar como os casos em que o alçamento ocorre, mesmo sem contexto

favorável, podem ser explicados. Ainda sobre a variável dependente, tratamos também dos recortes de pretônicas em início de palavra, em hiato e em prefixo, pois observamos somente o comportamento da vogal interna ao vocábulo.



## CAPÍTULO 3

# ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

**P**or meio deste capítulo objetivamos descrever os resultados gerados pela análise quantitativa dos dados a partir da submissão destes ao pacote estatístico VARBRUL e, mais do que isso, pretendemos realizar uma análise dos resultados mais relevantes para a caracterização do alçamento vocálico na fala culta do dialeto que aqui consideramos. Mais uma vez, ressaltamos que nas rodadas do programa Varbrul, todos os grupos de fatores estruturais foram incluídos no nível *step-up*, o que significa que todos os grupos que investigamos foram selecionados como relevantes para explicar a aplicação da regra do alçamento.

Primeiramente, na seção (3.1.), apresentamos os valores gerais referentes à ocorrência do alçamento da pretônica na variedade culta de São José do Rio Preto e região. Nas seções seguintes, demonstramos os índices estatísticos referentes à análise do comportamento de cada variável estrutural selecionada, com relação ao favorecimento ou desfavorecimento da regra que ocasiona a elevação. Assim, em (3.1.1.), observamos, conjuntamente, o papel da vogal da sílaba tônica e da posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica e, na seção (3.1.2.), discutimos sobre a variável tipo de vogal átona seguinte. Nas seções (3.1.3.) e (3.1.4.), analisamos a influência dos segmentos precedentes e seguintes, respectivamente. Em (3.1.5.), tratamos da motivação da variável tipo de sílaba em conjunto com a variável nasalidade e, na seção (3.1.6), revelamos os resultados da variável grau de atonicidade da

vogal pretônica. Na seção (3.2.), retomamos a discussão que envolve os fenômenos de harmonização e redução vocálica, tendo em vista a descrição de todos os grupos de fatores.

Como já destacado no capítulo 2, a análise das vogais pretônicas /e/ e /o/ é realizada separadamente, uma vez que os fatores que influenciam a elevação de /e/ não correspondem aos que favorecem o alçamento em /o/. Por esse motivo, a descrição e discussão dos resultados também acontece de modo independente para cada uma dessas vogais.

### 3.1. Alçamento Vocálico na Fala Culta do Dialeto Riopretano: Resultados

O estudo das vogais átonas, sobretudo em posição pretônica, tem recebido destaque, uma vez que seu desenvolvimento contribui para a descrição das variedades da Língua Portuguesa em nosso país, fato já ressaltado nas páginas iniciais deste trabalho. Embora o alçamento vocálico seja um dos principais fenômenos considerados nas investigações, destacamos que, de modo geral, a aplicação da regra de elevação da vogal apresentou, neste dialeto, um baixo percentual. Vejamos a tabela 2.

**Tabela 2:** Aplicação da regra de alçamento na variedade culta de São José do Rio Preto (SP) e região.

Contexto	<i>Aplicação</i>	%
Pretônica /e/	297/2246	13%
Pretônica /o/	227/1590	14%

Notamos que, dos 2246 contextos de vogal pretônica /e/ analisados, somente 297 aplicaram a regra do alçamento, o que corresponde a 13% do total. Resultando semelhante foi observado para os contextos de pretônica /o/. Do total de 1590 contextos analisados, somente 228 elevaram o traço de altura, ou seja, 14%.

Nota-se, portanto, que, no dialeto do noroeste paulista, as vogais médias [e, o] predominam sobre as altas [i, u], respectivamente, ou seja, não há tendência ao alçamento. Além disso, /e/ e /o/ têm praticamente a mesma suscetibilidade para sofrer o alçamento, uma vez que a porcentagem de aplicação da regra no contexto da vogal anterior (13%) é muito próxima ao que observamos para o contexto da vogal posterior (14%). Embora sejam próximas, essas porcentagens indiciam uma tendência a haver maior alçamento de /o/ em relação a /e/, fato que é mais evidente nas porcentagens de seis dos sete trabalhos aqui considerados, como se verifica na tabela 3 abaixo. Com já ponderamos, nossos dados se restringem a inquéritos de informantes que podem ser tomados como representativos da fala culta do noroeste paulista. A ampliação da amostra incluindo inquéritos de informantes com perfis sociais aqui não consideramos podem corroborar (ou não) os resultados aqui descritos para a variedade culta do dialeto riopretano.

**Tabela 3:** Aplicação da regra de alçamento nos trabalhos considerados.

Dialetos	Alçamento de /e/	Alçamento de /o/
São José do Rio Preto (SP)	13%	14%
Porto Alegre (RS) (Bisol, 1981)	22%	33%
Belo Horizonte (MG) (Viegas, 1987)	33%	31%
Nova Venécia (ES) (Célia, 2004)	14%	20%
Bragança (PA) (Freitas, 2001)	14%	26%
João Pessoa (PB) (Pereira, 2004)	34%	35%
Salvador (BA) (Silva, 1991)	20%	25%

Um dado que merece destaque é que na fala culta da variedade dialetal aqui estudada o percentual de alçamento /o/ é menor que nos trabalhos aqui considerados e o percentual de alçamento de /e/ é bastante próximo aos dados de Nova Venécia (ES) e Bragança (PA). Na tabela 3, podemos observar a frequência de aplicação da regra de alçamento para /e/ e para /o/ em cada uma das variedades já estudadas em relação aos dados que obtivemos.

Apesar desses baixos índices de aplicação da regra encontrados neste estudo, torna-se fundamental destacarmos que, em alguns dos itens que apareceram em nosso *corpus*, a manutenção das médias [e, o] acontece somente do ponto de vista ortográfico, ou seja, na fala, essas vogais são realizadas como [i] e [u] de maneira categórica, por exemplo em *m[i]nino(a)* (100%); *s[i]nhora* (100%); *b[u]nito(a)* (100%), entre outros.

Tendo em vista tais aspectos, concluímos, então, que o alçamento vocálico caracteriza-se como um fenômeno fonológico de baixa produtividade neste dialeto, mas não menos importante para a caracterização da Língua Portuguesa, na medida em que fornece subsídios para comparações interdialetais e, conseqüentemente, para a descrição das vogais átonas do PB.

Nas seções seguintes apresentamos, em termos de percentuais e pesos relativos, o comportamento das vogais médias anterior e posterior, com base nas variáveis estruturais, descritas no capítulo 2.

### **3.1.1. Vogal da Sílabla Tônicla e Posição da Vogal Pretônica em Relação à Sílabla Tônicla**

Nos estudos sobre o alçamento das vogais médias pretônicas, ou mais especificamente naqueles que lidam com a hipótese de a elevação resultar de um fenômeno de harmonia vocálica, os fatores tonicidade (CÂMARA JR. 1970) e contigüidade (BISOL, 1981) da vogal alta, gatilho para a regra de assimilação entre vogais, têm sido enfocados.

Para Lemle (1974), a presença de vogal alta seguinte que seja tônica em alguma palavra do paradigma, mas que não seja necessariamente imediata à pretônica, é condição obrigatória para que a elevação da vogal pretônica aconteça. Já para autores como Bisol (1981), Viegas (1987) e Célia (2004), a contigüidade da vogal alta é um fator mais condicionador da regra, no sentido de concretizar sua implementação, do que sua tonicidade propriamente dita.

A fim de identificarmos, na variedade culta de São José do Rio Preto e região, como essa relação entre tonicidade e contigüidade das vogais altas acontece de modo a favorecer o alteamento das pretônicas, realizamos a análise das variáveis: (i) vogal da sílabla tônica, (ii)

posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica e (iii) vogal átona seguinte. Na tabela 4, são apresentados os resultados da variável vogal da sílaba tônica.

**Tabela 4:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal tônica

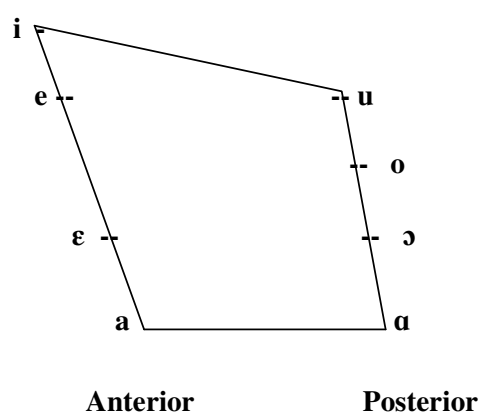
<i>Vogal Tônica</i>	<i>Pretônica /e/</i>		<i>Pretônica /o/</i>	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
<b>Alta Anterior [i]</b> <i>med[i]da, comunicat[i]va</i>	39% (189/484)	.98	41% (146/355)	.91
<b>Alta Posterior [u]</b> <i>ferv[u]ra, cost[u]me</i>	8% (7/92)	.50	28% (11/39)	.85
<b>Médio-Alta [e, o]</b> <i>bez[e]rro, pol[e]nta</i>	9% (75/815)	.57	4% (20/468)	.45
<b>Médio-Baixa [ɛ, ɔ]</b> <i>melh[ɔ]r, proj[ɛ]to</i>	16% (24/148)	.28	21% (33/157)	.69
<b>Baixa [a]</b> <i>reg[a]ço, bol[a]cha</i>	0% (2/707)	.05	3% (17/571)	.17
<b>Total</b>	13% (297/2246)		14% (228/1329)	

Os índices apontam que é a vogal tônica anterior /i/ o ambiente mais favorável à regra, tanto no contexto de pretônica /e/ (PR .98), quanto no de pretônica /o/ (PR .91), o que pode ser entendido, pelos pesos relativos, como havendo a ocorrência categórica do alçamento. A vogal tônica posterior /u/, de modo diferente, tende a motivar muito mais o alçamento de /o/ (PR .85), do que de /e/ (PR .50). Assim, foi bastante freqüente identificarmos em nossos

dados itens cujo alçamento das pretônicas /e/ e /o/ resultou da assimilação com a vogal alta /i/, como em *v[i]sícula* e *s[u]brinho*, respectivamente. Bem menos provável, entretanto, foi a observação de casos em que o assimilador /u/ estivesse influenciando a elevação da pretônica /e/, como em *s[i]guro*, mas não *\*l[i]gume*, *\*b[i]rmuda*, etc.

Essa diferença de comportamento das vogais /i/ e /u/, as quais desencadeiam a assimilação do traço alto pela pretônica, justifica a divisão da variante vogal alta em anterior /i/ e posterior /u/ e, segundo o que considera Bisol (1981) em sua tese, pode ser explicada foneticamente, ou seja, com base na articulação da vogal alta em jogo. Para fundamentar sua argumentação, a autora utiliza o diagrama das vogais cardinais, por meio do qual a posição da vogal representa o grau relativo de altura da língua na cavidade bucal no momento em que cada uma das vogais é enunciada.

**Diagrama 3:** Diagrama de Daniel Jones (apud BISOL, 1981, p. 114)



Por meio desse diagrama, deduz-se que a emissão da vogal alta [i] corresponde à posição mais elevada da língua ao passo que a vogal [u] coincide diagonalmente com a média

[e], não se distanciando desta em altura como a vogal [i]. Ao admitir, portanto, que a diferença assimilatória das altas tem uma razão articulatória, Bisol (1981) conclui:

O espaço na cavidade bucal para a emissão das vogais anteriores é maior do que o espaço destinado à emissão das posteriores. Conseqüentemente a vogal alta posterior é menos alta que a anterior. E por ser menos alta é natural que não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria. (BISOL, 1981, p.114).

Além da diferença do comportamento de /i/ e /u/ para o alçamento de /e/ e /o/, cabe-nos tratar também dos índices de aplicação da vogal tônica médio-alta [e, o] e da médio-baixa [ɛ, ɔ]. As vogais médio-altas e médio-baixas em posição tônica deveriam, segundo o que encontramos na literatura, desfavorecer a elevação das médias pretônicas. Nossos resultados estão de acordo com a literatura para a pretônica /o/, quando as tônicas forem [e, o] e, para a pretônica /e/, quando as tônicas forem [ɛ, ɔ]. No entanto, nossos dados divergem do esperado para a pretônica /e/, quando as tônicas são [e, o] e, para a pretônica /o/, quando as tônicas são [ɛ, ɔ] (Cf. tabela 4).

Apesar de não esperados, entendemos que esses resultados não contradizem as análises realizadas em outros trabalhos sobre o assunto, tendo em vista que os valores encontrados em nossa pesquisa sobre a influência das vogais médio-altas e médio-baixas relacionam-se à ocorrência de alguns itens em particular, por exemplo, *p[i]qu[e]no*, para a pretônica /e/, e *c[u]lh[ɛ]r*, para a pretônica /o/. No caso do item *pequeno*, percebemos que do total de 75 ocorrências em que a vogal pretônica /e/ é alçada e apresenta na sílaba tônica uma vogal médio-alta [e, o], 68 são desse item, o que corresponde a quase 91% desse tipo de ocorrência.



Da mesma forma, o item *colher* tem 28 ocorrências, que correspondem a quase 85% do total de 33 itens cuja pretônica alçada é seguida de vogal tônica médio-baixa [ɛ, ɔ].

Diante da explicação desses resultados, que aparentemente divergem do que era esperado, podemos rever nossos resultados para esses contextos e afirmar que confirmamos a hipótese prevista na literatura, segundo a qual as vogais não-altas tendem a funcionar como ambiente desfavorecedor do alçamento da média pretônica. Dessa maneira, concluímos que a motivação do alçamento nos itens *p[i]queno* e *c[u]lher* é de outra natureza, mais adiante explicitada e, não é, causada pela vogal tônica, fato que nos permite afirmar que o processo que motiva o alçamento, nesses casos, não é a harmonização vocálica, mas sim, um outro fenômeno, o de redução vocálica. Além desse fato, não descartamos a possibilidade de o alçamento, nesses itens particulares, estar relacionado à frequência de ocorrência, fato que, por sua vez, leva a discussão para o Modelo de Difusão Lexical.

Mais do que argumentar sobre a diferença de aplicação da regra entre vogais altas e não-altas, interessa-nos discutir, nesse momento, em que medida a tonicidade das vogais altas influencia o fenômeno de alçamento em nosso dialeto. Esse fato, contudo, não pode ser abordado sem antes considerarmos os resultados referentes à distância existente entre vogal pretônica e vogal da sílaba tônica. Vejamos a tabela 5.

**Tabela 5:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação à posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica

<i>Distância</i>	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
<b>1 Sílaba</b> <i>perigo, bonito</i>	17% (264/1554)	.73	21% (197/946)	.74
<b>2 Sílabas</b> <i>aparecimento, condição</i>	5% (25/506)	.10	3% (16/469)	.10
<b>3 ou Mais Sílabas</b> <i>definição, comunicação</i>	4% (8/186)	.02	8% (14/174)	.49
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

É notável a predominância do fator adjacência da vogal alta à pretônica para a aplicação da regra, ou seja, a distância de uma sílaba entre a vogal pretônica /e, o/, candidata à elevação, e a vogal alta tônica é a condição ideal para que a regra de elevação seja aplicada, como observado na tabela 4. Isso se confirma quando observamos ocorrências do tipo *coletivo, correria, pejorativa, materialista, delegacia*, em que a presença da vogal alta tônica não é suficiente para desencadear a elevação das pretônicas, em virtude da distância de mais de uma sílaba entre a vogal pretônica e a vogal alta tônica.

Tais resultados permitem-nos afirmar, então, que além de ser a presença da vogal alta o contexto ideal à manifestação do processo, quando comparado aos outros tipos de vogais na sílaba tônica, a adjacência desse tipo de vogal também exerce papel determinante na caracterização da regra. Como dito, essa tendência pode ser confirmada quando observamos uma série de palavras em que a vogal tônica é alta, mas não é contígua à vogal pretônica e a elevação não acontece.

De modo contrário, observaremos na seção seguinte (3.1.2.), um conjunto de palavras em que a vogal alta é contígua à pretônica, mas não se localiza na sílaba tônica, a fim de identificarmos se a contigüidade da vogal alta sobrepõe-se, em termos de motivação da regra, ao fator tonicidade, conforme argumenta Bisol (1981), Célia (2004), Pereira (2004) e Viegas (1987).

Antes, porém, faremos um breve comentário acerca do índice de aplicação de (.49) encontrado para o fator três ou mais sílabas, nas ocorrências de pretônica /o/. Acreditamos que tal valor possa ser resultante da recorrência do item *policial*, uma vez que, do total de 14 ocorrências cuja pretônica alçada dista três ou mais sílabas da tônica, nove são desse vocábulo, o que corresponde a quase 65% das ocorrências encontradas.

O alçamento da pretônica dessa palavra, de fato não está relacionado à posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica nem à vogal da sílaba tônica propriamente dita, até mesmo porque na tônica existe uma vogal baixa [a], que por sua vez, tende a desfavorecer a elevação. Na verdade, é a seqüência de vogais altas seguintes à pretônica (*pol[i]c[i]al*) que está motivando a aplicação da regra dessa palavra, que é um derivado do item *polícia*, em que a elevação é praticamente categórica em virtude da vogal alta tônica contígua. Mais uma vez, ressaltamos que a freqüência de ocorrência do item pode relacionar-se à aplicação da regra de alçamento, caso consideremos o Modelo de Difusão Lexical como o mais adequado para explicar alguns resultados da descrição aqui realizada.

### 3.1.2. Vogal Átona Seguinte

Primeiramente, destacamos que na análise dessa variável foram desconsiderados os itens que não apresentam vogal átona entre a pretônica candidata à elevação e a tônica da palavra, por exemplo *revista* e *cozinha*. Assim, o número total de ocorrências da pretônica /e/ passou de 2.246 para 700 e da pretônica /o/ de 1.590 para 647.

Os índices de aplicação de cada variante selecionada nesse grupo de fatores estão expostos na tabela 6.

**Tabela 6:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal átona seguinte

<i>Vogal Átona Seguinte</i>	<i>Pretônica /e/</i>		<i>Pretônica /o/</i>	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
<b>Alta Anterior [i]</b> <i>c[e]m[i]tério, c[o]mpr[i]mento</i>	8% (23/301)	.83	13% (23/171)	.92
<b>Alta Posterior [u]</b> <i>seg[u]rança, com[u]nidade</i>	4% (1/28)	.78	6% (6/96)	.62
<b>Média-Alta [e,o]</b> <i>p[e]qu[e]nina, c[o]m[o]vida</i>	4% (9/230)	.11	1% (3/274)	.16
<b>Média-Baixa [ɛ,ɔ]</b> <i>per[ɛ]reca, por[ɔ]roca</i>	0% (0/140)	.00	0% (0/1)	.00
<b>Baixa [a]</b> <i>g[e]stação, bob[a]gem</i>	0% (0/1)	.00	0% (0/105)	.00
<b>Total</b>	<b>5%</b> <b>(33/700)</b>		<b>5%</b> <b>(32/647)</b>	

De acordo com os resultados, observamos que, novamente, é a vogal alta anterior /i/ que exerce maior força articulatória sobre os contextos de pretônica /e/ (PR .83) e de pretônica /o/ (PR .92). Entretanto, para esse conjunto de palavras, percebemos que a vogal alta posterior /u/, além de favorecer a elevação da média /o/, também motiva o alçamento de /e/, o que pode ser considerado um fato inesperado se nos voltarmos à explicação dada na seção anterior (3.1.1.), acerca da diferença dos resultados de assimilação entre /i/ e /u/.

O que devemos pontuar, contudo, é que o índice de aplicação referente à vogal alta posterior /u/ pode estar sendo comprometido pela ocorrência do item *segurança*, que, por sinal, é o único vocábulo de todo o conjunto em que a vogal /u/ átona seguinte parece favorecer o alteamento da pretônica /e/. Embora esse item tenha ocorrido sete vezes, somente em uma delas ele aparece com a pretônica /e/ alçada, o que explica o valor de aplicação (1/28), ou seja, do total de 28 palavras com contexto de vogal alta posterior /u/ seguinte, somente uma foi enunciada com a pretônica /e/ alçada. Ao considerarmos a frequência de ocorrência do item, admitimos a possibilidade de o alçamento ser explicado com base no Modelo de Difusão Lexical, em vez de se tentar explicar a elevação com base na estrutura interna da palavra.

Vejamos os itens: *celular*, *remuneração*, *resultado*, *deputado*, *tuberculose*. Em todos eles, a presença de vogal posterior /u/ não exerce qualquer influência sobre a pretônica /e/. Assim, reafirmamos a explicação para esses dados, segundo a qual a vogal anterior /i/ tende a favorecer, na mesma proporção, o alçamento das médias /e/ e /o/, enquanto que posterior /u/ tende a motivar, de modo especial, sua homorgânica<sup>32</sup> /o/, como em *p[u]rtuguês*, *c[u]stureira*, etc.

---

<sup>32</sup> Dois segmentos são homorgânicos quando ambos têm o mesmo ponto de articulação. Assim, as vogais /e/ e /i/ são homorgânicas, por serem produzidas na parte **anterior** da boca e /o/ e /u/ são homorgânicas, por serem produzidas na parte **posterior** da boca (BISOL, 1981).

Voltemos aos índices de aplicação das vogais altas átonas seguintes /i/ e /u/. Quando a pretônica é /e/, a variante /i/ apresenta um peso relativo de (.83), o que significa dizer que a vogal anterior /i/ átona imediata caracteriza-se como o ambiente mais favorecedor da aplicação da regra na pretônica /e/, quando comparado aos outros fatores. Os vocábulos que ilustram esse fato são: *p[i]riquito, c[i]mitério, p[i]rigoso, pr[i]guiçosa*.

Apesar desse resultado, é possível listar um relevante número de itens que têm esse mesmo contexto, mas as suas pretônicas não são alçadas, como *d[e]cisão, p[e]riferia, r[e]ligião, r[e]ligioso, v[e]stibular, pr[e]cisão, univ[e]rsidade, d[e]dicação, f[e]minino, s[e]ntimento*. Esse grupo de palavras, parece, então, nos levar à interpretação de que, da mesma forma que a tonicidade, sozinha, não determina a aplicação da regra de harmonização neste dialeto, a contigüidade por si só, também não é determinante. Antes de concluirmos favoravelmente a esta interpretação, observemos os contextos de pretônica /o/.

Nesse contexto, a vogal átona imediata /i/ também se mostra como o mais importante fator para a aplicação da regra (PR .92), o que pode ser observado em palavras como *m[u]nitoramento, m[u]nitora, p[u]licial e c[u]zinheira*. No entanto, podemos identificar também uma série de vocábulos não alçados, apesar da vogal alta imediata /i/, como *pr[o]visória, c[o]missão, disp[o]sição*.

Já no que diz respeito ao papel exercido pela átona posterior /u/, notamos uma índice de aplicação da regra de (.62), obtido a partir de ocorrências do tipo *c[u]stureira e p[u]rtuguês*. Por outro lado, encontramos os itens *p[o]pulação, op[o]rtunidade, s[o]lução, c[o]munhão, c[o]munidade, c[o]municativo*, entre outros <sup>33</sup>, cuja vogal átona /u/ seguinte não funciona como desencadeador da regra de elevação.

---

<sup>33</sup> Todas as ocorrências analisadas nesta pesquisa estão organizadas nos anexos 2 e 3, sendo o anexo 2 para as ocorrências de /e/ e o anexo 3 para as ocorrências de /o/. Em cada um desses anexos, as ocorrências foram

Levando em conta tais aspectos, verificamos que não são poucos os casos em que a contigüidade das vogais altas /i/ e /u/ não tem força suficiente para desencadear a elevação das pretônicas /e/ e /o/. Essa constatação, por sua vez, permite-nos concluir que a regra de harmonização vocálica, na fala culta da variedade aqui considerada, tem como requisito a tonicidade e a contigüidade das vogais altas /i/ e /u/. Assim, entendemos que nem um, nem outro fator se caracteriza como mais importante, mas, igualmente necessários para a implementação da regra neste dialeto.

É verdade que podemos observar ainda casos em que, mesmo a vogal alta sendo tônica e contígua, a elevação da pretônica não ocorre, como *t[e]rrível*, *s[e]rviço*, *b[e]liche*, *f[e]liz*, *r[e]líquia*, nas ocorrências de /e/, e *categ[o]ria*, *pr[o]duto*, *col[o]rido*, *com[o]vido*, nas ocorrências de /o/. Possíveis interpretações para tais dados serão feitas com base na descrição de outros grupos de fatores, como a atuação dos segmentos adjacentes à pretônica.

### 3.1.3. Segmento Precedente

Como anteriormente destacado, é a vogal contígua e tônica o elemento desencadeador da assimilação, caso assumamos a explicação do alçamento pelo fenômeno de harmonização vocálica. Entretanto, cabe analisarmos a influência de outros elementos estruturais no processo, como o ponto de articulação das consoantes adjacentes à pretônica candidata ao alçamento. Assim, quando observado o papel das consoantes posicionadas **antes** da vogal pretônica, encontramos os seguintes índices de frequência e peso relativo (PR):

---

agrupadas de acordo com a manifestação do processo, a saber: (i) alçamento categórico; (ii) alçamento variável e (iii) alçamento bloqueado.

**Tabela 7:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento precedente

<i>Consoante Anterior</i>	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
<b>Alveolar</b> [t]errível, co[l]orido	8% (70/892)	.24	5% (28/552)	.26
<b>Palatal</b> ob[ʒ]etivo, pe[ʒ]orativo	4% (2/54)	.42	0% (0/35)	.00
<b>Velar</b> [k]esito, [x]otina	5% (12/246)	.44	18% (99/536)	.64
<b>Labial</b> [v]estido, [p]ossível	20% (213/1054)	.74	21% (100/467)	.63
<b>Total</b>	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Com base na tabela 7, notamos que os segmentos cujo ponto de articulação é labial ou velar foram os que apresentaram os maiores índices de aplicação da regra do alçamento, o que significa dizer que tais segmentos, quando comparados aos outros que compõem o grupo de fatores segmento precedente, são os mais favoráveis à elevação da pretônica.

O peso relativo registrado para a consoante labial no contexto de pretônica /e/ foi de (.74) e no contexto de pretônica /o/ de (.63), ou seja, esse tipo de segmento consonantal apresenta-se, com base nos resultados gerados pelo programa, como condicionador da aplicação da regra de alçamento nos dois contextos de vogal considerados.



Com relação ao contexto de pretônica /o/, admitimos que a labial apresenta-se como favorável à atuação da regra de elevação, tendo em vista o traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento labial. Bisol (1981), ao tratar dessa influência, afirma:

Considerando-se que a labialidade é um traço das vogais posteriores que gradualmente se acentua à medida que se vai da vogal baixa para a alta, é a vogal /u/ aquela que se caracteriza, em princípio, por maior labialização. Essa comunhão de traços entre a consoante labial, por sua constituição, e vogal posterior, sobretudo /u/, é que torna a labial um contexto favorecedor da elevação da vogal /o/, de tal forma que chega a ocorrer sem a presença do condicionador da regra da harmonização. (BISOL, 1981, p. 96).

Levando-se em consideração o fato acima demonstrado, temos constatado na literatura que o segmento labial tende a agir em favor da elevação de /o/, vogal com que está aparentada pelo traço de labialidade, mas não de /e/. Entretanto, conforme tabela 7, a labial apresenta-se como o fator mais favorável à aplicação da regra no contexto de pretônica /e/ (PR .74). Acreditamos que esse resultado pode ser explicado pelo elevado número de ocorrências cujas pretônicas são alçadas e iniciam-se com consoante labial, como: [mi]nino/a; [vi]stido; a[vi]nida.

Nesses casos, não é possível afirmarmos que o alçamento acontece por influência do ponto de articulação labial da consoante, mas, sim, pela atuação de outros fatores estruturais como a presença de vogal tônica alta seguinte (*vist[i]do*, *avin[i]da*, *min[i]no*), variável abordada na seção 3.1.1. deste capítulo. Isso significa dizer que nesse tipo de ocorrência, o alçamento parece ser melhor explicado pelo fenômeno de harmonização vocálica.

Sobre a consoante velar, observamos importante índice de aplicação, sobretudo nos casos de pretônica /o/, com (PR .64), como em [ku]mida e al[gu]dão. De acordo com Bisol

(1981), em cuja pesquisa esse segmento aparece como forte motivador da elevação de ambas vogais, a tendência de a velar propiciar o alçamento explica-se, assim como a diferença de atuação das vogais altas /i/ e /u/, por razões articulatórias.

Segundo a autora, “para emitir uma consoante velar, levanta-se a parte posterior da língua contra o palato mole” (BISOL, 1981, p. 97), o que possibilita definir essa consoante como de articulação alta. Embora pesquisas como a de Bisol (1981) apontem uma tendência de a velar precedente motivar igualmente a pretônica /e/ e /o/, em nossos dados esse segmento influencia de modo especial a elevação da posterior. Talvez, em nosso dialeto, a assimilação articulatória atue preponderantemente entre a vogal e a consoante que partilhem a característica de terem uma articulação na parte posterior da boca. Assim, o fato de /e/ ser articulado na parte anterior da boca tem, como consequência, menor influência da consoante velar, com (PR .44).

No que diz respeito aos segmentos alveolares, constatamos, conforme a tabela 6, baixos índices de aplicação da regra, nos dois contextos de vogais. Nas ocorrências de pretônica /e/, o peso relativo é (.24) e de pretônica /o/, o peso relativo é (.26).

Essa tendência de a alveolar desfavorecer a manifestação do processo é uma questão já explorada na literatura e, segundo pesquisas como a de Bisol (1981), Viegas (1987), Célia (2004) entre outras, pode ser explicada a partir da articulação não alta desse segmento. Para Bisol (1981, p.93) “a alveolar, cuja articulação se faz com a língua em posição razoavelmente plana, embora a parte da frente fique um pouco levantada, tenderia a não favorecer o processo de harmonização, por não ter pontos de semelhança com a vogal assimiladora”. Assim, itens do tipo [de]cisão e [so]rriso mantêm as médias [e, o], respectivamente, mesmo com a presença de vogal alta na sílaba contígua.

Por fim, acerca das consoantes cujo ponto de articulação é palatal, notamos um índice relativamente médio de aplicação da regra, no caso da pretônica /e/ (.42), e um total desfavorecimento, nas ocorrências de pretônica /o/. Consideramos tais resultados relevantes na medida em que se diferenciam bastante dos índices de aplicação da palatal em estudos realizados para outros dialetos (BISOL 1981; CÉLIA, 2004; VIEGAS, 1987). Nessas investigações, a palatal aparece como forte condicionadora do alçamento, tanto de /e/, quanto de /o/, assim como ocorre com a velar, por sua alta articulação. Bisol (1981) afirma, inclusive, que essa influência positiva faz sentido uma vez que o segmento palatal é considerado o mais alto do sistema consonantal e, por isso, atua de modo relevante em favor da elevação da altura de /e/ e de /o/.

Como visto, isso não se observa em nossa análise, pelo contrário, a palatal bloqueia o alçamento em /o/ e, no contexto de pretônica /e/, não apresenta elevado índice de aplicação, ou seja, é desfavorável à atuação da regra.

Enfocamos, ainda, outro aspecto que envolve a manifestação das consoantes palatais. Observemos as seguintes ocorrências: *prateleira*, *prateleirinha*, *partezinha*, *futebol*, *despachante*, *tardezinha*, *cidadezinha*, *desafio*, *desastrosas*, *destino*. Nelas, é possível perceber que a aplicação da regra do alçamento funciona como gatilho para a ocorrência de um outro fenômeno, o de palatalização, ou seja, a pronúncia alteada [i] da vogal média desencadeia o processo de palatalização da consoante precedente em: *pra[tʃi]leira*, *pra[tʃi]leirinha*, *par[tʃi]zinha*, *fu[tʃi]bol*, *[dʒi]spachante*, *tar[dʒi]zinha*, *cida[dʒi]zinha*, *[dʒi]safio*, *[dʒi]sastrosas*, *[dʒi]stino*, *[dʒi]scrição*.

Conforme pontua Cagliari (1997), o ponto de partida para a regra de palatalização do português é sempre uma vogal alta anterior /i/, seja ela nasalizada ou não. Caracterizada como

uma regra de assimilação do traço coronal da vogal, a palatalização, segundo o autor, é seguida de uma regra de africativização das oclusivas que se palatalizam e de uma regra opcional de queda da vogal anterior alta<sup>34</sup>.

Considerando esses aspectos, entendemos que, nos itens citados, não é a consoante palatal que influencia o alçamento da vogal, mas, de modo contrário, a elevação vocálica desencadeia a palatalização. Por esse motivo, desconsideramos tais itens da análise estatística, quando pronunciados com a consoante palatalizada, a fim de não comprometermos os resultados referentes ao papel dos segmentos consonantais, ou mais especificamente, das consoantes palatais.

#### **3.1.4. Segmento Seguinte**

Na tabela 8, são apresentados os resultados referentes à influência das consoantes localizadas depois da vogal candidata ao alçamento. Da mesma forma que as consoantes precedentes, as posteriores classificam-se de acordo com seus respectivos pontos de articulação.

---

<sup>34</sup> Existe uma grande discussão teórica envolvendo o fenômeno de palatalização do PB e, embora isso não seja relevante para o estudo que aqui desenvolvemos, enfocamos sua aplicação no dialeto analisado, uma vez que o alçamento vocálico nos referidos itens funciona como gatilho para esse outro fenômeno que afeta a consoante.

**Tabela 8:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento posterior

<i>Consoante Posterior</i>	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
<b>Alveolar</b> <i>be[l]iche, catego[r]ia</i>	10% (151/1552)	.42	15% (139/925)	.48
<b>Palatal</b> <i>pe[dʒ]ido, co[ʎ]er</i>	18% (29/160)	.42	40% (41/103)	.70
<b>Velar</b> <i>se[g]urança, fo[g]ão</i>	41% (111/271)	.99	2% (2/132)	.20
<b>Labial</b> <i>re[v]ista, so[b]rinho</i>	2% (6/263)	.07	11% (46/430)	.59
<b>Total</b>	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Como podemos observar, na posição seguinte, a consoante velar apresenta um índice categórico de aplicação da regra de alçamento nas ocorrências de pretônica /e/, com (PR .99). Embora na maior parte dos trabalhos que aqui consideramos (BISOL, 1981; CÉLIA, 2004; VIEGAS, 1987) o segmento velar também atue de modo bastante favorável à elevação, em nenhum deles é possível notar um valor favorecedor tão alto como na variedade de São José do Rio Preto e região. As ocorrências encontradas de pretônica /e/ que podem ilustrar a importância do segmento velar seguinte são: *ale[g]ria, perse[g]ida, pre[g]içosa, se[g]uro, se[g]inte, se[g]unda, se[g]urança, pe[k]eno*.

Assim como no caso das consoantes precedentes, em que a velar aparece, sobretudo, como condicionadora do alteamento de /o/, admitimos que a relevante influência desse segmento possa ser explicado com base em sua articulação que a caracteriza como consoante

alta. Apesar desse fato, cabe pontuar, novamente, que o grande número de ocorrências do item *p[ik]eno* pode estar influenciando, pelo menos em parte, o tão elevado índice de aplicação. Isso significa afirmar que a elevação da vogal em itens como *pequeno* pode ser melhor entendida com base na frequência elevada da palavra, e, não, por sua estrutura interna, fato que leva a discussão, mais uma vez, para o Modelo de Difusão Lexical.

Com relação ao contexto de /o/, entretanto, percebemos que a consoante velar não se apresenta como contexto favorável à elevação. Ao contrário do que notamos na posição precedente, esse segmento não motiva o alçamento da pretônica /o/, caracterizando-se pelo menor índice probabilístico encontrado (PR .20) dentre os fatores da variável segmento seguinte.

Situação bastante divergente do que encontramos para a posição precedente é o papel do segmento palatal seguinte na elevação de /o/. Caracterizada por bloquear (PR .0) a aplicação da regra quando localiza-se antes da vogal /o/, a consoante palatal apresenta-se, na posição seguinte, como o fator de maior relevância (.70).

Ainda que a articulação alta desse segmento explique tal influência, destacamos que o resultado pode estar sendo comprometido pela elevada ocorrência, em nossos dados, do item *colher(es)*. Nas 25 vezes em que aparece no *corpus*, esse item é pronunciado com a vogal elevada: *c[uʌ]er*, o que nos permite atribuir a esse tipo de dado, assim como fizemos para a palavra *pequeno*, a importância da frequência, e, por conseguinte, indícios para que o alçamento seja melhor explicado por meio da teoria da Difusão Lexical.

Antes de tratarmos da influência da consoante palatal seguinte no alçamento de /e/, cabe-nos fazer uma ressalva. Na análise da variável consoante precedente, desconsideramos os contextos de consoantes palatalizadas [tʃ, dʒ], restando, portanto, somente a observação

das consoantes palatais [ʃ, ʒ, ʎ, ɲ,]. Na análise da consoante seguinte, por sua vez, consideramos, no fator consoante palatal, tanto as consoantes palatais [ʃ, ʒ, ʎ, ɲ,], quanto as consoantes palatalizadas [tʃ, dʒ]. Isso porque, quando localizadas após a vogal candidata à elevação, as consoantes palatalizadas [tʃ, dʒ] adquirem, por meio do fenômeno de palatalização, uma articulação alta, a qual pode influenciar a elevação da pretônica /e/. Assim, itens como *mi[dʒ]ida* foram interpretados da seguinte forma: a vogal alta tônica [i] serve como gatilho da regra que palataliza o segmento consonantal [d]. Este segmento palatalizado [dʒ] passa a ser pronunciado com uma articulação mais alta e, por esse motivo, tende a favorecer a elevação da pretônica /e/.

Apesar de as consoantes palatais serem consideradas as mais altas do sistema consonantal e de encontrarmos, em nossos dados, ocorrências como *m[i]dida*, a tabela 8 nos revela que, de maneira geral, esse grupo não chega a funcionar como o mais condicionador do processo em nosso dialeto, apresentando um PR de (.42).

Nos itens com pretônica /o/, além da velar, o segmento labial também favorece a aplicação da regra, com PR (.59), o que já seria um fato esperado se considerarmos, mais uma vez, o traço de labialidade comum à vogal posterior e à consoante labial<sup>35</sup>. Isso não se observa, contudo, no caso da pretônica /e/, contexto em que a labial se caracteriza pelo menor índice de aplicação (PR .07) dentre todos os outros segmentos em posição posterior.

E, por fim, sobre o segmento alveolar destacamos, novamente, sua não-relevância na implementação da regra que faz as vogais médias [e, o] serem pronunciadas como altas [i, u]. Embora no contexto seguinte, esse segmento revele maiores índices de aplicação (.42 e .48) para /e/ e /o/, respectivamente, que na posição precedente (.24 e .26) para /e/ e /o/,

<sup>35</sup> Conferir explicação dada para a influência da labial, quando em posição precedente.

respectivamente (Cf. tabela 7), admitimos que os resultados da alveolar adjacente, assim como nas pesquisas citadas, vão ao encontro da articulação não-alta dessa consoante, e portanto, sua tendência em manter as médias [e, o] em lugar de alteá-las para [i, u], respectivamente.

Concluimos a discussão dos resultados que envolvem a motivação exercida pelos segmentos adjacentes (precedentes e seguintes), demonstradas nas seções (3.1.2.) e (3.1.3) deste capítulo, afirmando que nossos dados confirmam uma das hipóteses da qual partimos em nossa análise, a de que, em muitos casos, como aqueles em que não existe contexto para a harmonização vocálica, mas há alçamento, ou aqueles em que a regra não se aplica, embora haja tal contexto, a explicação pode ser dada a partir da noção de redução vocálica, como propõe Abaurre-Gnerre (1981). Segundo ela, a influência das consoantes se explica pela diminuição da diferença articulatória entre consoante motivadora, caracterizada como de articulação alta, e as vogais alteadas.

### **3.1.5. Tipo de Sílabas e Nasalidade**

A noção de sílaba trabalhada nesse grupo de fatores foi extraída de Câmara Jr. (1970). A sílaba, segundo o que considera o autor, é uma estrutura elementar que se caracteriza, dentre outros aspectos, por diferenciar as línguas do mundo. A constituição dessa estrutura depende de “V”, ou seja, de um elemento com características de vogal, o qual ocupará o centro da sílaba. A partir desse elemento central, o autor identifica o aclave silábico, parte crescente anterior ao “centro silábico”, e o declive silábico, parte decrescente posterior ao “centro silábico”.



Assim, classifica, para a língua portuguesa, tipos de estruturas quanto ao número de elementos constituintes – sílaba simples (V) e sílaba complexa (VC e CV) – e tipos de estrutura quanto ao preenchimento, ou não, da parte decrescente – sílaba aberta (V, CV) e sílaba travada (VC e CVC).

Foi com base nesses conceitos que selecionamos, para a análise da variável tipo de sílaba, as estruturas sílaba aberta com um elemento na fase crescente (CV), sílaba aberta com dois elementos na fase crescente (CCV), sílaba travada por arquifonema nasal (CVN) e sílaba travada por /R/, /l/ ou /S/ (CVC). A separação desses dois últimos tipos, segundo a presença ou ausência de elemento nasal no declive, foi motivada pelos resultados encontrados em dados de outros dialetos, como o gaúcho (BISOL, 1981), de Nova Venécia (CÉLIA, 2004) e de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987). De modo geral, concluiu-se, nessas pesquisas, que a presença do elemento nasal, na parte decrescente da sílaba, pode ser interpretada diferentemente com relação ao alçamento, a depender do tipo de vogal pretônica na sílaba em jogo, /e/ ou /o/. Isso também pôde ser observado em nossos dados e, por isso, analisamos as variáveis tipos de sílaba e nasalidade conjuntamente.

Vejamos, em primeiro lugar, os resultados estatísticos gerados pelo Varbrul, no que diz respeito ao tipo silábico.

**Tabela 9:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao tipo de sílaba

<i>Tipo de Sílaba</i>	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
(CV) <i>ars<u>e</u>nal, abs<u>o</u>luta</i>	16% (270/1677)	.57	24% (201/847)	.69
(CCV) <i>ad<u>r</u>enalina, <u>pr</u>oteção</i>	1% (1/89)	.23	0% (1/259)	.08
(CVN) <i><u>r</u>endimento, <u>co</u>ncreto</i>	4% (6/151)	.46	3% (8/243)	.34
(CVC) <i><u>pe</u>rdida, <u>co</u>stura</i>	6% (20/329)	.26	7% (17/241)	.61
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Nota-se que a sílaba aberta com um elemento no aclave (CV) mostrou-se como o fator mais favorável à elevação, tanto no contexto de pretônica /e/, com PR (.57), como no de /o/, com PR (.69). Essa afirmação também é embasada no fato de haver os menores índices de aplicação quando a sílaba apresenta dois elementos no aclave (CCV), com PR (.23) para /e/, e com PR (.08) para /o/. Esses resultados coincidem aos encontrados na pesquisa de Célia (2004), quando da análise dos dados de Nova Venécia (ES).

A sílaba aberta com dois elementos na fase crescente (CCV) foi o fator que menos favoreceu o alteamento vocálico, em ambos contextos de pretônica. Conforme tabela 9, notamos que o alçamento, nesse tipo de estrutura, aconteceu apenas em um item (1/89) com pretônica /e/ (***pr**[i]guiçosa*) e em um item (1/259) com pretônica /o/ (***gr**[u]ssura*). Em todas as outras ocorrências, observamos a manutenção das médias [e, o], como em ***cr**[e]moso*,

*extr[e]midade, agr[e]ssivo, pr[e]feito, pr[e]cisão, pr[e]ciosa, pr[o]fessor, pr[o]fissional, pr[o]paganda, pr[o]víncia, etc.*

Sobre a estrutura (CVC), cujo declive silábico pode ser ocupado por vibrante /R/, lateral /l/ ou fricativa /S/, observamos o favorecimento à elevação da pretônica /o/ (PR .61), mas não da pretônica /e/ (PR .26). Ressaltamos, contudo, que o valor favorável à aplicação da regra atribuído a esse tipo silábico deve ser relacionado apenas à fricativa /S/, como em *c[u]stura, c[u]stume*, e à vibrante /R/, como em *c[u]rtina, g[u]rdura, p[u]rtuguês*. Isso porque, em todas as ocorrências (*bolsinha, colchão, moldura, polvilho, poltroninha, soltinho, solteiro*) com a lateral /l/, na parte decrescente da sílaba, a vogal pretônica não alçou, possivelmente, em função da regra de vocalização de /l/, por meio da qual, /l/ passa a ser pronunciado como semivogal [ʊ].

Portanto, a estrutura (CVC), com /S/ e /R/ no declive, apresentou-se como o segundo fator de maior relevância para o alçamento no contexto de pretônica /o/. Na pesquisa de Viegas (1987), o tipo silábico (CVC) com fricativa /S/ é caracterizado, inclusive, como o ambiente mais favorecedor de ambas vogais, quando comparado às outras variantes da variável estrutura da sílaba.

O tipo silábico (CVN) foi o segundo fator mais favorável ao alteamento da pretônica /e/ (PR. 46), mas não de /o/ (PR .34). Esse resultado pôde ser confirmado, quando da análise da variável nasalidade.

Como dito anteriormente, a estrutura de sílaba (CVN) merece ser tratada mais detalhadamente, em virtude das questões que envolvem a caracterização da nasalidade vocálica do PB. Conforme pontua Câmara Jr. (1970), essa nasalidade pode ser entendida a partir de dois contextos gerais. No primeiro deles, a vogal é travada por elemento nasal na

mesma sílaba e a presença ou não desse elemento nasal tem função distintiva na língua, resultando em formas como em *canto X cato*. O autor denomina esse tipo de nasalidade como nasalidade **fonológica**. No outro contexto, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte e não se percebe função distintiva, por exemplo em [kamada] e [kãmada], fenômeno que o autor denomina de nasalidade **fonética**.

Para além dessa conceitualização, analisar a variável nasalidade tornou-se fundamental em nossa pesquisa uma vez que as vogais, quando em contato com elemento nasal, mudam de timbre, o que, de certa forma, pode influenciar, ou não, a aplicação da regra do alçamento. No caso da nasalidade fonológica, autores como Abaurre e Pagotto (1996) afirmam que a nasalização da vogal é categórica no PB, de modo contrário, no caso da nasalidade fonética, a vogal pode ou não ser nasalizada, dependendo do dialeto que se está analisando. Assim, procuramos observar não só o comportamento da vogal, quando travada por elemento nasal, por meio da sílaba (CVN) –, nasalidade categórica da vogal – mas também o seu comportamento, quando a nasal se localiza o no aclave da sílaba seguinte, ou seja, quando a vogal é passível de nasalização (nasalidade fonética). Observemos, na tabela 10, os resultados gerados pela análise estatística dessa variável.

**Tabela 10:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação à nasalidade

<i>Vogal</i>	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
<b>Nasalizada</b> <i>s[en]tido, c[on]flito</i>	16% (8/152)	.69	4% (9/245)	.22
<b>Passível de nasalização</b> <i>an[em]ia, c[om]eço</i>	37% (107/253)	.10	20% (41/210)	.71
<b>Oral</b> <i>l[e]tivo, b[o]tina</i>	10% (182/1835)	.35	16% (177/1135)	.53
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Conforme demonstrado, a presença de elemento nasal na mesma sílaba, que resulta na nasalização categórica da vogal, foi o fator que se mostrou mais favorável à elevação da pretônica /e/ (PR .69), em itens como *s[i]ntido* e *m[i]ntira*. De maneira oposta, esse mesmo fator, foi o que exerceu menor influência para o alçamento de /o/, com PR (.22). Esses resultados, por sua vez, comprovam os valores relacionados à motivação do tipo silábico (CVN), o qual favorece o alçamento de /e/, mas não de /o/ (Cf. tabela 9).

Com base nesses resultados notamos, então, que a aplicação da regra que eleva o traço de altura das vogais pretônicas varia, dependendo do tipo de vogal nasalizada, fato que, em estudos como o de Bisol (1981), explica-se em termos fonéticos, ou mais especificamente, de frequência, quando da análise acústica do processo de nasalização das vogais /e/ e /o/.

Apesar de a realização de análise acústica dos segmentos envolvidos na regra do alçamento da vogal não ser objeto de nossa pesquisa, admitimos que a argumentação elaborada por Bisol (1981) sustenta também os resultados observados para nossos dados,

quanto à nasalidade. Segundo a autora, o efeito dos anti-formantes nasais, que podem enfraquecer ou reforçar certas frequências, aproximam a vogal [e] nasalizada da área acústica de [i], ao reforçar as frequências do segundo formante (F2). Inversamente, o reforço da frequência de F2 em /o/ tende a afastar a vogal /o/ nasalizada das proximidades da área acústica de /u/, o que dificulta a passagem de /o/ para /u/ no processo de harmonização vocálica.

No que diz respeito ao fator vogal passível de nasalização, observamos que os valores mais altos de aplicação da regra foram atribuídos à vogal pretônica /o/ (PR .71), o que pode ser observado, por exemplo em, *c[u]meço*, *m[u]nitoramento*, *b[u]nita*, *d[u]mingo*, etc. Contrariamente a esses resultados, o fator vogal passível de nasalização foi o que se apresentou menos favorável à aplicação da regra da pretônica /e/ (PR .10), por exemplo *d[e]mocracia*, *f[e]minina*, *r[e]muneração*, etc.

Mais do que a possibilidade de nasalização da vogal, acreditamos que esses índices de aplicação podem ser explicados com base no traço de labialidade da nasal. Como no caso da nasalidade fonética (elemento nasal na sílaba seguinte) a vogal pode ou não ser emitida com nasalidade, entendemos que a aplicação categórica (ou quase categórica) da regra do alçamento nos itens com pretônica /o/, seja explicada, de modo mais adequado, tendo em vista o traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento nasal, classificado como labial, quanto ao ponto de articulação (Cf. citação na seção 3.1.3.). Já que a vogal anterior não compartilha, com a nasal, dessa labialização, quase não é possível observar a elevação da pretônica /e/, quando seguida de elemento nasal na sílaba seguinte.

Resultados semelhantes aos de nosso trabalho, com relação à nasalidade da vogal e os diferenciados comportamentos de /e/ e /o/, foram observados na investigação realizada por Viegas (1987). Em seu trabalho, a nasal posicionada no afixo da sílaba seguinte, fator que

aqui relacionamos à vogal passível de nasalização, favorece a elevação da pretônica /o/, como em *c[u]munhão*, mas a nasal em posição de travamento, que fazemos relação com a vogal nasalizada, desfavorece a aplicação da regra, como em *c[o]ncurso*. Segundo a autora, isso acontece porque a vogal da estrutura (CVN) não antecipa articulação alguma, enquanto que a vogal seguida se elemento nasal na sílaba seguinte antecipa e, “ao antecipar o fechamento da passagem velo-palatal, a língua se eleva, favorecendo uma produção de vogal alta” (VIEGAS, 1987, p. 104).

É possível concluirmos, após a discussão conjunta das variáveis tipo de sílaba e nasalidade, que, na fala culta do noroeste paulista, o tipo silábico (CVN), que por sua vez, caracteriza o que definimos como nasalidade fonológica da vogal, é um fator de extrema importância para a aplicação da regra do alçamento da pretônica /e/, ou seja, o elemento nasal só atua, no sentido de favorecer a implementação da regra do alçamento de /e/, quando situado na mesma sílaba da vogal, resultando, nos termos de Bisol (1981), na aproximação da vogal [e] nasalizada da área acústica de [i].

O mesmo não se observa quando a pretônica nasalizada é /o/, que, de modo contrário, afasta-se da área acústica de /u/. À vogal posterior, poderíamos, então, relacionar o alçamento ao elemento nasal na sílaba seguinte (nasalidade fonética), contudo, isso não pode ser feito, visto que, nesse tipo de contexto, a nasalização pode ou não ocorrer. Diante desse fato, atribuímos a (quase) categoricidade do alçamento em /o/, seguido de nasal na sílaba seguinte, ao compartilhamento do traço de labialidade entre a vogal posterior e a nasal, fato que já havíamos tratado, quando da análise dos segmentos adjacentes.

Nesse sentido, admitimos que a análise do tipo silábico, por si só, daria conta de explicar as questões que envolvem a nasalidade, ou mais especificamente, a nasalidade fonológica, pois, além de incluir fatores referentes ao aclave da sílaba, trata de elementos característicos

do declive como a presença de nasal. Daí a importância de se analisar o grupo de fatores tipo de sílaba, tão pouco considerado nos estudos sobre o alçamento das vogais pretônicas.

### 3.1.6. Grau de Atonicidade da Vogal Pretônica

A observação do grau de atonicidade da vogal pretônica baseou-se no comportamento dessa vogal durante o processo de derivação, ou seja, no seu caráter de átona **permanente**, quando permanece não acentuada após processo derivacional, ou átona **secundária**, quando, antes da derivação, pertence a uma sílaba originalmente tônica. Na tabela 11, apresentamos os valores estatísticos.

**Tabela 11:** Alçamento de /e/ e /o/ com relação à tonicidade

<i>Tonicidade</i>	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>	<b>Freq.</b>	<b>PR</b>
Átona <b>Permanente</b> <i>a[gre]ssivo &gt; a[gre]ssividade</i> <i>[kos]tura &gt; [kos]tureira</i>	15% (286/1970)	.56	16% (218/1386)	.58
Átona <b>Secundária</b> <i>[bɛ]lo &gt; [bɛ]leza</i> <i>[ko]co &gt; [ko]queiro</i>	4% (11/276)	.14	4% (9/204)	.10
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Conforme literatura, a atonicidade permanente é a condição ideal para que ocorra a elevação vocálica. Com base na tabela 11, percebemos que em nossos dados é exatamente



isso que acontece. No contexto de pretônica /e/, a variante atonicidade permanente apresentou peso relativo de (.56) e, nos casos de pretônica /o/, apresentou (.58).

A atonicidade secundária, de modo inverso, revelou baixos índices de aplicação (.14 e .10, respectivamente), caracterizando-se, portanto, como um ambiente claramente desfavorável à implementação da regra.

De acordo com Bisol (1981), essa manutenção das médias nas palavras derivadas tem relação com um acento forte subjacente que, na derivação, superficializa-se como fraco. A autora admite que, muitas vezes, o acento subjacente da palavra vem à superfície como subtônico e, por esse motivo, uma sílaba átona pode ser ouvida/percebida como forte, em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas etapas iniciais do processo derivacional. Assim, argumenta que o traço de atonicidade da vogal candidata ao alçamento é um dos mais fortes condicionadores da harmonização, uma vez que a lembrança do acento subjacente exerce um papel negativo na aplicação da regra.

Sobre os itens derivados, cabe ressaltar ainda o papel dos sufixos *-inho* e *-zinho*, apontados, segundo autores como Bisol (1981), como elementos que inibem a aplicação de certas regras, dentre as quais destaca-se a da harmonização vocálica. De acordo com autora, a regra que transforma [e, o] em [i, u] por efeito de uma vogal alta da sílaba imediata, raramente se aplica com formadores de grau, o que se deve ao fato de esses sufixos terem a propriedade de reter a lembrança do acento subjacente da palavra com que combinam. Em nossos dados, isso pode ser confirmado nos itens *cab[e]linho* (*cabelo*), *cerv[e]jinha* (*cerveja*), *m[e]sinha* (*mesa*), *b[o]lsinha* (*bolsa*), *sab[o]rzinho* (*sabor*), *est[o]jinho* (*estojo*). Embora apresentem vogal alta tônica e contígua, nesses dados não ocorre o alçamento das médias pretônicas.

Ainda que a argumentação acima vá ao encontro de grande parte dos resultados obtidos em nossa análise, chamamos a atenção para um outro conjunto de ocorrências com os sufixos –inho e –zinho, nas quais há a elevação da pretônica, como: *v[i]stidinho* (*vestido*), *b[u]nitinho* (*bonito*). Ao observarmos as vogais do paradigma que deu origem a esses itens, constatamos que as pretônicas definem-se como átonas permanentes, o que não possibilita a retenção do acento, por parte dos sufixos.

Tendo em vista essas considerações, concluímos, então, que os sufixos –inho e –zinho apenas exercem a força de manter o acento subjacente das vogais átonas casuais, ou seja, daquelas que adquiriram a atonicidade pelo deslocamento do acento na derivação. Caso essas vogais caracterizem-se como átonas permanentes, os referidos sufixos não têm força suficiente para bloquear a aplicação da regra de alçamento.

Na seção seguinte, retomamos a discussão acerca dos fenômenos da harmonização ou de redução vocálica, tendo em vista os grupos de fatores descritos neste capítulo.

### **3.2. Discussão dos Resultados**

Nesta seção, retomamos algumas discussões previamente apresentadas (Cf. capítulo 1), no que diz respeito, sobretudo, aos processos fonológicos, redução vocálica ou harmonização vocálica, possivelmente responsáveis pela implementação da regra do alçamento, no dialeto do noroeste paulista. Uma vez que a harmonização envolve a relação entre as vogais da palavra e a redução, diferentemente, envolve a relação entre vogais e consoantes, será necessário retomar o papel desempenhado pelas variáveis vogal da sílaba tônica, posição da

vogal pretônica em relação à sílaba tônica e tipo de vogal átona seguinte, bem como o comportamento das variáveis consoantes precedentes e consoantes seguintes.

Como foi possível observar, a elevação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, no dialeto do noroeste paulista, é resultado da ação conjunta de fatores, dentre os quais destacamos, como já enfatizado, a contigüidade e tonicidade da vogal seguinte à pretônica, assim como as consoantes precedentes e seguintes.

A possibilidade de o alçamento vocálico ser entendido como o resultado da harmonia entre vogais foi o que nos motivou observar os grupos de fatores vogal da sílaba tônica, posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica e tipo de vogal átona seguinte. Assim, mais do que buscar evidências a favor dessa harmonia, procuramos investigar quais os fatores centrais envolvidos na harmonização, se tonicidade (CÂMARA JR., 1970), se contigüidade (BISOL, 1981, CÉLIA, 2004; PEREIRA, 2004; VIEGAS, 1987) ou se ambos os fatores.

A partir da discussão que realizamos nas seções anteriores (Cf. 3.1.1. e 3.1.2.), chegamos à conclusão que, na fala culta de São José do Rio Preto e região, os fatores tonicidade e contigüidade da vogal alta seguinte são igualmente importantes para explicar a elevação da pretônica como resultado da harmonia entre vogais. Ao nos voltarmos para os dados, percebemos que a assimilação do traço de altura da vogal alta é mais recorrente quando essa vogal é contígua e tônica, por exemplo, em: *av[i]n[i]da*, *v[i]s[i]cula*, *f[i]r[i]do*, *p[u]l[i]cia*, *m[u]ch[i]la*, *n[u]t[i]cia*, etc.

Obviamente, houve uma série de palavras com contexto para a harmonização, mas o alçamento não aconteceu, como em *b[e]l[i]che*, *d[e]l[i]cia*, *l[e]t[i]vo*, *abs[o]l[u]ta*, *c[o]l[u]na*, *c[o]rr[i]da*, etc. Nesses casos e nos casos em que a regra do alçamento se aplicou, embora não houvesse contexto para a harmonização, como *p[i]qu[e]no*, *m[i]lh[ɔ]r*, *p[u]l[e]nta*,

*m[u]/[ε]que*, argumentamos a favor da redução vocálica, ou seja, a favor da atuação de um processo que torna os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória da vogal pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes (ABAURRE-GNERRE, 1981).

Diante dessas explicações, poderíamos então, supor que os dois processos, harmonização vocálica e redução vocálica, são igualmente relevantes para explicar o comportamento variável da vogal pretônica neste dialeto. Nesse sentido, nos itens em que há contexto de vogal alta tônica contígua e houve o alçamento, a implementação da regra poderia ser explicada pela harmonia entre vogais. De modo contrário, i) para os itens em que não se observou contexto favorável para harmonia, mas a regra se aplicou e ii) para os itens em que, mesmo com a presença de contexto favorável à harmonia, o alçamento não aconteceu, faríamos referência à redução da diferença articulatória entre as consoantes adjacentes e a vogal pretônica.

No entanto, na grande maioria dos itens em que o alçamento se explica por harmonização, podemos estabelecer relações de base articulatória entre as vogais pretônicas e as consoantes adjacentes. Vejamos, por exemplo, os itens *al[i]gria* e *c[u]mida*. No primeiro, é possível considerar que a vogal eleve seu traço de altura em virtude da assimilação do traço alto da consoante velar seguinte. Já no outro exemplo, além da articulação alta da consoante velar precedente, temos de levar em conta o traço de labialidade comum à vogal posterior e à labial consoante labial [m]. Em ambos os casos, a elevação das vogais pretônicas pode ser entendida a partir da relação entre as características articulatórias das consoantes e das vogais e, portanto, analisados como casos de redução da diferença de articulação entre vogal e consoante.

Nesse sentido, podemos nos valer da noção de redução vocálica para explicar: i) o alçamento nos itens com contexto para harmonização (*s[i]guinte, b[u]tina*), ii) o bloqueio do alçamento em itens com contexto para harmonização (*b[e]liche, dol[o]rido*) e iii) o alçamento nos itens sem contexto para harmonização (*p[i]queno, c[u]lher*). Por englobar todos esses casos, concluímos que, no dialeto riopretano, o fenômeno de redução vocálica é o que melhor explica o alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, sendo a harmonização vocálica um outro fenômeno que tende a favorecer, em alguns casos, essa elevação.

Na pesquisa sobre os dados de Belo Horizonte, Viegas (1987) também considera, apenas para o alçamento de /o/, a possibilidade de se explicar o alçamento pela redução vocálica. Segundo a autora, o alçamento da vogal /o/ constitui um processo de assimilação e diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos adjacentes, da maneira como sugere Abaurre-Gnerre (1981). Já no caso de /e/, Viegas (1987) admite que o fenômeno propiciador é a harmonização vocálica, tendo como principal fator favorecedor a presença de vogal alta seguinte, conforme defende Bisol (1981), para o dialeto gaúcho. Nos trabalhos de Célia (2004), Freitas (2001), Pereira (2004), Silva (1991), Schwindt (2002), a harmonia entre vogais também é considerada o fenômeno propiciador do alçamento.

Embora o dialeto do noroeste paulista pertença aos falares do sul, nos termos de Nascentes (1953), e, portanto, seja semelhante ao dialeto mineiro e gaúcho, quanto à realização das médias em [e, o] ou [i, u], destacamos que nos trabalhos da região sul (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002), de modo especial, a implementação da regra que eleva o traço de altura das vogais médias tem sido tratada a partir de outro enfoque, o da harmonia entre vogais. Neste trabalho, também consideramos essa possibilidade de interpretação, a partir dos resultados obtidos. Mas acreditamos que uma argumentação com base no fenômeno de

redução vocálica possa satisfazer, de maneira mais abrangente, a explicação da variação das vogais pretônicas na fala culta de São José do Rio Preto e região.

Outro ponto que queremos enfatizar, neste momento, relaciona-se à ocorrência de alguns itens cuja elevação da vogal pretônica não tem explicação estrutural aparente, mas, possivelmente, está relacionada à história desses itens. Na palavra *b[i]zerro*, por exemplo, não podemos estabelecer relações entre as vogais, nem entre a vogal pretônica /e/ e as consoantes adjacentes. No caso do segmento consonantal [b], o traço de labialidade tende a favorecer apenas a elevação de /o/, mas não de /e/. Já no que diz respeito à consoante alveolar [z], entendemos que sua articulação não-alta deveria favorecer a manutenção da vogal [e]. Para podermos entender o alteamento da vogal pretônica do item *bezerro*, provavelmente teríamos de recorrer a uma explicação de base difusionista, segundo a qual uma mudança sonora é controlada pela restrição lexical, ou seja, atinge somente algumas palavras.

Outro exemplo de ocorrência em que alçamento propicia uma interpretação desse tipo é *precisão*. Embora esse item tenha sido incluído nos casos em que o alçamento nunca ocorre, admitimos a possibilidade de se encontrar a ocorrência *pr[i]cisão*, na fala de informantes de escolaridade mais baixa e, não, com nível superior, como se caracterizam os informantes considerados neste estudo. Entretanto, quando alçada, a palavra *pr[i]cisão* parece adquirir o sentido de necessidade e, quando não alçada, a palavra *pr[e]cisão* assume o sentido de perfeição, exatidão. Dessa forma, a mudança de sentido do item pode ser um fator que propicia o alçamento em umas palavras e a manutenção das médias em outras (Cf. seção 1.4.2.).

A partir da discussão de dados como *bezerro* e *precisão*, como já dissemos, faz-se necessário tratar dos Modelos Neogramático e de Difusão Lexical, no que diz respeito ao controlador principal de uma mudança (se fonético ou lexical). Embora esse aspecto não seja

objeto de nossa pesquisa, fazemos referência a esses itens, em particular, para justificar a necessidade de se desenvolver, para este dialeto, um estudo que abarque questões teóricas a respeito da implementação da regra que eleva o traço de altura das vogais pretônicas /e/ e /o/.

### 3.3. Resumo

Buscamos realizar, neste capítulo, uma descrição quantitativa dos dados à luz dos valores determinados estatisticamente e uma discussão dos resultados que se mostraram mais relevantes para a caracterização do alçamento vocálico na variedade culta de São José do Rio Preto e região. Demonstramos, assim, a frequência e o peso relativo de cada grupo de fatores na elevação das pretônicas /e/ e /o/, tendo em vista que todos os eles foram selecionados pelo Varbrul como relevantes para explicar a aplicação ou não da regra. No decorrer da discussão, trouxemos para nosso texto informações de outros dialetos para os quais existem estudos, tendo em vista comparar o que de mais relevante foi revelado nesta investigação.

Com relação à variável vogal da sílaba tônica, seção (3.1.1.), os resultados revelaram a importante influência que as vogais altas, sobretudo a anterior /i/, exercem no alçamento da pretônica, confirmando o que já havia sido constatado em outras pesquisas sobre o assunto. Abordamos a diferença articulatória dos assimiladores /i/ e /u/, assim como demonstramos que os altos índices de alçamento das vogais médias [e] e [o] resultam do grande número de ocorrência de certos itens.

Juntamente com a variável vogal da sílaba tônica, analisamos a importância da distância entre pretônica e vogal tônica, momento em que constatamos que a adjacência, ou seja, a distância de uma sílaba entre pretônica candidata ao alçamento e vogal alta tônica, é contexto altamente favorável à aplicação da regra de elevação.

Na seção (3.1.2.), tratamos da vogal átona seguinte e observamos que, assim como no caso da variável vogal tônica, a presença de vogal alta /i/ é o que se caracteriza como o ambiente mais propício ao alteamento em /e/ e /o/. Ressaltamos, ainda, que, juntamente com a tonicidade, a contigüidade da vogal alta é um requisito para a regra de harmonização em nosso dialeto, e que não é possível, portanto, atribuímos a um ou a outro fator maior ou menor grau de importância, visto que ambos são igualmente necessários para a implementação da regra em nossos dados.

Nas variáveis segmento precedente e seguinte (seção 3.1.3. e 3.1.4., respectivamente), buscamos evidências articulatórias que pudessem explicar o alçamento vocálico, sobretudo nos casos em que não há contexto propício (vogal alta na sílaba seguinte) para a harmonização vocálica e naqueles em que a harmonização não acontece, apesar do contexto favorável (vogal alta tônica contígua).

Os grupos de fatores tipo de sílaba e nasalidade foram tratados conjuntamente, sobretudo para demonstrarmos a relação existente entre tipo silábico em que a vogal é travado por elemento nasal (CVN) e nasalidade vocálica no PB. Assim, descrevemos a diferença de resultados para /e/ e /o/ e encontramos que a nasalidade é um fator favorável à elevação da anterior /e/, mas não da posterior /o/. Assumimos, para nossos resultados, a explicação dada por Bisol (1981) sobre a realização acústica dessas vogais, quando nasalizadas.

Como último grupo de fatores descrito no capítulo, discorremos sobre o grupo de fatores tonicidade da pretônica. Nesse tópico, mostramos que a regra do alçamento é bloqueada nas ocorrências em que as pretônicas são átonas casuais, em virtude da lembrança do acento subjacente. Destacamos também, o papel dos sufixos –inho e –zinho na aplicação da regra do alçamento.



Foi a partir da descrição de todas essas variáveis, que voltamos à discussão inicialmente apresentada, no que diz respeito aos fenômenos de harmonização vocálica e de redução vocálica. Pelos motivos devidamente explicitados, chegamos à conclusão que, na fala culta deste dialeto, é a redução vocálica que melhor explica o comportamento variável das pretônicas.

## CAPÍTULO 4

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

**R**etomamos, neste último capítulo, os principais resultados gerados na análise estatística dos dados, destacando-se os fatores que se mostraram mais favoráveis ao alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/.

Sobre os resultados apresentados e discutidos no capítulo 3, destacamos os seguintes pontos:

- O alçamento vocálico caracteriza-se como um fenômeno fonológico de baixa produtividade, uma vez que a aplicação da regra que faz as vogais médias [e, o] serem pronunciadas como [i, u], respectivamente, apresentou baixo percentual.
- O alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ foi favorecido pela presença de vogal alta tônica na sílaba seguinte, em alguns casos. No caso da elevação de /e/, destacamos o papel da vogal alta anterior /i/, enquanto que, no caso da elevação de /o/, ressaltamos o papel da vogal alta anterior /i/ e da alta posterior /u/.
- Apesar dos casos relacionados à harmonia entre vogais, o fenômeno que parece melhor explicar o alteamento das vogais é o de redução vocálica, a partir do que pontua Abaurre-Gnerre (1981). Assim, consideramos fundamental a observação das consoantes adjacentes à vogal pretônica. Sobre essas consoantes, destacamos:

- Quanto às características do segmento na posição precedente à vogal média, destacamos a relação entre consoante labial e alçamento da pretônica /o/, e a relação entre consoante velar e alçamento da pretônica /e/.
- Quanto às características do segmento na posição seguinte à vogal média, enfatizamos as relações entre consoantes labial e palatal e alçamento da pretônica /o/, e a relação entre consoante velar e alçamento da pretônica /e/.
- O tipo silábico (CV) mostrou-se como o fator mais favorável ao alçamento para ambas vogais pretônicas. Já a estrutura (CVN), com elemento nasal na mesma sílaba, apresentou-se como importante fator para o alteamento de /e/, mas não para o alteamento de /o/. No caso de /o/, a estrutura de sílaba mais atuante foi (CVC), quando (C) é uma fricativa ou vibrante.
- O caráter átono permanente da pretônica mostrou-se como a condição ideal para a aplicação da regra do alçamento, tanto em /e/, quanto em /o/.

Acreditamos que a descrição aqui realizada tenha cumprido seus objetivos iniciais, no sentido de que este trabalho insere as características das vogais pretônicas do dialeto riopretano nos estudos sociolingüísticos no Brasil e, portanto, contribui para um melhor entendimento do sistema vocálico da Língua Portuguesa. Para além disso, esperamos que a análise efetuada sirva de ponto de partida para outros estudos acerca do comportamento variável das vogais átonas em posição pretônica no dialeto do noroeste paulista, notadamente

no que diz respeito à atuação de fatores sociais aqui desconsiderados, como, por exemplo, escolaridade.

Ressaltamos, mais uma vez, que embora a análise dos dados tenha sido priorizada em virtude do que se considera no modelo Neogramático, ou seja, a partir da estrutura interna da palavra, o presente estudo apontou para resultados que podem contribuir para uma abordagem Difusionista. Dessa forma, esta pesquisa busca fornecer elementos para a discussão que envolve esses dois modelos de análise lingüística, ainda que não a faça de modo aprofundado, pois nosso objetivo se restringiu a descrever o comportamento das vogais médias pretônicas da fala culta do noroeste paulista.

## ANEXO 1

### **Exemplo de transcrição ortográfica de inquéritos de fala do Banco de Dados IBORUNA**

A Amostra Censo, pertencente ao Banco de Dados IBORUNA, compreende inquéritos de fala de informantes cujo perfil social atende aos parâmetros sociolingüísticos definidos, quando da constituição do Banco de Dados. Cada inquérito caracteriza-se de uma entrevista, conduzida por um documentador, segundo um roteiro de entrevista sociolingüística, que previa, entre outros aspectos, a condução do informante a produzir cinco tipos de texto oral, de acordo com os gêneros discursivos definidos, seguindo-se, aproximadamente o seguinte roteiro:

**(i) narrativa de experiência pessoal (NE):** nesse tipo de relato, o entrevistado é solicitado a narrar uma história ocorrida com ele e que, de alguma forma, ficou marcada em sua vida;

**(ii) narrativa recontada (NR):** nessa narrativa, o informante, em vez de contar um fato acontecido com ele próprio, é conduzido a discorrer sobre uma história ocorrida com outrem;

**(iii) texto descritivo (DE):** nesse tipo de texto, o documentador solicita ao informante uma descrição, preferencialmente, de um local bastante conhecido por ele;

**(iv) relato de procedimento (RP):** esse tipo de relato baseia-se em atividades que exijam procedimentos ordenados, como no caso de experiências culinárias (receitas), determinadas profissões (costureira) etc., de modo que o documentador solicita do entrevistado a escolha de uma atividade a ser relatada, no que diz respeito aos procedimentos a serem adotados;

**(v) relatos de opinião (RO):** nesse tipo de texto, o entrevistado pode abordar temáticas variadas (escola, família, religião, relacionamentos afetivos, esportes, problemas sociais), destacando sua opinião a respeito do assunto por ele escolhido, dependendo de sua faixa etária.

Vejamos, a seguir, a transcrição ortográfica de um trecho do relato de procedimento de um dos inquiridos utilizados nesta pesquisa, destacando-se os contextos de pretônicas /e, o/ extraídos:

Doc.: então né?... como se faz... alguma coisa e:: eu já sei... o que é que cê vai me contá(r) ((fala rindo))... como se faz é:: pra cuidá(r) de tanta planta já que você parece que tem um amor tão grande por isso

Inf.: é:: eu acho que tem... é::... as plantas realmente tem que gostá(r) eu acho que as plantas... acompanham um po(u)co minha vida porque quando eu comecei trabalhá(r) comecei... trabalhá(r) com plantas... [Doc.: é?] por exemplo [Doc.: é] lá quando eu comecei trabalhá(r)... é:: pra plantá(r) o a muda de café... é:: tinha um um **processo** pra desinfetá(r) a terra... então <sup>1</sup>[Doc.: hum] <sup>1</sup>[ela pe/] buscava a terra... vamo(s) supor terra de barranco... e:: d'um ano po o(u)tro ficava fazia assim umas **mon**tanhas de vinte trinta caminhões... de palha de café... a palha de café ficava d'um ano po o(u)tro pra fermentá(r) ((barulho da carro)) porque <sup>2</sup>[ela] <sup>2</sup>[Doc.: hum] é orgânica ela esquentava... depois ela esfria... e depois misturava essa terra e antes de plantá(r) o café... é:: era c/ cobria como se fosse uma lona... toda essa terra... aí tinha um um:: um:: tipo d'um... é d'um::... d'um **defen**sivo... que matava os/ as bactérias da terra... que era uma uma latinha... que vinha com com um gás... [Doc.: hum] então fazia-se um suporte... com **pre**guinho emba(i)xo e punha aquelas latinhas... aí fazia toda aquela **cober**tura naquela terra c'a lona e ia baten(d)o as latinha... pra desinfetá(r) essa terra... então tem todo um **pro**cesso então eu aprendi... a enxertá(r) laranja fazia enxerto de laranja

Doc.: como <sup>3</sup>[é?]

Inf.: <sup>3</sup>[é::] é:: o/ o/ enxertá(r) é uma coisa bastante simples... todo o cítrico toda fruta cítrica... ela é enxertada no limão... <sup>4</sup>[e]

Doc.: <sup>4</sup>[no] limão?

Inf.: no limão... [Doc.: hum] chamado limão cavalo... e numa época nessa época nós tirávamos **se**mente de limão... eu vendia **se**mente de limão por quilo... [Doc.: nossa] então pegava o limão espremia tirava a **se**mente... secava a **se**mente na sombra... e vendia a **se**mente por quilo... então planta-se o limão... ah:: nu/ numa distância aí de mais ou menos uns cinqüenta **cen**tímetros... uma muda da o(u)tra... tipo:: cinqüenta por um de largura assim e:: o limão tem que ficá(r) até a **gro**ssura... de um/ de um lápis mais ou menos... de um lápis mais ou menos... e pra se enxertá(r)... é:: é::... a parte que se enxerta nós chamamos de **bor**bulha... por exemplo... é uma planta tem aquela parte da da laranja do pé de laranja... não...o bem velho um broto mais ou menos novo... que tem a folha e que tem um **espinho**zinho... [Doc.: hum] e nessa parte aqui ((simulando e mostrando com as mãos)) é a parte que vai saí(r) o broto eventualmente... vai saí(r) um **bro**tinho... então essa parte se corta... se corta essa parte<sup>5</sup>[zinha] <sup>5</sup>[Doc.: sei] assim... então nós chamamos de **bor**bulha... é do tamanho mais ou menos de um **cen**tímetro e meio... faz um/ um corte mais ou menos... d'um... não muito fundo... corta o/ o/ a casca... a casca... da::... do pé do limão... faz um risco... é vertical e um risco horizontal... e... coloca a **bor**bulha por ba(i)xo da casca... [Doc.: ah::] e até amarra com plástico... com plástico... (amarra bem... bem firme... com um plástico... depois de... po(u)cos dias... o/ a/ tipo uma **se**mana mais ou menos... aquele **bro**tinho já começa a empurrá(r) o plástico... [Doc.: hum] e todo cítrico... é enxertado... na... ah:: no limão... toda fruta cítrica... **tangerina** laranja baiana... é:: to/ todos... o li/ o próprio limão o limão galego o limão cavalo é enxertado no limão... o limão galego o limão taiti é enxertado no limão cavalo

Doc.: o limão cavalo porque... pelo nom/ ele é o maior assim?

Inf.: não [Doc.: não] e/ pela facilidade da **se**mente... <sup>6</sup>[numa fruta] <sup>6</sup>[Doc.: ah::]... tem mais ou menos quatorze... até vinte **se**mentes... pela facilidade <sup>7</sup>[da semente] <sup>7</sup>[Doc.: ah é?] e e e pela:: pela pelo pela irri/ o/ a/ pelas raízes... ele enraíza muito... ele mont/ solta raízes então ele busca... os nutrientes da água da da terra... muito longe então... ele realmente faz <sup>8</sup>[assim] <sup>8</sup>[Doc.: uhum ((concordando)))]... e ele é uma fruta que a sua raiz fixa bem na terra... dificilmente um pé de laranja... cai... que deu um vento alguma coisa como a raiz é bem fixa <sup>9</sup>[Doc.: é mesmo né?] <sup>9</sup>[dificilmente] um pé de laranja um pé de limão... ele deita... dificilmente... porque a raiz é uma raiz ((barulho de veículos))... realmente **prof**unda o limão tem a... a facilidade... e as mangas... todas as mangas de qualidade... é enxertado na manga rosa... na manguinha <sup>10</sup>[rosa] <sup>10</sup>[Doc.: na manga ro::sa]... e:: tem uma cois/ uma curiosidade do enxerto... esse limão... ele fica mais ou menos... à distância da terra... é uns:: uns::... dez quinze **centímetro**... depois que esse esse brotô(u) que brotô(u) a **borbulha** da da laranja... depois que ela brotô(u) ali dentro da casca... ele corta a parte de cima... <sup>11</sup>[do limão] <sup>11</sup>[Doc.: ah::]... então aí o enxerto... cresce... só que esse **pedaço** que tem aqui ((mostra com as mãos)) ele tende a brotá(r)... esse **pedaço** aqui tem de sê(r) desbrotado... mesmo quando a gente planta na nossa casa... que começa a crescê(r) começa a crescê(r) a laranja... o limão de vez em quando ele brota... e se ele brotá(r)... e a laranja num tivé(r) bem grande ele mata a laranja... por<sup>12</sup>[que] <sup>12</sup>[Doc.: hum] a a:: a natureza dele é mais forte do que:: o que... colô(u) nele ali... [Doc.: certo] tem gente que fala assim... <sup>13</sup>[que/]

Doc.: <sup>13</sup>[é] como se fosse um transplan<sup>14</sup>[te né?]

Inf.: <sup>14</sup>[e e]xatamente <sup>15</sup>[é:: e então]

Doc.: <sup>15</sup>[vamo(s) dizê(r) é um trans]plante

Inf.: é um transplante... tem gente que fala assim que:: [Doc.: tem/]... que tem gente que tem dúvida... o enxerto... ele preserva a espécie... tem gente que acha que o enxerto é uma mistura... e o enxerto num é mistura... [Doc.: num é] o enxerto é uma **preser**vação da espécie... por exemplo... se você... se você semeá(r)... uma **se**mente de manga... ela não nasce a manga igual... dificilmente... chama degenera ela degenera ela muda de tipo... lá na minha chácara tem um/ uma mangue(i)ra ((barulho de veículo))... que nunca ninguém viu aquela mangue(i)ra... porque caiu a **se**mente da manga adem nasceu uma O(u)tra manga... que num é adem... e num é nenhuma manga que ninguém conhece... porque a **se**mente quando ela cresce ela degenera... só que a **se**mente demora pra dá(r)... quando cê planta a **se**mente [Doc.: uhum ((concordando))] e vo/ se você pega... lá uma... essa **borbulha** da man/ da laranja... que tá lá na ponta da laranja... aquela **borbulha** já tá quase pronta pra dá(r) flor... então naquele **per**íodo que ela ia dá(r) flor... ela pode saí(r) um enxerto um galhinho assim ela já dá flor... [Doc.: uhum ((concordando))] entendeu?... por isso que dá muito mais rápido [...]

## ANEXO 2

### Ocorrências de Pretônica /e/

#### 2.1. Alçamento Categórico

<b>alegria</b>	<b>medida (s)</b>	<b>perseguida</b>
<b>avenida</b>	<b>menina (o)</b>	<b>prateleira</b>
<b>bezerro</b>	<b>menininha (o)</b>	<b>prateleirinha</b>
<b>cemitério</b>	<b>mentira</b>	<b>preguiçosa</b>
<b>cidadezinha</b>	<b>partezinha</b>	<b>quesito</b>
<b>desastrosa</b>	<b>pedido</b>	<b>seguro</b>
<b>desbotada</b>	<b>pequenina (o)</b>	<b>senhora (s)</b>
<b>descrição</b>	<b>pequeninha (o)</b>	<b>seringa</b>
<b>despachante</b>	<b>perigo</b>	<b>vesícula</b>
<b>destino</b>	<b>perigoso</b>	<b>vestido</b>
<b>fedido</b>	<b>periquito</b>	<b>vestidinho</b>

#### 2.2. Alçamento Variável

<b>anemia</b>	<b>melhor</b>	<b>segurança</b>
<b>desafio</b>	<b>pequena (o)</b>	<b>sentido</b>
<b>ferido</b>	<b>querida (o)</b>	<b>tangerina</b>
<b>futebol</b>	<b>seguinte</b>	
<b>intestino</b>	<b>segunda (o)</b>	



### 2.3. Alçamento Bloqueado

<b>ab</b> ertura	arquitetura	<b>bet</b> ume
acon <b>ch</b> egante	<b>arrep</b> endido	<b>cab</b> ecinha
acon <b>tec</b> imento	arsenal	<b>cab</b> elinho
adol <b>esc</b> ência	art <b>es</b> iano	car <b>acter</b> ística (s/o)
adol <b>es</b> cente	<b>assemb</b> léia	<b>cat</b> edral
<b>adren</b> alina	<b>ass</b> essor (es)	<b>cat</b> egoria (s)
<b>af</b> etividade	ass <b>ist</b> encialismo	<b>cate</b> quese
<b>ag</b> ressiva	<b>at</b> enção	<b>cate</b> quista
<b>ag</b> ressividade	<b>at</b> endimento	<b>ceb</b> ola
alfab <b>et</b> ização	<b>at</b> entado (s)	<b>cel</b> ular
alim <b>en</b> tação	<b>at</b> estado	<b>cen</b> oura
al <b>ter</b> ação	audi <b>om</b> etria	<b>cent</b> ral
amadure <b>ci</b> mento	<b>av</b> entura	<b>cerr</b> adão
<b>amed</b> rontada	batedeira	<b>cerr</b> ado
<b>amer</b> icano	<b>beb</b> edouro	<b>cert</b> eza
<b>anel</b> ado	<b>beb</b> ezinho	<b>cer</b> veja
<b>an</b> estesia	<b>beb</b> idas	<b>cer</b> vejinha
<b>an</b> estésica (o)	<b>be</b> leza	<b>ces</b> área
an <b>iv</b> ersário	<b>bel</b> iche	<b>ces</b> ariana
apare <b>ci</b> mento	<b>ben</b> dita (o)	<b>cic</b> erones
ap <b>er</b> tadinho	<b>ber</b> muda	<b>cob</b> ertura
ap <b>os</b> entadoria	<b>ber</b> rante	<b>col</b> egial
a <b>que</b> cido	<b>bet</b> erraba	<b>col</b> esterol

coletiva	<b>defeito</b>	documentação
colherada	<b>definição</b>	<b>elementar</b>
comecinho	<b>deformada (o)</b>	<b>eletrônico</b>
comercial	<b>delegacia</b>	<b>energia</b>
competência	<b>delegado</b>	<b>enfermeira</b>
competente	<b>delícia</b>	enlouquecedoura
competição	<b>deliciosa</b>	<b>espessura</b>
competitiva	<b>democracia</b>	<b>esquecimento</b>
competitividade	<b>dentinho</b>	evangelização
concessionária	<b>dentista (s)</b>	<b>experiência (s)</b>
condensado	<b>departamento</b>	<b>experimentos</b>
congestionamento	<b>descendente</b>	<b>extremidades</b>
conhecimento	<b>desejo (s)</b>	<b>federal</b>
conseqüência (s)	<b>desenho (s)</b>	<b>fedor</b>
constrangedor (a)	<b>detalhes</b>	<b>felicidade</b>
contemporânea	<b>devoção</b>	<b>feliz (es)</b>
corredor	<b>devolutas</b>	<b>feminina (s/o/os)</b>
correria	<b>diferença</b>	<b>fermento</b>
corretiva	<b>diferente (s)</b>	<b>fervente</b>
corretor (es)	<b>direção</b>	<b>fervura</b>
cremosa (o)	<b>diretora</b>	<b>festivais</b>
<b>decisão</b>	<b>diretoria</b>	fisioterapeuta
<b>decisiva (o)</b>	<b>dissertativo</b>	fisioterapia
<b>decoreação</b>	<b>diversificada</b>	<b>frescura</b>
<b>dedicação</b>	<b>divertida (o)</b>	<b>fundamental</b>

<b>geladeira</b>	<b>internada</b>	<b>melhores</b>
<b>geladinho</b>	<b>interpretações</b>	<b>memória</b>
<b>gelatinosa</b>	<b>intervalo</b>	<b>mensagem</b>
<b>geração</b>	<b>invejosa</b>	<b>mercado</b>
<b>geral</b>	<b>invenção</b>	<b>mercadoria</b>
<b>gestação</b>	<b>jejum</b>	<b>merenda</b>
<b>homossexual</b>	<b>juventude</b>	<b>mesária</b>
<b>homossexualidade</b>	<b>lateral (is)</b>	<b>mesinha</b>
<b>impressão</b>	<b>legal</b>	<b>metade</b>
<b>incentivo</b>	<b>legislativo</b>	<b>metal</b>
<b>incompetente</b>	<b>legume (s)</b>	<b>metálica</b>
<b>independente</b>	<b>lembrança (s)</b>	<b>metódico</b>
<b>indiferente</b>	<b>letivo</b>	<b>misericórdia</b>
<b>infeliz</b>	<b>letrado</b>	<b>moderado</b>
<b>ingrediente (s)</b>	<b>liberdade</b>	<b>molecada</b>
<b>injeção (ões)</b>	<b>manutenção</b>	<b>molecadinha</b>
<b>inspeção</b>	<b>matemáticos</b>	<b>necessária (s/o)</b>
<b>inspetores</b>	<b>material (is)</b>	<b>necessidade</b>
<b>integral</b>	<b>materialista</b>	<b>negativo</b>
<b>inteligente</b>	<b>maternal</b>	<b>negócio (s)</b>
<b>intenção (ões)</b>	<b>maternidade</b>	<b>nervosa (o)</b>
<b>interessados</b>	<b>mecânica (o/os)</b>	<b>obesidade</b>
<b>interessante (s)</b>	<b>medalha</b>	<b>objetivo (s)</b>
<b>interesse</b>	<b>medicação</b>	<b>observação</b>
<b>interferência</b>	<b>medrosa</b>	<b>ordenada (o)</b>

<b>orelhão</b>	<b>pescadores</b>	<b>presidente</b>
<b>papelão</b>	<b>pescoço</b>	<b>pressão</b>
<b>paternal</b>	<b>pesqueiro</b>	<b>presunto</b>
<b>paternalismo</b>	<b>pesquisa (s)</b>	<b>prevenção</b>
<b>pedacinho</b>	<b>pesquisador</b>	<b>probleminha (s)</b>
<b>pedaço (s)</b>	<b>pessoa (s)</b>	<b>procedimento</b>
<b>pedagógicos</b>	<b>peteca</b>	<b>professor (a/as/es)</b>
<b>pediatra</b>	<b>pinceladas</b>	<b>progressão</b>
<b>pelúcia</b>	<b>pipetador</b>	<b>proteção</b>
<b>peneira</b>	<b>planejamento</b>	<b>protetores</b>
<b>pensadores</b>	<b>polegadas</b>	<b>quentura</b>
<b>pensamento</b>	<b>potencial</b>	<b>questão</b>
<b>pensão</b>	<b>precária (o)</b>	<b>questionamento</b>
<b>perdida</b>	<b>preciosa</b>	<b>questionário</b>
<b>perfeita (o)</b>	<b>precisão</b>	<b>rebanhos</b>
<b>perfeitinha</b>	<b>precoce (s)</b>	<b>reboque</b>
<b>perfil</b>	<b>prefeito</b>	<b>receio</b>
<b>perguntas</b>	<b>prefeitura</b>	<b>receita (s)</b>
<b>periferia</b>	<b>preferência</b>	<b>recheio</b>
<b>periférica</b>	<b>preferencial</b>	<b>recreio</b>
<b>período (s)</b>	<b>preparação</b>	<b>recurso (s)</b>
<b>pernilongo</b>	<b>preposição</b>	<b>refeições</b>
<b>perseguições</b>	<b>prepotente</b>	<b>referência</b>
<b>pesadelo</b>	<b>presença</b>	<b>reforço</b>
<b>pesado</b>	<b>presente</b>	<b>reforma</b>

<b>refratária</b>	<b>reserva</b>	<b>semana</b>
<b>refrigerador</b>	<b>reservado</b>	<b>semanal (is)</b>
<b>refúgio</b>	<b>resfriadinho</b>	<b>seminário</b>
<b>regaço</b>	<b>resfriado</b>	<b>sensação</b>
<b>região</b>	<b>resgate</b>	<b>sensacionalismo</b>
<b>registro</b>	<b>respeito</b>	<b>sensível</b>
<b>relação</b>	<b>responsabilidade</b>	<b>sentimento</b>
<b>relacionamento</b>	<b>responsável</b>	<b>sermão</b>
<b>relato</b>	<b>resposta</b>	<b>serventia</b>
<b>religião</b>	<b>restaurante</b>	<b>serviço</b>
<b>religiões</b>	<b>restrição</b>	<b>setor</b>
<b>religiosa (o/os)</b>	<b>resultado</b>	<b>severa</b>
<b>reliquia</b>	<b>retalho</b>	<b>sistemática (o)</b>
<b>relógio</b>	<b>retrato (s)</b>	<b>sugestão</b>
<b>remédio (os)</b>	<b>retrógrada</b>	<b>superior</b>
<b>remuneração</b>	<b>retrovisor</b>	<b>suspensão</b>
<b>rendimento</b>	<b>revista (s)</b>	<b>telefone (s)</b>
<b>repetitivas</b>	<b>revolução</b>	<b>telefonema</b>
<b>repolho</b>	<b>secante</b>	<b>telefônico</b>
<b>reportagem (s)</b>	<b>secretaria</b>	<b>telefonista</b>
<b>repouso</b>	<b>secretário</b>	<b>televisão</b>
<b>represa</b>	<b>segmentos</b>	<b>telhado</b>
<b>repressão</b>	<b>segredo (s)</b>	<b>tempão</b>
<b>república</b>	<b>seleção</b>	<b>temperamento</b>
<b>requeijão</b>	<b>semáforo</b>	<b>temperos</b>

<b>tempestade</b>	<b>vergonha</b>
<b>tempinho</b>	<b>vermelha (o)</b>
<b>temporário</b>	<b>vermelhão</b>
<b>tendência</b>	<b>vestiário (s)</b>
<b>tentativa</b>	<b>vestibular</b>
<b>terreninho</b>	<b>veterinário</b>
<b>terreno</b>	
<b>território</b>	
<b>terrível</b>	
<b>testemunho</b>	
<b>textura (s)</b>	
<b>transferência</b>	
<b>tremenda</b>	
<b>tuberculose (o)</b>	
<b>tutelar</b>	
<b>universidade (s)</b>	
<b>universitária (o/os)</b>	
<b>utensílio</b>	
<b>valentão (ona)</b>	
<b>velocidade</b>	
<b>vendedor (a)</b>	
<b>ventilador</b>	
<b>verdade</b>	
<b>verdadeira (o)</b>	
<b>verdura (s)</b>	

## ANEXO 3

### Ocorrências de Pretônica /o/

#### 3.1. Alçamento Categórico

agonia	mercadoria
algodão	mochila
almofada	molecada
bonita (o)	molecadinha
bonitinha (o)	moleques
botina (s)	monitoramento
coberta (o/os)	monitoras
colher (es)	moranga
colherada	polenta
comida	polícia
comprida (s)	policial (ais)
cortina	possível
costume (s)	sobrinha (o/as/os)
costura	
costureira	
domingo (s)	
escondido	
frigorífico	
gordura	
impossíveis	

### 3.2. Alçamento Variável

<b>começo</b>	<b>fogão</b>	<b>política</b>
<b>conversa (s)</b>	<b>governo (s)</b>	<b>político</b>
<b>cozinha</b>	<b>motivo (s)</b>	<b>português</b>
<b>cozinheira</b>	<b>notícia</b>	

### 3.3. Alçamento Bloqueado

<b>abarroado</b>	<b>apavorado (s)</b>	<b>brotinho</b>
<b>absoluta</b>	<b>aposentadoria</b>	<b>burocrática</b>
<b>absorvente</b>	<b>aprovação</b>	<b>categoria (s)</b>
<b>achocolatado</b>	<b>arrozinho</b>	<b>chocolate</b>
<b>aconchegante</b>	<b>automático</b>	<b>cobalto</b>
<b>acontecimento</b>	<b>autoridade</b>	<b>cobertura</b>
<b>adolescência</b>	<b>autorização</b>	<b>cobrança</b>
<b>adolescente</b>	<b>bobagem</b>	<b>colchão (ões)</b>
<b>advogados</b>	<b>bolachas</b>	<b>colega (s)</b>
<b>aeroporto</b>	<b>bolsinha</b>	<b>colegial</b>
<b>almoxarifado</b>	<b>borbulha</b>	<b>colégio</b>
<b>aloprados</b>	<b>bordado (s)</b>	<b>colesterol</b>
<b>alvorçados</b>	<b>borracha</b>	<b>coletiva</b>
<b>amoroso</b>	<b>botão</b>	<b>colírio</b>
<b>anotação (ões)</b>	<b>bronquite</b>	<b>colorida (o)</b>



<b>coluna</b>	<b>computador (es)</b>	<b>conivência</b>
<b>comando</b>	<b>comum</b>	<b>conjunto</b>
<b>combinação</b>	<b>comunhão</b>	<b>conotação</b>
<b>comecinho</b>	<b>comunicação</b>	<b>conselho</b>
<b>comédia</b>	<b>comunicado</b>	<b>consequência (s)</b>
<b>comercial</b>	<b>comunicativa (o)</b>	<b>consideração</b>
<b>comércio</b>	<b>comunidade</b>	<b>consistência</b>
<b>comissão</b>	<b>concerto</b>	<b>consistente</b>
<b>comodidade</b>	<b>concessionária</b>	<b>consultório</b>
<b>comovente</b>	<b>concorrente</b>	<b>contador</b>
<b>comovida (o)</b>	<b>concreta (o/as)</b>	<b>contato</b>
<b>compadre</b>	<b>concurso (s)</b>	<b>contemporânea</b>
<b>companhia</b>	<b>condensado</b>	<b>contente</b>
<b>competência</b>	<b>condição</b>	<b>contexto</b>
<b>competente</b>	<b>condições</b>	<b>continuidade</b>
<b>competição</b>	<b>condomínio</b>	<b>contorno</b>
<b>competitiva</b>	<b>conduta</b>	<b>contrário</b>
<b>competitividade</b>	<b>confiança</b>	<b>controle</b>
<b>completa</b>	<b>confiante</b>	<b>convicção</b>
<b>complicada (o)</b>	<b>conflito (s)</b>	<b>convivência</b>
<b>comportamento</b>	<b>conforto</b>	<b>coqueiros</b>
<b>compostos</b>	<b>confusão</b>	<b>coração</b>
<b>comprimento</b>	<b>congestionamento</b>	<b>coragem</b>
<b>compromisso</b>	<b>conhaque</b>	<b>corajosa (o)</b>
<b>comprovantes</b>	<b>conhecimento</b>	<b>coronel</b>

<b>corredor</b>	<b>doutorado</b>	<b>incompetente</b>
<b>correria</b>	<b>ecologia</b>	<b>moderado</b>
<b>corretiva</b>	<b>elaboração</b>	<b>polegadas</b>
<b>correto</b>	<b>emoção</b>	<b>potencial</b>
<b>corretor (es)</b>	<b>emocionante</b>	<b>preposição</b>
<b>corrida</b>	<b>erosão</b>	<b>prepotente</b>
<b>corrido</b>	<b>estojinho</b>	<b>problema (s)</b>
<b>corrupção</b>	<b>evolução</b>	<b>probleminha (s)</b>
<b>cosméticos</b>	<b>explosão</b>	<b>procedimento</b>
<b>crocante</b>	<b>exportadoras</b>	<b>processo</b>
<b>crochê</b>	<b>exposição</b>	<b>precissões</b>
<b>decoreação</b>	<b>filosofia</b>	<b>produção</b>
<b>deformada (o)</b>	<b>fofoca</b>	<b>produtos</b>
<b>democracia</b>	<b>folhinhas</b>	<b>professor (a/as/es)</b>
<b>devoção</b>	<b>formação</b>	<b>profissão (ões)</b>
<b>devolutas</b>	<b>formato</b>	<b>profissional (is)</b>
<b>diretoria</b>	<b>formatura</b>	<b>profunda</b>
<b>disposição</b>	<b>forminha</b>	<b>profundidade</b>
<b>distorcida</b>	<b>fotografia (s)</b>	<b>programa (s)</b>
<b>docente</b>	<b>frigorífico</b>	<b>programação</b>
<b>docentes</b>	<b>gordinha</b>	<b>progressão</b>
<b>documento (s)</b>	<b>gostosa (o)</b>	<b>progresso</b>
<b>dolorido</b>	<b>hemofilia</b>	<b>projeto (s)</b>
<b>domésticos</b>	<b>homossexual</b>	<b>prolongamento</b>
<b>domínio</b>	<b>homossexualidade</b>	<b>promessa</b>

<b>propaganda</b>	<b>roseira</b>	<b>tecnologia</b>
<b>proposta</b>	<b>rotina</b>	<b>telefonema</b>
<b>propriedade (s)</b>	<b>sabonete</b>	<b>telefonista</b>
<b>proteção</b>	<b>saborzinho</b>	<b>temporário</b>
<b>protesto</b>	<b>social</b>	<b>tijolinho</b>
<b>protetores</b>	<b>sociedade</b>	<b>tomate (s)</b>
<b>província</b>	<b>socorro</b>	<b>tonalidades</b>
<b>provisão</b>	<b>sofá</b>	<b>torneira (s)</b>
<b>provisória</b>	<b>sofrimento</b>	<b>tostadinho</b>
<b>reportagem (s)</b>	<b>solidez</b>	<b>totalitárias</b>
<b>responsabilidade</b>	<b>solteira (o)</b>	<b>trombose</b>
<b>responsável</b>	<b>soltinho</b>	<b>velocidade</b>
<b>retrovisor</b>	<b>solução</b>	<b>vocabulário</b>
<b>revolução</b>	<b>sopinhas</b>	<b>vontade</b>
<b>rodela</b>	<b>sorriso</b>	<b>votação</b>
<b>rodovia</b>	<b>sorvete</b>	
<b>rodoviária</b>	<b>sotaque</b>	

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, UNICAMP, Campinas, n.2, p. 23-45, 1981.

ABAURRE, B; PAGOTO, E. Nasalização no português do Brasil. In: KOCH, I. G.V. (org.). **Gramática do Português Falado**, v. 6, p. 495-522, 1996.

ABREU, A. de. Cana-de-açúcar atinge última fronteira no noroeste paulista. **Bom Dia Rio Preto**, São José do Rio Preto. 10 set. 2006. Disponível em: <<http://www.bomdiariopreto.com.br/index.asp?jbd=1&id=240&mat=42031>>. Acesso em: 21 nov. de 2007.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O Sistema Vocálico do Português. In: BISOL, L. (org.). **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 159-194, 1999.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. 280f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. A variação da pretônica na diacronia do português. **Letras de Hoje**, UFRGS, Porto Alegre, n.54, p.81-97, 1983.

\_\_\_\_\_. A Harmonização Vocálica na fala culta: dados do Projeto NURC. **D.E.L.T.A.**, PUC, São Paulo, v.4, n.1, p. 1-20, 1988.

BORTONI, S. M., et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, UNICAMP, Campinas, v. 20, p. 75-90, 1991.

BRESCANCINI, C. R. A Análise de Regra Variável e o Programa Varbrul 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) **Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-75, 2002.

CAGLIARI, L. C. **Fonologia do Português: Análise pela Geometria de Traços**. Campinas: Edição do Autor, 1997.

CALLOU, D.; LEITE, Y. As vogais pretônicas no falar carioca. **Estudos Lingüísticos e Literários**, UFBA, Salvador, n. 5, p. 151-162, 1986.

\_\_\_\_\_. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, UFRGS, Porto Alegre, v. 18, p. 71-78, 1991.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. **Letras de Hoje**, UFRGS, Porto Alegre, v.37, n.1, p. 9-24, 2002.

CALLOU, D. et. al. Um problema na fonologia do português: variação das vogais pretônicas. In: PEREIRA, C. da C. & PEREIRA, P. R. D.(orgs.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.59-70, 1995.

CAMARA JR., J. M. **Problemas de Lingüística Descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, J.G. H. de. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor das grafemas *e* e *o* em sílaba átona. **Estudos Lingüísticos**. Coimbra: Atlântida Editora, 1969.

CEDERGREN, H. J; SANKOF, D. Variable rules: performance as statistical reflection of competence, **Language**, v. 50, n. 2, p.333-355, 1974.

CELIA, G. F. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia**. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

D'ANGELIS, W. da R. Sistema Fonológico do Português: Rediscutindo o Consenso. **D.E.L.T.A.**, PUC, São Paulo, v.18, n.1, p. 1-24, 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502002000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502002000100001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 ago. 2007.

ENNES, M. A. Imigração e Direitos na Região Noroeste Paulista. **Estudos de Sociologia**, UFPE, Recife, v.12, n.1, p. 53-78, 2006. Disponível em:<[http://www.politicohoje.com/sociologia/publicacoes/publicacao\\_1\\_9.pdf](http://www.politicohoje.com/sociologia/publicacoes/publicacao_1_9.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2007.

FREITAS, S. A. **As vogais pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual da Paraíba, Belém, 2001.

GUIOTTI, L. P. **O estudo da variante retroflexa na comunidade de São José do Rio Preto**. 2002. 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

HERNADORENA, C. M. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.). **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 11-79.

HISTÒRIA de São José do Rio Preto. In: PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2007. Disponível em: <<http://www.riopreto.sp.gov.br/cpub/pt/historia/geografia/php>>. Acesso em: 19 nov. 2007.

LABOV, W. Sociolinguistic patterns. **Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972**.

\_\_\_\_\_. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, University of Pennsylvania, Philadelphia, v. 57, n. 2, p. 267-308, 1981.

LEMLE, M. Analogia na morfologia: estudo de um caso. **Revista Brasileira de Linguística**, Petrópolis, n. 1, p. 16-21, 1974.

MAPA da Localização do Município de São José do Rio Preto. Brasília: Ministério da Saúde. Surto e Emergências em Saúde Pública. 2006. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=25043](http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar_texto.cfm?idtxt=25043)> Acesso em: 20 nov. 2007.

MAPA da Região Administrativa de São José do Rio Preto. São Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento. Levantamento de informações desenvolvido pela Coordenadoria de Planejamento e Avaliação (CPA) e pela Unidade de Assessoria Econômica (UAE), 2007. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <<http://www.planejamento.sp.gov.br/AssEco/extos/SJRioPreto.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2007.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, A. J. **Estudos Diacrônicos**. Trad. Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

OLIVEIRA, M. A. Variável Linguística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. **D.E.L.T.A.**, PUC, São Paulo, v. 3, n.1, p. 19-34, 1987.

\_\_\_\_\_. Aspectos da Difusão Lexical. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 1, p. 31-41, 1992.

\_\_\_\_\_. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de Estudos da Linguagem**, UFMG, Belo Horizonte, v. 4, n.1, p. 75-91, 1995.

PEREIRA, R. C. M. A Harmonização Vocálica e a Variação das Médias Pretônicas. In: Dermeval da Hora (org). **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: UFPB, 2004.

PRANDO, C. M. M. **A presença do r-retroflexo no português falado na cidade de São José do Rio Preto**. 2000. 35f. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Estudos Avançados em Linguística e L. Portuguesa). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2000.

PRETI, D. **Estudos da língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RÚBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na Região Noroeste do Estado de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SCHWINDT, L. C. The brazilian portuguese prefix: prosodic and lexical analysis. **D.E.L.T.A.**, PUC, São Paulo, v.17, n.2, 2001. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502001000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000200001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 de ago. 2007.

\_\_\_\_\_. A regra variável de Harmonização Vocálica no RS. In: BISOL, L. & BRESCANCINI, C. (orgs). **Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.161-182, 2002.

SILVA, M. B. Um traço regional na fala culta de Salvador. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, p. 79-89, 1991.

SILVA, T.C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2000.

TARALLO, F. **Tempos Lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **A pesquisa sociolingüística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa Editora 1982.

VETORAZZO, A. F. R. **O uso de ‘seu’ e ‘dele’ na língua falada de São José do Rio Preto**. 2002. 17f. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Estudos Avançados em Lingüística e Língua Portuguesa). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

VIEGAS, M do C. **Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística**. 231f. 1987. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

\_\_\_\_\_. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 284f. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

\_\_\_\_\_. O alçamento de vogais médias pretônicas e as conseqüências de diferentes recortes na amostragem. **Letras de Hoje**, UGRGS, Porto Alegre, v.38, p.307-18, 2003.